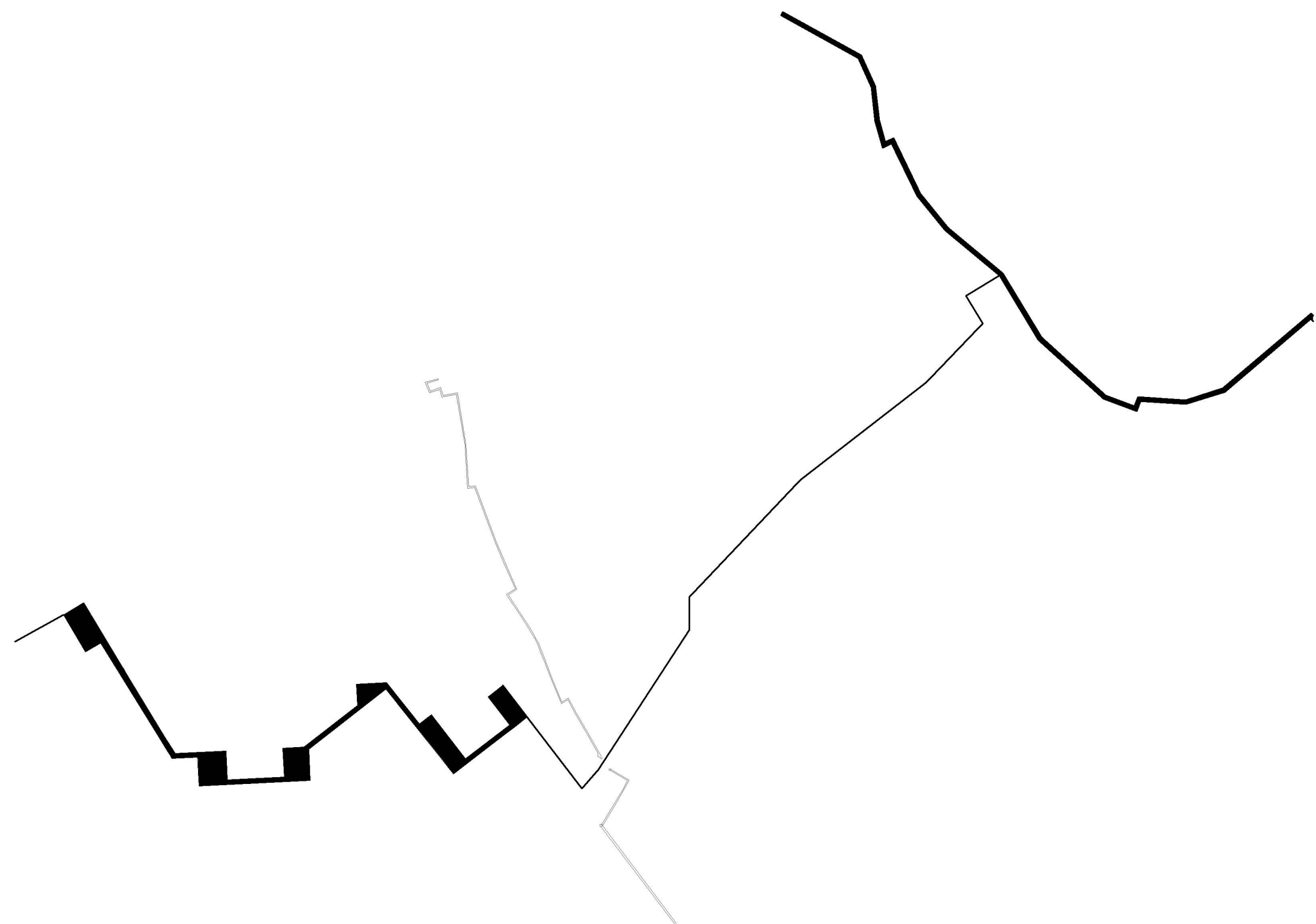


EIXO CULTURAL

PERCURSO PEDONAL DE LIGAÇÃO ENTRE O CENTRO-HISTÓRICO DE ÉVORA E O BAIRRO DA MALAGUEIRA

Dissertação: projecto/tese Orientador: Arquitecto Daniel Jiménez

Universidade de Évora_ Departamento de Arquitectura 2009_2011 Ana Gabriela Macedo Pratas _21411



AGRADECIMENTOS

À minha família, a quem sou muito agradecida pela paciência e incentivo recebidos ao longo destes últimos anos.

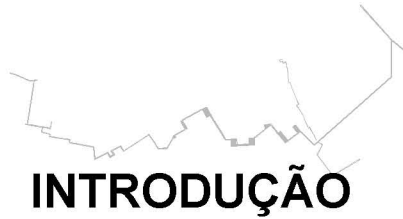
Ao arquitecto Daniel Jimenez, orientador da dissertação, agradeço o apoio, a partilha do saber e as valiosas contribuições para o trabalho.

Ao arquitecto João Trindade, professor de projecto, respectivo ao trabalho prático da presente dissertação, pelo excelente apoio e disponibilidade em cooperar nas várias fases do projecto.

Aos meus grandes amigos Eborenses com quem partilhei as muitas horas de trabalho e pelo valioso apoio que me deram ao longo de todos estes anos.

ÍNDICE

001	Introdução
005	Objectivos
005	Programa
007	ESTADO GLOBAL
025	ESTADO GERAL
047	ESTADO LOCAL
087	ESTADO GLOCAL
091	Conclusão
093	Notas
095	Bibliografia
097	Fontes das ilustrações



INTRODUÇÃO

A presente dissertação é relativa ao trabalho elaborado no âmbito da disciplina de projecto avançado III do ano lectivo 2009_2010. Este exercício tem como objectivo um projecto que pretende resolver uma ligação pedonal - através de um programa cultural: biblioteca, cafetaria, espaços expositivos e três auditórios multifunções - entre o Centro-Histórico de Évora e o Bairro da Malagueira.

Aproveitando este mesmo percurso, propõe-se a reflexão e análise de um eixo urbano em Évora. A estrutura do trabalho apresenta-se em quatro partes, correspondentes a quatro escalas diferentes da mesma proposta. O Estado Global refere-se à escala da cidade; no Estado Geral coloca-se o problema das ligações entre centro urbano e periferia; o Estado Local focaliza-se na proposta, ou seja a elaboração de um percurso pedonal de ligação com um programa funcional proposto; e por último, conclui-se com o Estado Glocal que se baseia na elaboração de uma estratégia operativa Global, com base na estrutura Local.

Na primeira parte, pretende-se uma análise crítica das diversas mutações ocorridas no cadastro da cidade e que levaram à incoerência da mesma enquanto estrutura urbana. Neste ponto, chamemos-lhe Estado Global. Apresentam-se várias observações críticas de arquitectos contemporâneos relativamente à ausência de um planeamento de expansão das cidades no pós século XIX e XX; consequências da industrialização, do êxodo rural e do "rasgar" do automóvel. Neste sentido apresentam-se

propostas cirurgicas urbanas, tendo como base posturas *humanistas* de alguns arquitectos da segunda metade do século XX.

Na segunda parte, intitulada de Estado Geral, é abordada a questão das ligações em cidade, especificamente entre o Centro-Histórico de Évora e o Bairro da Malagueira. Reconhece-se a problemática, para depois apresentar uma proposta com base em algumas estratégias discutidas ao longo da história, fundamentalmente nas teorias de Le Corbusier e do Team X.

A terceira parte, o Estado Local, é centrada no projecto prático. Neste capítulo, procura-se fazer uma análise e paralelismo da proposta com alguns projectos elaborados pelos membros do Team X, denominados de *Mat-Buildings*. Conclui-se esta dissertação com o Estado Glocal. Pretende-se a aceitação da hipótese/ projecto, não como uma imposição, mas antes como um sistema tipológico que responde ao problema das ligações entre o Centro-Histórico de Évora e os diversos bairros periféricos. Sistema esse que se baseia numa infra-estrutura - uma ligação pedonal com um programa cultural associado, que procura transformar a acção de percorrer de forma dinâmica e acessível a todos. Ultrapassando, deste modo, o estigma distância - tempo psicológico.

fig.1
évora



fig.2
fotografia aérea
évora





local de intervenção

OBJECTIVOS

Desenvolvimento de estratégias operativas que permitam re-equacionar a possibilidade de ligação pedonal entre o Centro Histórico da Cidade de Évora e os bairros habitacionais periféricos, no caso presente o Bairro da Malagueira.

Concepção de um percurso público pedonal articulado com o programa funcional proposto.

PROGRAMA

Biblioteca/ Arquivo Municipal de Évora - extensão das instalações actuais

salas de leitura de grupo e individuais, consulta de reservados e periódicostratamento de edições e câmara de expurgoadministração, salas de reuniões espaços técnicos e bibliotecário

Salas de ensaio/ Auditórios multifunções - cinema teatro, dança, conferências, congressos

auditório 1x1000 pessoas

auditório 1x500 pessoas

auditório 1x200 pessoas

átrio, foyer, cafetaria, bengaleiro, arrumos e apoios

-palco e backstage

espaços técnicos de apoio - régie e áreas técnicas

Áreas de Exposições

sala principal com 500m², salas secundárias 2x150m²

espaços técnicos de apoio à montagem de exposições e arrumos de embalagens

espaços administrativos

Átrio geral do conjunto, Átrio de cargas e descargas e núcleo oficial, Administração geral

Cafetaria

01 ESTADO GLOBAL

"O lento passar do tempo e a escassez de meios trouxeram até nós um espaço construído sedimentado, muito ligado às próprias características físicas do território e do sítio. Um espaço onde ainda existe a diferenciação entre campo e aglomerado urbano, e onde o construído muitas vezes se funde com a própria paisagem. Marcado pela presença dos "montes", no horizonte - ou talvez já só na nossa memória -, construções robustas, espaços definidos e concretos, sobre um território vasto, etéreo, sem fim. A expressão da massa, a solidez da construção, a definição dos volumes, o silêncio dos vazios, o recorte das sombras nos muros. Um espaço de memória. Do tempo dos árabes, ou do tempo da reforma agrária. Memórias afastadas pela erosão.

Aqui o tempo ganha protagonismo. Sobrepõem-se diferentes velocidades. O tempo extenso dos homens sentados frente ao café da aldeia, a observar, e o tempo de quem percorre apressadamente a estrada, de carro e telemóvel, atravessando a paisagem, entre povoações. Do tempo indispensável para pensar, construir e habitar ao tempo da vida contemporânea, aparentemente desadaptado a este território." (1)

João Matos
(in: *habitar portugal 2003/2005*)

A cidade de Évora tem o seu Centro-Histórico consolidado numa colina, atinge cerca de trezentos metros de altitude, e é rodeada pela árida planície alentejana, de cores pastel, onde as suas origens agrícolas são, ainda hoje, vinculativas. O seu perfil, bem

vincado pela presença da Sé no topo, espraia-se desde o centro romano passando pela cidade medieval, limitada pelas suas muralhas, até às expansões mais recentes no seu entorno. Cidade caracterizada por vários layers históricos, é marcada por monumentos de significativa imponência, sendo que a restante estrutura urbana esconde-se por entre ruas e travessas nos seus consolidados quarteirões. Évora é, sem dúvida, uma cidade de escala humana, onde, até ao século passado, *vivia ao ritmo da carroça e dos ciclos agrícolas, onde a viação acelerada, como então se dizia do comboio, nunca foi motor de progresso.* (2) Face à ausência de evolução a cidade encontrou numa imagem patrimonial o alimento para o futuro.

évora
problemática

perfil da cidade
évora

aqueduto da água de prata

sé



01 ESTADO GLOBAL

Resultado de várias sobreposições e intenções, a cidade apresenta hoje uma imagem fragmentada - consequência do próprio tempo e da escala das novas infra-estruturas de mobilidade, assim como da descentralidade dos novos espaços públicos.

Enquanto no Centro-Histórico manteve-se a sua estrutura coesa, de escala delicadamente humana, na envolvente, as expansões urbano/industriais, relativamente recentes, apresentam-se com grande variedade morfológica e tipológica, o que dificulta a leitura da cidade como um todo coerente.

Para a compreensão deste fenómeno cita-se o Regulamento Geral de Construção Urbana para a cidade de Évora, de 1937, onde se verifica o surgir de toda a problemática actual com a clara divisão da cidade em três zonas urbanas distintas:

“A cidade de Évora é, pelo seu valor intrínseco, de interesse nacional, devendo, por isso, manter-se a sua fisionomia sem alterações que a prejudiquem. Há, no entanto, tendências acentuadas para a sua expansão extra - muros, tendo como linha de partida a chamada estrada de circunvalação. Devem pois estabelecer-se três zonas de construção, segundo o interesse arquitectónico: Primeira - A cidade antiga. Segunda - A estrada da circunvalação e Avenida do Doutor Barahona. Terceira - A restante parte extra-muros”. (3)

Capítulo II da divisão da cidade em zonas - Artigo terceiro

Como seria evidente, esta estratificação obrigaria à existência de planos urbanos extra-muros que, por negligência ou pouca ambição, não foram concebidos, à excepção do plano de Étienne Gröer, de 1942, que ainda que tenha recusado um crescimento lógico radial, concebeu uma parcela da cidade relativamente coesa. E do plano de Álvaro Siza Vieira (1933) para o Bairro da Malagueira - uma expansão planeada e organizada, datada de 1977, no âmbito do programa SAAL.

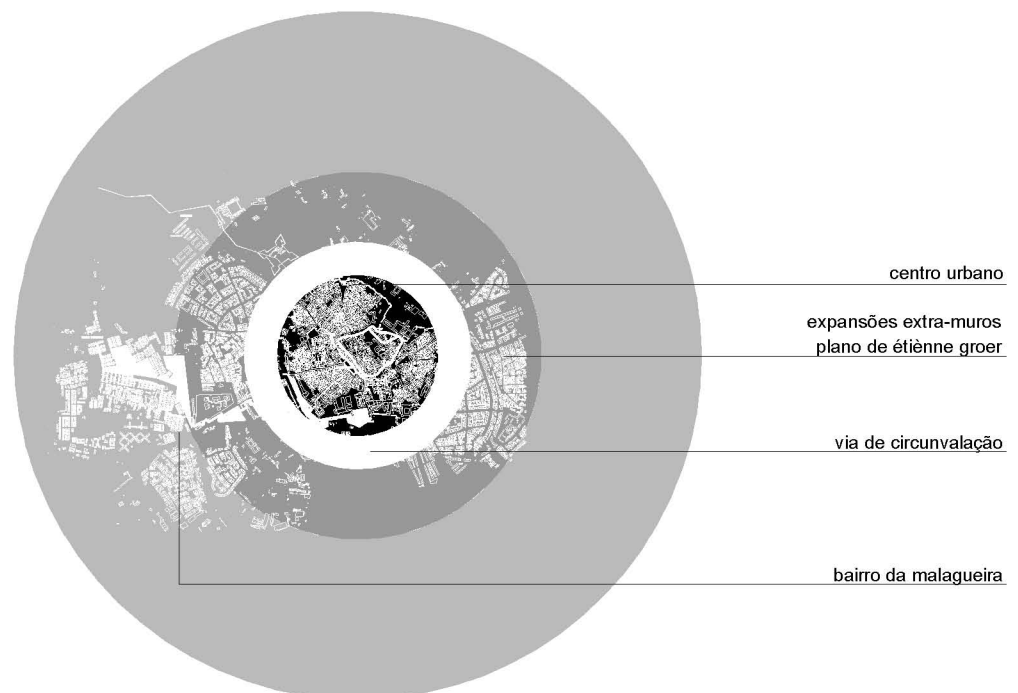
No entanto, as restantes expansões são, em geral, carentes de continuidade e de qualificação do espaço urbano sendo caracterizadas apenas como pequenos núcleos de acolhimento à população, fruto do êxodo rural.

Dessa carente expansão, destacam-se ainda os bairros proletários, surgidos sobretudo na segunda metade do século XX. Resultado da especulação imobiliária, estes bairros situam-se numa periferia longínqua à cidade intra-muros. Isolados e intercalados por terrenos agrícolas sub-explorados, o seu crescimento surgiu num sentido inverso ao normal, aproximando-se lentamente da cidade. É, com essa posição dos bairros relativamente à cidade que começam a surgir terrenos intersticiais, os chamados *não lugares*, privados de planeamento urbano efectivo e situados entre vias de circulação rodoviárias. Entre os demais interstícios destaca-se ainda a larga cintura em torno da muralha medieval que, acentuada por uma via circular, é considerada por muitos inultrapassável.

évora
problemática

planta esquemática

a densidade urbana vai diminuindo,
gradualmente, do centro para a periferia



01 ESTADO GLOBAL

Hoje reconhece-se que o problema da cidade tem a sua base na desedificação destes terrenos expectantes - cidade-periferia - impedindo a leitura da cidade como um todo urbano e coeso e ferindo a noção de distância - tempo entre os bairros habitacionais e o Centro-Histórico. Situando-se a maioria dos serviços, intra-muros, a população desloca-se inevitavelmente de transporte privado acentuando o problema com uma crescente construção de vias de circulação rodoviárias e a ocupação dos terrenos vazios para estacionamento.

Surgem as questões: Como ligamos a periferia ao centro - histórico? E o peão? Será que faz sentido acentuar as deslocações de automóvel numa cidade relativamente pequena e de baixa densidade populacional?

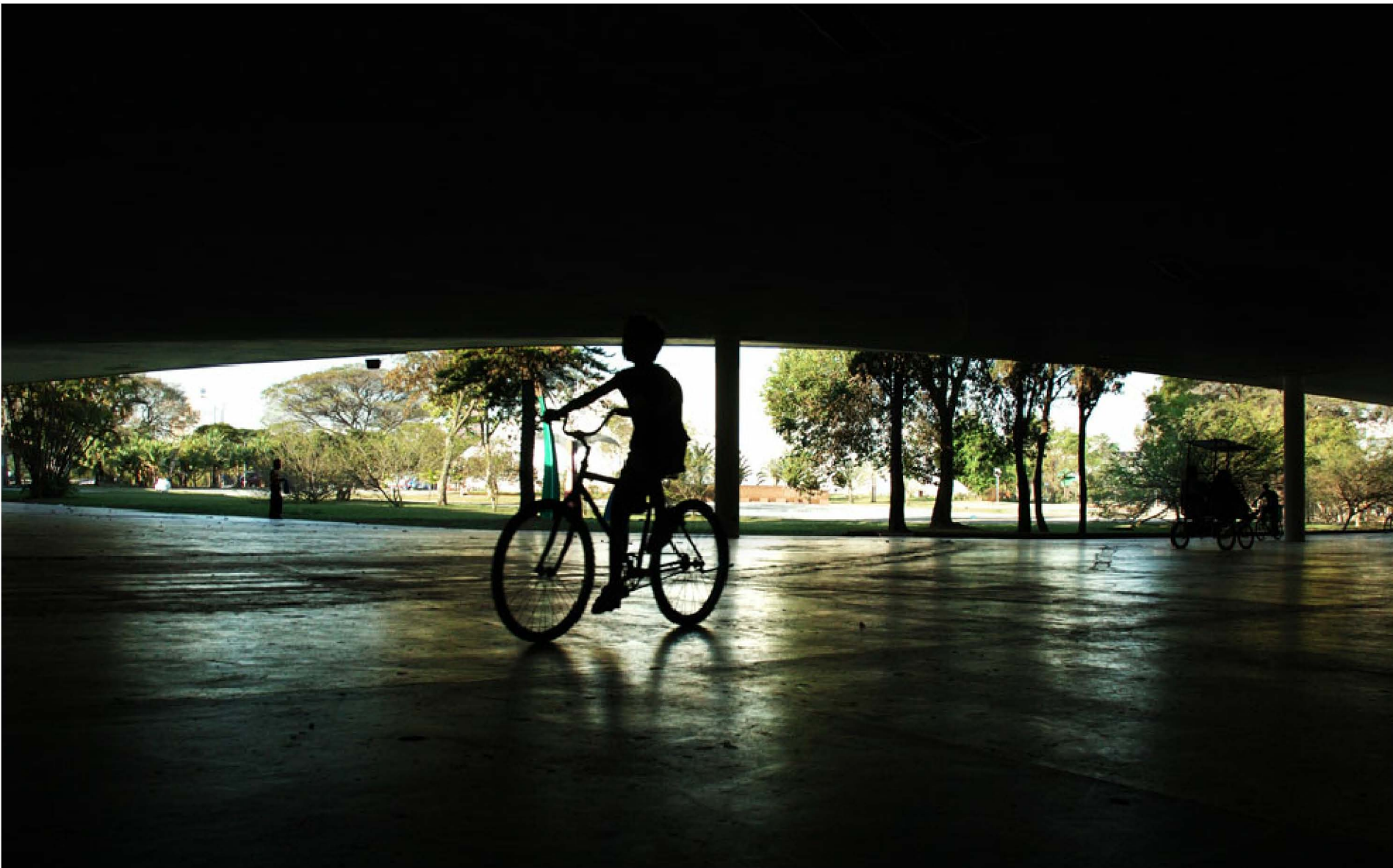
A sociedade debate-se hoje com problemas de ordem ecológica: a necessidade de reduzir as emissões de CO2, quando, parte da origem do problema, está na organização das cidades e na maneira como o indivíduo a entende e utiliza. É necessário repensar a urbe. Deparamo-nos com problemas de ordem ética e económica. É necessário contornar o problema da demolição criando infra-estruturas pensadas para o peão e que tornem a cidade dinâmica e acessível a todos.

"O problema actual consiste em como pensar e projectar contemporaneamente a cidade, num mundo em constante evolução. A resposta a esta questão assume cada vez mais a dimensão do acto cirúrgico numa redefinição e cozimento das suas diversas partes, das várias cidades dentro da estrutura urbana global. Esta atitude rumo a uma nova definição ou uma "nova urbanidade" terá de contribuir para a reconstrução da imagem mental dentro da complexidade presente e ao mesmo tempo recentrar o espaço público como de experiência entre indivíduos." (4)

Pedro Lebre
(in: cidades flexiexistencialistas)

problemática
mobilidade

fig.3
marquise do parque iberapuera
são paulo, brasil, arq. oscar niemeyer



01 ESTADO GLOBAL

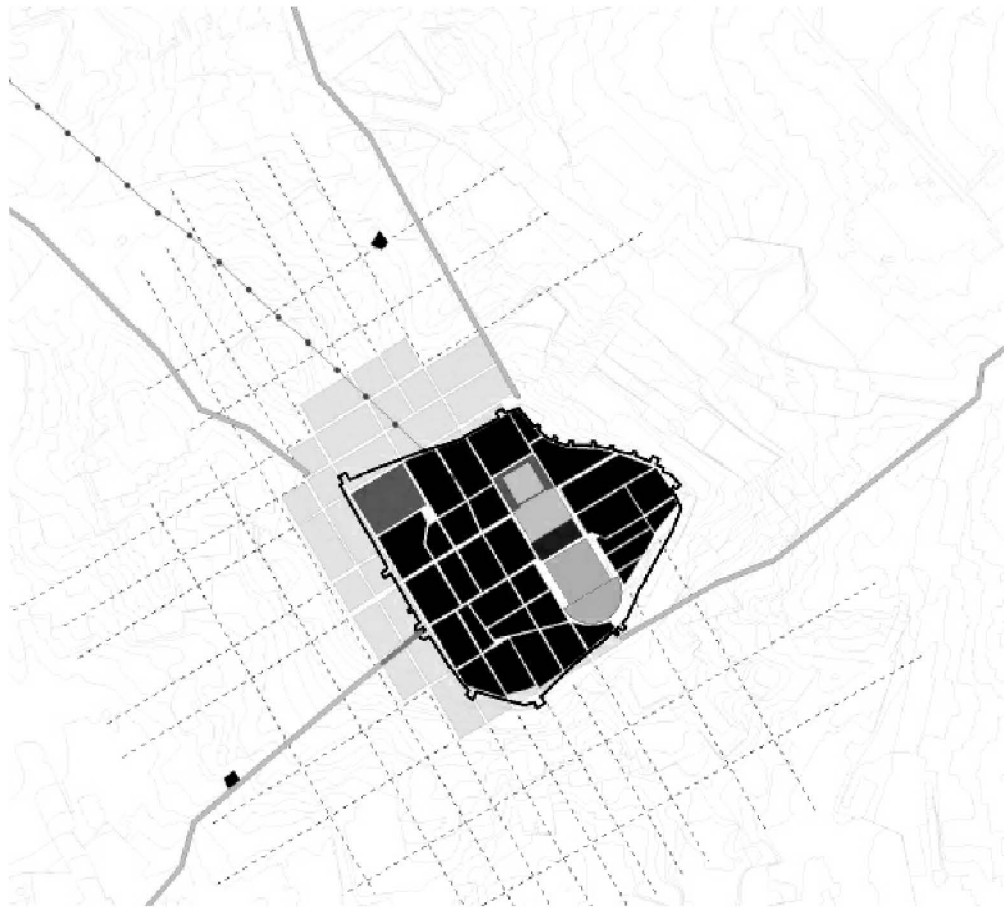
É fundamental perceber a estrutura original da urbe, compreender o modo como as pessoas se movimentam na cidade e quais as infra-estruturas históricas que poderão servir de referência e suporte para a definição de novos espaços. Tomando como exemplo a cidade romana e mesmo a cidade medieval, a definição dos espaços públicos assumem um papel fundamental na vivência e mobilidade dos cidadãos. No caso de Évora, a cidade Romana apresenta uma morfologia mais coesa, sob uma quadricula ortogonal. Daí resultam eixos regulares, ruas e espaços abertos como centro das actividades humanas, sociais e culturais. Na fase medieval, a cidade apresenta uma nova morfologia. Os edifícios passam a organizar-se por quarteirões. Os vários quarteirões são divididos por ruas e travessas, de escalas diferentes consoante a importância. Sendo que as ruas principais são radiais, rompem as muralhas e desembocam na praça principal, centro de vida e comércio. Dentro dos quarteirões as casas organizam-se em torno ou conforme a disposição dos pátios - neste caso, a casa e o pátio, tornam-se, em conjunto, o principal centro de actividade social.

Évora apresenta, portanto, um conjunto de diferentes referências, tanto a nível espacial, como de intenção urbana, e que poderão servir de apoio e reflexão à concepção de estruturas de cozimento entre o centro urbano e os vários bairros periféricos. Essas estruturas possuem uma velocidade lenta de transformação. Nelas deverão estar uma sucessão de valores, historicamente agregados, adensando-se, o que confere aos sistemas infra-estruturais locais um papel importante para a configuração das formas de uso do espaço construído.

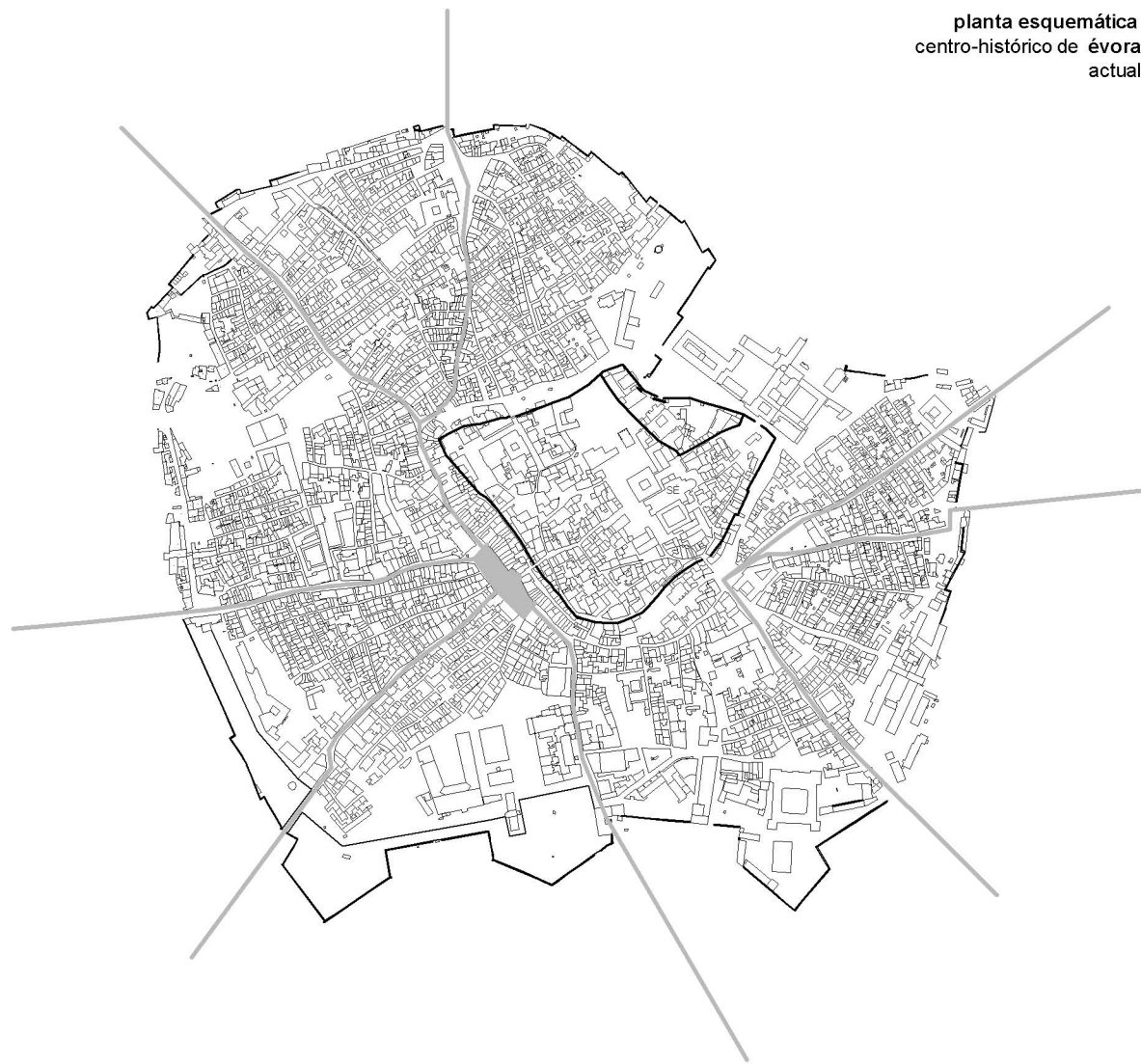
"A arquitectura árabe dá-nos um ensinamento precioso. Ela é apreciada num percurso a pé, caminhando, deslocando-nos é que se vê desenvolver como ordenações na arquitectura. Trata-se de um princípio contrário à arquitectura barroca, que é concebida sobre o papel, ao redor de um ponto teórico fixo. Eu prefiro o ensinamento da arquitectura árabe." (5)

Le corbusier (1887-1965)

planta esquemática
évora romana



planta esquemática
centro-histórico de Évora
actual



principais ruas radiais —

01 ESTADO GLOBAL

REFERÊNCIAS

Em muitos casos, na Europa pré-século XX, as cidades reflectem muitas semelhanças tipológicas. Geralmente, esta norma acontecia porque os edifícios desempenhavam um papel colectivo no meio urbano. Por exemplo, casos de estruturas individuais como as arcadas dos países mediterrânicos ou ainda estruturas como as de Kramgasse em Berna, na Suíça, que ainda que intencionalmente tenham um carácter espontâneo, fazem parte de uma importante política pública de regeneração das zonas urbanas.

O desenho urbano deve descrever a natureza do meio, as metas e usos, e um método para realizar as metas que é consistente com a natureza das definições.

Enquanto que o *Congresso Internacional de Arquitectura Moderna* (CIAM), movimento fundado em 1928, defendia uma postura funcionalista na cidade, só possível com a construção de cidades de raiz, a teoria do zoneamento onde as actividades não se deviam misturar. Em contrapartida, os movimentos humanistas defendiam que esta postura de zoneamento tornava a cidade numa máquina voltada para o automóvel, despersonalizada. Se todos estivessem na zona laboral, as zonas de habitação estariam desertificadas e vice-versa. Sugeriam antes posturas humanistas baseadas nas cidades históricas europeias - a cidade como um núcleo vivo e monumental - onde as actividades se misturam e as ruas tem uma escala humana, com eixos pedonais, onde a cultura, o comércio e as pessoas se misturam num quotidiano dinâmico.

Compreender a cidade em movimento significa aceitá-la como

corpo que se reorganiza no tempo e no espaço, em vez de simplesmente se substituir. A arquitectura e a cidade são factos relacionados de modo sistémico e, portanto, geram interferências mutuas de reorganização.

mobilidade

WALKING

fig.4
arcada de kramgasse
berna, suiça



01 ESTADO GLOBAL

REFERÊNCIAS

A arquitectura serve de suporte para um conjunto de interacções entre indivíduos, o que potencia a vida e vivência em cidade, algo impossível quando a sua organização obriga o cidadão a recorrer exaustivamente ao automóvel. A mesma é para as pessoas, e como tal, tem de ser pensada para elas. Nos centros históricos, a rua tem uma escala humanizada e tanto pode ser utilizada como acesso às várias células residenciais, como também serve de suporte a um mercado ali anexado. Esta é uma postura humanista, fundamental para o entendimento de como projectar e resolver a urbe e defendida essencialmente pelo Team X.

Retrocedendo a meados do século XX, durante as discussões do CIAM, surge um grupo de jovens arquitectos, denominados Team X, cujos principais membros eram Peter Smithson (1923-2003), Alison Smithson (1928-1993), Jaap Bakema (1914-1981), Aldo Van Eyck (1918-1999), Georges Candilis (1913-1995), Shadrach Woods (1923-1973), Giancarlo de Carlo (1919-2005), Rolf Gutmann (1926-2002), William Howell e John Voelcker (1927-1972) incumbidos de organizar o 10º encontro dos CIAM, em 1956 na cidade de Dubrovnik.

Este grupo apresenta-se como reacção aos resultados insatisfatórios do pensamento funcionalista - manifestando-se contra as carências socio-afectivas da cidade funcional, excessivamente simplificada e esquematizada. Entre aqueles que representam atitudes humanistas, a Escola de Paisagem Urbana Britânica e os membros descontentes do CIAM, foram os que mais contribuíram na prática para os conceitos que os arquitectos se baseiam para a resolução dos problemas das cidades actuais.

Começaram por examinar o impacto de elementos em pequena escala no dia-a-dia, aceitando a urbanização e a crescente complexidade da sociedade como algo inevitável.

A chave para a concepção urbana bem sucedida, num mundo complexo, é organizar os sistemas de base, os edifícios e não um edifício individualmente. Como tal, os edifícios não seriam mais do que infra-estruturas pensadas para a mobilidade e sanidade do homem, o que passaria por separá-lo, desde logo, do carro, ainda que paralelamente a ele.

As decisões são baseadas nas circunstâncias, nas necessidades dos utentes e não nos conceitos:

"A melhor maneira de planejar no centro da cidade é vendo como as pessoas o usam hoje, de maneira a procurar os pontos fortes para depois os explorar e reforçar. Não há lógica que se sobreponha à cidade, se as pessoas a usam assim, e é para elas, então não devem ser apenas os edifícios que cabem nos nossos planos". (6)

fig.5
rua pedonal
perugia, itália

fig.6
um pórtico
bolonha, itália

WALKING

fig.7
via dell acquedotto
perugia, itália



01 ESTADO GLOBAL

REFERÊNCIAS

Num texto referente ao estudo de um projecto para os ministérios do Kuwait, Alison e Peter Smithson, centraram-se em estudar a morfologia do *Casbah*. Neste texto são ainda mencionadas cidades como o Cairo, Aleppo, Esfahan e Kairouan, ao que podemos acrescentar o caso de Évora, uma vez que, com características semelhantes, têm aquilo a que Alison Smithson, em Setembro de 1974, denominou de “mat-buildings” no seu artigo “How to recognise and read mat-buildings”. Este termo surgiu do estudo destas cidades pelas semelhanças que apresentam apesar de escalas diferentes, tais como a densidade e uma intrínseca rede de ligações.

Ao observar a planta do *Casbah*, reconhece-se um padrão de associação constituído por grandes núcleos de células, os quarteirões, aos quais estão ligadas ramificações viárias, cruzadas por uma rede labiríntica de circulação, na maioria dos casos, pedonal.

A expansão da célula, o edifício individualmente, define-se pela capacidade de agregar programas e estruturas distintos, mantendo uma estreita relação com a morfologia do quarteirão. Nesta, reconhecem-se ainda, para além das células, os pátios e a coesão entre a escala do quarteirão com a escala da célula que por sua vez se relaciona directamente com o pátio, num padrão de associação altamente coerente.

Nos labirintos ou nas ruas transversais, verifica-se uma escala mais humanizada, onde se encontra pontualmente comércio de rua, protegidas do sol ofuscante por coberturas constituídas por estruturas flexíveis em tela ou caniçado, podendo crescer ou

mesmo serem removidas consoante as necessidades de uso.

Estas analogias serviriam mais tarde para a concepção da terminologia “mat” enquanto “tecido”.

“Mat-buildings” pretende apresentar-se como uma conjugação entre esta nova tipologia de edifícios e uma manta de tecido expandida pelo território. Propunham-se edifícios de baixa altura e alta densidade, como uma malha, compostos por espaços construídos e espaço vazios - o pátio ou uma série de pátios em torno dos quais se estruturaria o programa, associado a uma intrínseca rede de percursos pedonais de ligação.

O edifício “mat”, tal como um tecido, é dotado de flexibilidade - para crescer necessita de fios e de um sistema de “nós”. Se o sistema de “nós” se repete cria-se um padrão.

O padrão poderá mudar de condição mediante o tipo de nó e a quantidade de fio, o que analogamente se refere à possibilidade do edifício crescer consoante as necessidades de uso, pelo que continua a ser um único pano, um único edifício apesar de conter diferentes padrões, o que o torna tão dinâmico como belo.

conceito *mat*

fig.8
alguns membros do team x
roterdão

fig.9
artigo how to recognise and read mat-building
alison smithson, 1974

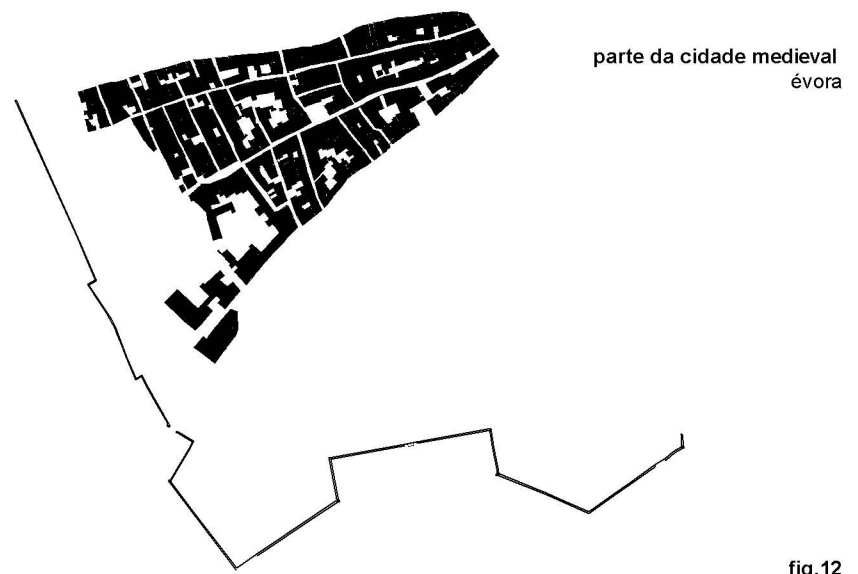


01 ESTADO GLOBAL

REFERÊNCIAS

Para que um tecido seja firme e possibilite o crescimento, necessita de *remates*. A uma escala macro esses *remates* poderão ser as extremidades, o que em cidade é a ligação do edifício com a malha urbana. Este tem de inserir-se num padrão geográfico o que constitui a base da intervenção.

referências
mat de tecido



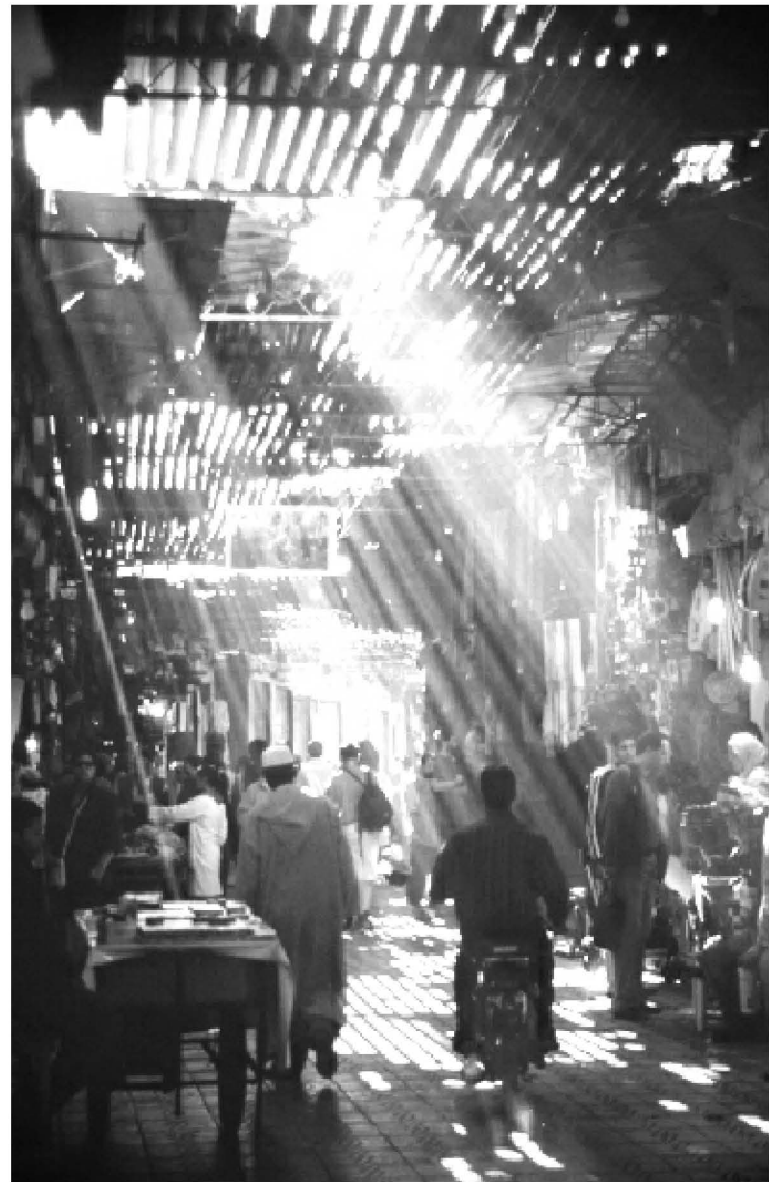
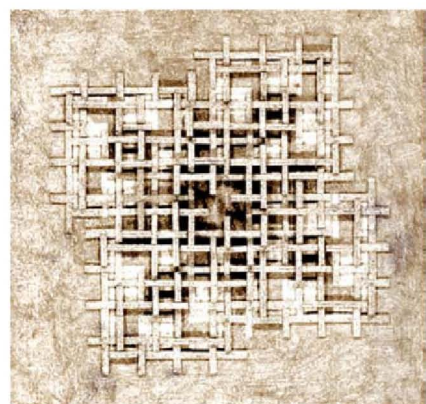
parte da cidade medieval
évora

fig.12
souks
marrakech

fig.10
cidade de kairouan
tunisia



fig.11
piet blom
district unit of noah's
ark, 1961-62
archive piet blom



01 ESTADO GLOBAL

*"Priene or perhaps Sicilian example, Selinus or Solunto (alternative, the American grid town and what happens to it in use). Greek villages and droppatem, causeway type antecedents. Medenine or other North African influences on CIAM. That poetry could be made out of the regular was seen by Le Corbusier and other French members of CIAM. One of our earliest images was the negative pattern of living Honan, where **path**, tree, **communal/ social space** was clear to **horizontal**, not cluttered with offensive semi-d's: regular irregularity; found in North Africa also, at Matmata."*

"In the Works of Sinan...his Sulymaniye, Istambul...other Works in the field of Islamic architecture of which we know all too little considering the direction of our interests." (7)

Alison Smithson

(in: How to recognise and read mat-buildings)

referências
mat-buildings

fig.13 e 14
fatehpur sikri
india

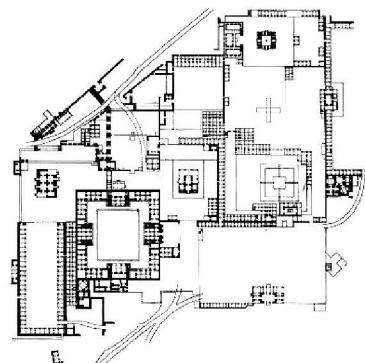
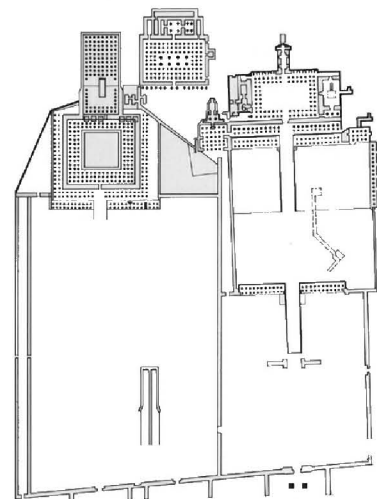


fig.15 e 16
matmata
tunisia



fig.17 e 18
deir el bahari
egipto



02 ESTADO GERAL

REFERÊNCIAS

"O automóvel obrigou a cidade contemporânea a desenhar-se de outra maneira." (8)

Arq. Manuel Graça Dias
(in: *Depois da cidade viária*)

Do ponto de vista prático, é necessária a ordenação do espaço urbano. Hoje, fundamentalmente devido às exigências do tráfego de veículos e a dependência moderna das comunicações, é necessária uma rápida e continuada construção de novos edifícios adaptados ao novo habitar. Como Louis Kahn (1901-1974) defendia, os projectos para os centros urbanos deveriam resultar paradoxalmente das relações precisas entre peões e automóveis. Consciente da profunda antipatia entre o automóvel e a cidade, e do vínculo fatal entre o consumismo, o centro comercial suburbano e a decadência progressiva do coração urbano, não foi capaz, como muitos outros arquitectos, de conceber um intercâmbio satisfatório entre a escala humana e a escala do veículo. Como tal, propunha reorganizar o tráfego como esperança um tanto utópica, mas hoje cada vez mais presente e vinculativa, de que a organização do movimento dentro da cidade asseguraria necessariamente a sua defesa contra a destruição provocada pelo automóvel.

Admitindo, como solução, que: **"No centro da cidade as ruas deveriam tornar-se em edifícios."** (9)

Tal como Le Corbusier e Louis Kahn, o Team X defendia que a eficiência na comunicação só seria atingida, em parte, quando os modos de transporte fossem separados, reduzindo assim as possibilidades de conflito entre as diversas velocidades atingidas no meio urbano. Como tal os peões deveriam ser retirados dos sistemas veiculares e transportados para novas estruturas que apenas o abrangessem. Tal não seria uma inovação, visto que, em pleno Renascimento, Leonardo Da Vinci e mais tarde os irmãos Adam já teriam pensado nessa separação de tráfegos. Sendo que, o primeiro, nos seus planos para a cidade de Veneza, desenhou ruas cobertas e túneis com o intuito de criar rotas na cidade destinadas apenas a pedestres; e os segundos, em 1768, construíram o bairro Adelphi, em Londres, cujo princípio seria o mesmo de Leonardo Da Vinci.

referências
infra-estruturas de mobilidade

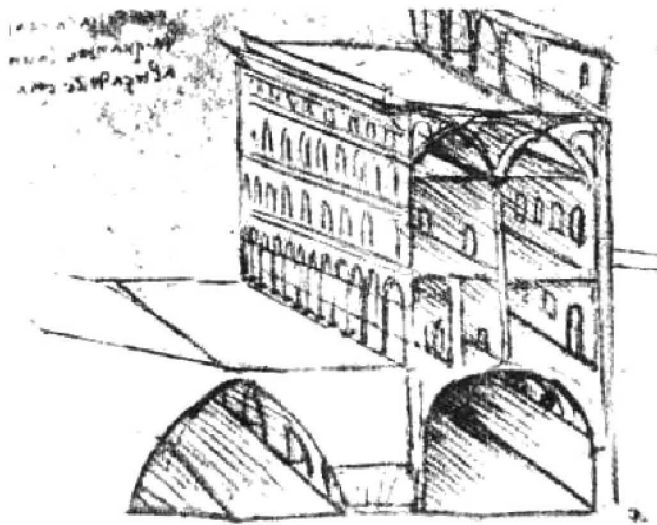
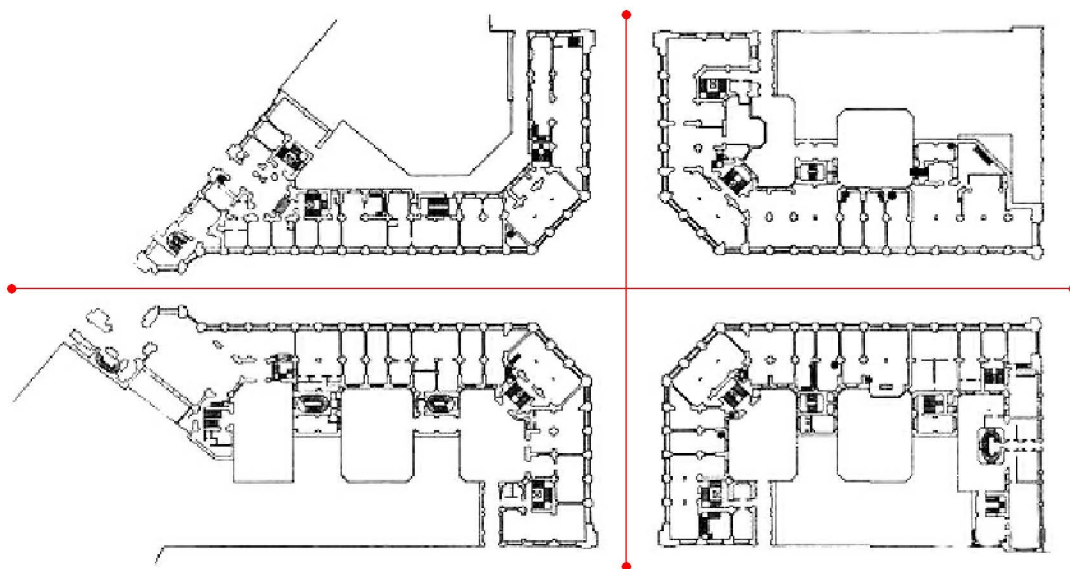


fig.20
esquiço de leonardo da vinci
ruas cobertas para veneza, itália

fig.21 e 22
galeria vittorio emanuelle
milão, itália



02 ESTADO GERAL

REFERÊNCIAS

Segundo Gordon Cullen, por vezes é necessário garantir absoluta prioridade ao peão. Por exemplo, quando nos referimos a locais que envolvem grandes massas de pessoas, casos especiais como áreas comerciais, escolas ou equipamentos culturais, entre outros.

Nesses casos, surge a necessidade de criar estruturas pensadas unicamente para o pedestre e a salvo da velocidade do automóvel. Isso é especialmente importante para manter a ideia de que uma cidade deve ser um todo completo e harmonioso adaptado às diferentes velocidades do homem. A título de exemplo temos as galerias do século XIX, como as Vittorio Emanuele, em Milão, que consistem numa rua coberta com um programa comercial associado, servindo ainda de eixo que liga a "Piazza del Duomo" com a "Piazza de la Scala". Ou ainda um caso tanto mais antigo como paradigmático como o pórtico de San Luca em Bolonha, datado de 1732. Este último consiste num eixo pedonal que pretende ligar as portas de Saragozza com o Santuário *Madonna di San Luca*, num total de 3,5 km de distância.

referências
infra-estruturas de mobilidade

fig.23
pórtico de san luca
bolonha, itália



02 ESTADO GERAL

REFERÊNCIAS

Em 1925, Harvey Wiley Corbett (1873-1954), cria, para Nova Iorque, as *elevated and arcaded walkways*. Uma proposta que tinha como base a separação estratificada de tráfegos. Um meio de resolver os problemas de congestionamento cada vez mais agravados devido ao acentuado crescimento demográfico. Nesse sentido, propunha percursos cobertos em arcada, elevados do solo, apenas para pedestres. Sendo que o solo e o subsolo seriam destinados apenas a trânsito de veículos motorizados, também eles separados consoante o porte. Inspirado em Veneza, Corbett pretendia um oceano para a cidade - *um oceano de carros*. Tanto os edifícios como as pessoas seriam retirados do movimento acelerado da rua - proporcionando que a cidade funcionasse tanto como motor para a modernidade, como de união entre os habitantes.

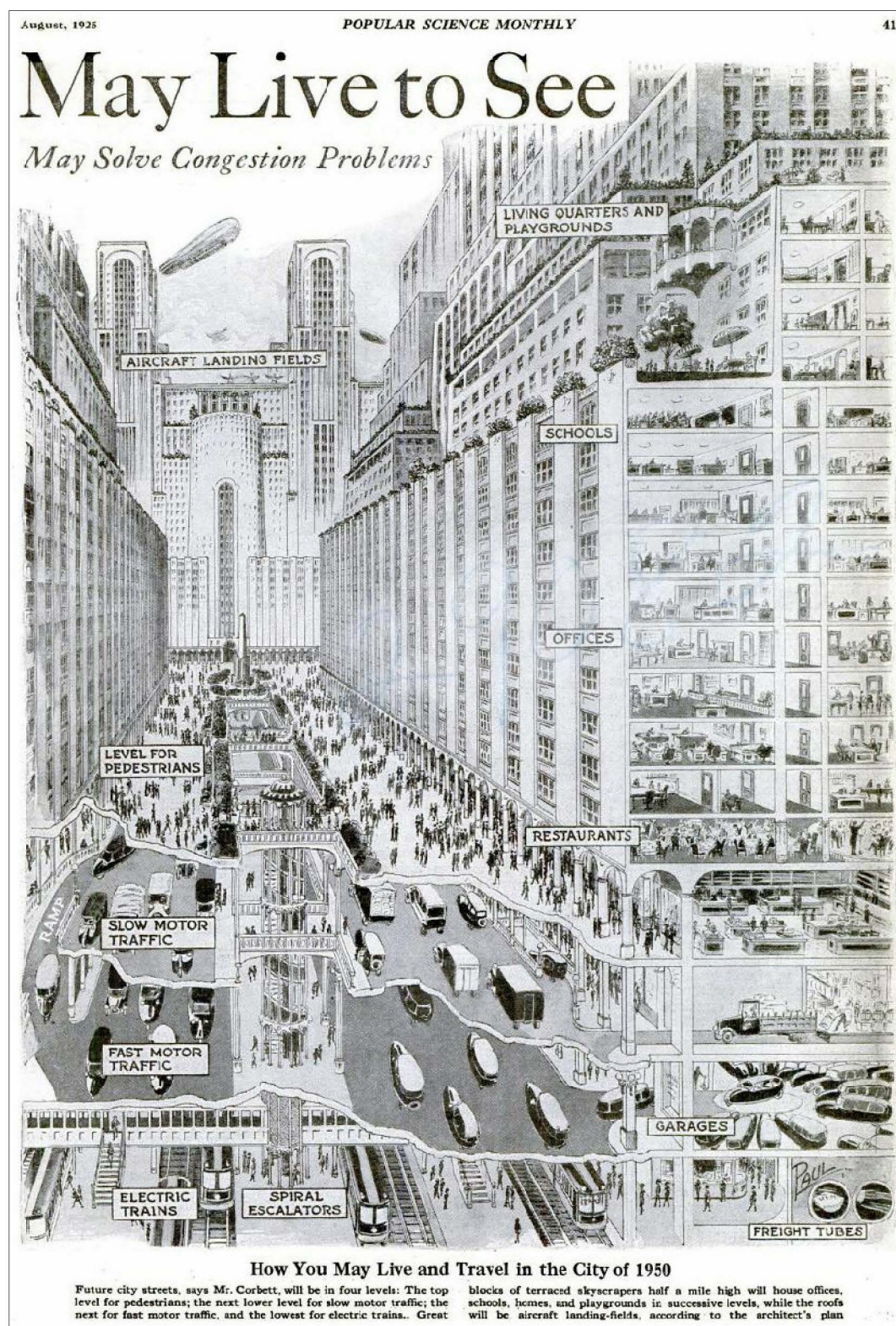
Em 1927, surge o filme mudo : *Metropolis*, realizado pelo expressionista alemão: Fritz Lang (1890-1976). A título ilustrativo, o filme reúne toda uma crítica à separação das duas classes sociais mais evidenciadas: os ricos e os pobres operários, escravos tanto das grandes fábricas como da grande metrópole industrializada. Os ricos, donos das fábricas habitavam as grandes torres e os operários viviam e trabalhavam no subsolo. A imagem mostra um conjunto de sistemas infra-estruturais que ligam os vários edifícios - uma união de conjuntos.

fig. 25
imagem do filme metropolis, 1927
fritz lang



referências
infra-estruturas de mobilidade

fig.24
how you may live and travel in the city of 1950
harvey wiley corbett, 1925



02 ESTADO GERAL

REFERÊNCIAS

Em meados do século XX, surgem ainda os movimentos mega-estruturais. Um conjunto de arquitectos que defendiam a sistematização radical de uma nova tipologia arquitectónica - uma infra-estrutura à escala da cidade, que como uma teia dinâmica de ligações, seria capaz de resolver o problema da mobilidade pedonal dentro das mega-cidades super congestionadas. Yona Friedman (1923) demonstra no seu "*manifeste de l'architecture mobile*", 1958, uma cidade que paira sobre a cidade tradicional como meio de libertar o solo e criar um novo layer aéreo estritamente pedonal, seguindo precisamente a ideia de que o homem deveria estar sempre no topo. Uma materialização inovadora e sugestiva das "*Sky Streets*" dos Smithson's, cujo paradigma é o projecto *Robin Hood Gardens*, em Londres, 1969-72. Kenzo Tange (1913-2005) usa ainda o termo *Estruturalista* na discussão deste tipo estruturas a que chama de "rede de comunicações" imitando um corpo vivo com a capacidade de se adaptar às circunstâncias.

referências
infra-estruturas de mobilidade
futuristas

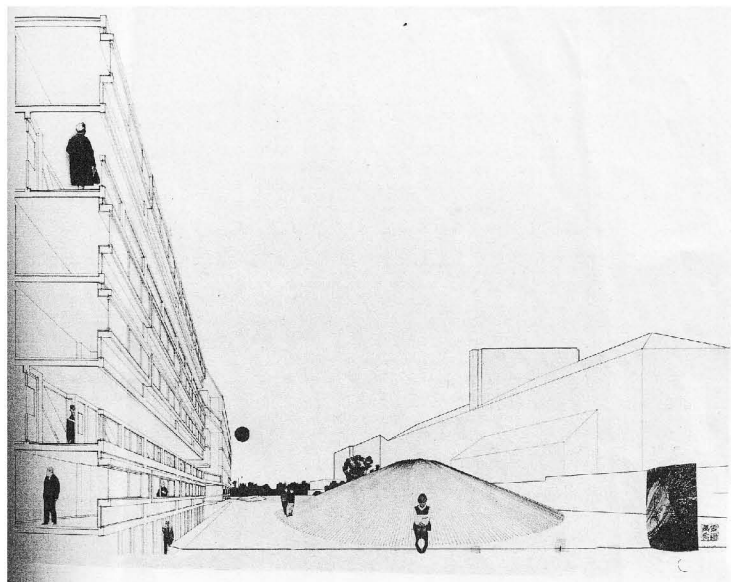
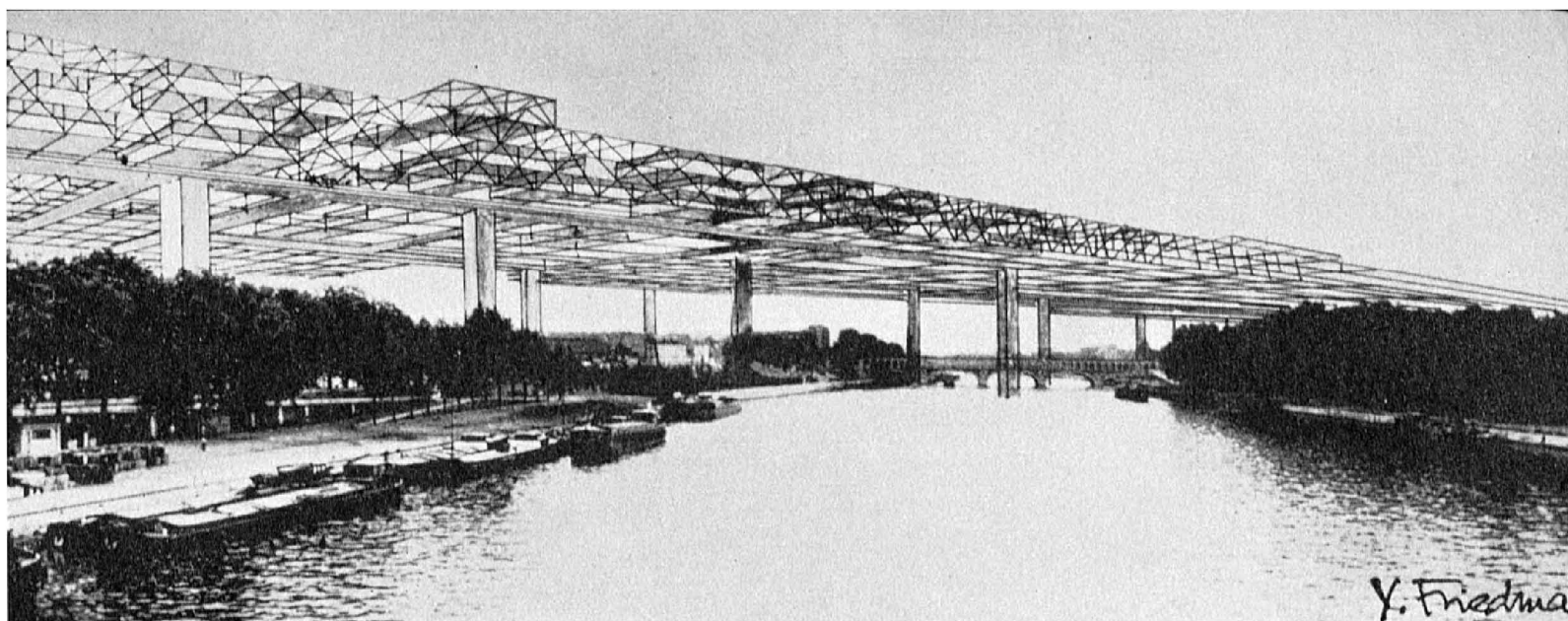


fig. 26
robin hood gardens, londres, 1969-72
alison e peter smithson

fig. 27
spacial city
yona friedman



02 ESTADO GERAL

REFERÊNCIAS

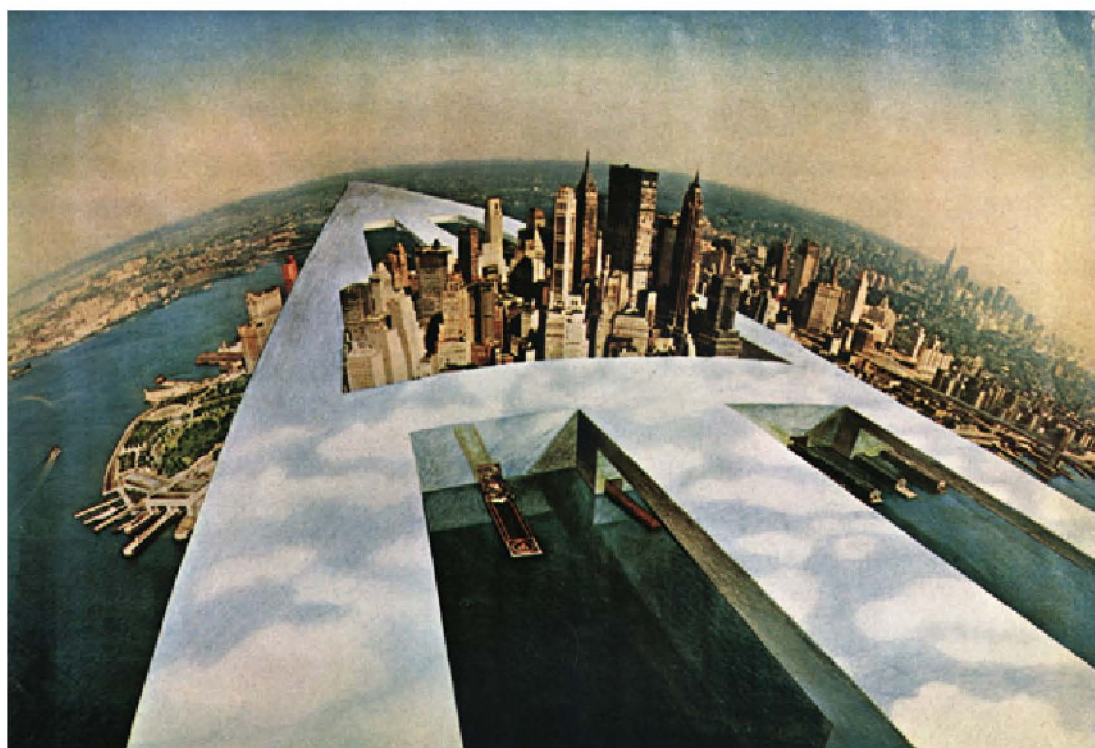
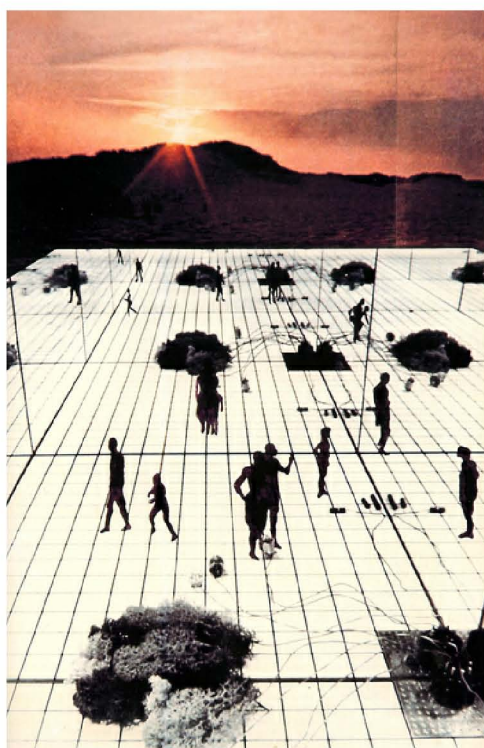
Em 1966, surge ainda um grupo de jovens arquitectos, denominados **Superstudio** e com o mesmo pensamento estruturalista. Completamente *avant gard*, este grupo foi fundado pelos arquitectos italianos, Adolfo Natali e Cristiano Banti, a quem mais tarde se juntaram Alessandro e Roberto Magris e Alessandro Poli.

Apesar de terem abandonado cedo o trabalho colectivo, em 1978, contribuíram para a imagem e evolução do que era a *superarquitectura* pronunciada na segunda metade do século XX. Insatisfeitos com a cultura modernista manifestada até aos anos 60, culpavam-na pelo agravamento da crise ambiental, resultante do uso desequilibrado do automóvel e da sociedade capitalista. Como tal o seu trabalho era elaborado a partir de colagens e tinham como tema a cultura do novo *anti-design*. Os projectos baseiam-se em cenários de mega-estruturas sobre cidades como Nova Iorque. Com o intuito de criar um novo plano sobre a cidade poluída, onde as pessoas poderiam viver livremente e longe dos seus objectos superfluos.

referências
infra-estruturas de mobilidade
futuristas

fig.28
montagem
superstudio

fig.29
life without objects, colagem sobre nova iorque
superstudio



02 ESTADO GERAL

REFERÊNCIAS

Hashim Sarkis (1964), quando escreve sobre os "mat-buildings" afirma que estes são tanto cidade como edifício e a sua organização interna é tanto estrutura como infra-estrutura, reeditando o princípio segundo o qual um edifício deve ser uma pequena cidade e uma cidade um grande edifício. A sua distribuição espacial interna deve ser lógica e incontestável, assim como a sua capacidade em criar redes de circulação deve ser altamente funcional, conduzindo fácil e logicamente o peão.

"Um "Mat-Building" pode dizer-se que resume o colectivo, onde as funções vêm enriquecer o tecido, e o indivíduo ganha novos espaços de liberdade e de acção através de uma nova ordem de espaços, com base na interligação, novos padrões, novas associações, e aberto para as possibilidades de crescimento, diminuição e mudança. " (10)

Alison Smithson

Principais características:

horizontalidade da construção

alta densidade

inter-conectividade

variação dos padrões geométricos

a exclusão de uma hierarquia espacial

percurso intuitivo

variedade programática

estrutura adaptável

espaço poroso: simultaneamente interior e exterior

cobertura contínua

fig.30
implantação universidade de toulouse
candilis, josic, woods
toulouse, França



02 ESTADO GERAL

REFERÊNCIAS

Apesar de todas estas propostas terem o Homem como centro das intenções urbanas, o extremismo conceptual tornou-as, em parte, insustentáveis devido à despersonalização consequente dos padrões rígidos e repetitivos. No entanto, constituem um ponto de viragem da arquitectura, aquando da extrapolação dos limites convencionais da cidade.

Em contrapartida, Aldo Rossi afirma que, para além de uma arquitectura humanizada, as infra-estruturas criadas têm de reflectir as premissas locais - *Genius Loci*. O que passaria pelo estudo aprofundado da arquitectura local - que constituiria a base da intervenção, num processo de enraizamento urbano e cultural. O objectivo principal das intervenções em áreas urbanas periféricas é criar infra-estruturas necessárias para a fundação de "lugares". Vejamos, no projecto do arquitecto Álvaro Siza Vieira para o bairro da Malagueira, o significado da transformação local é claramente expressa no projecto através do planeamento de infra-estruturas como elementos de desenho arquitectónico e urbano. Esse pormenor é feito ao abrigo de um processo de planeamento baseado em técnicas de intervenção local e com base num profundo conhecimento da arquitectura vernacular e moderna. Como tal, este processo considera o conhecimento da morfologia da cidade como uma ferramenta cultural e social, essencial ao planeamento e concepção projectual.

Numa intervenção no Centro-Histórico, estes instrumentos são fundamentais a fim de preservar os sítios, os cenários urbanos e os elementos que são referências importantes para a história da cidade. É por isso que a relação entre as intervenções novas e

as já existentes na cidade devem ter carácter arquitectónico distinto, preservando a memória colectiva e a identidade urbana dentro dos bairros periféricos.

referências
locais

fig.31 e 32
esquiços de álvaro siza vieira
bairro da malagueira

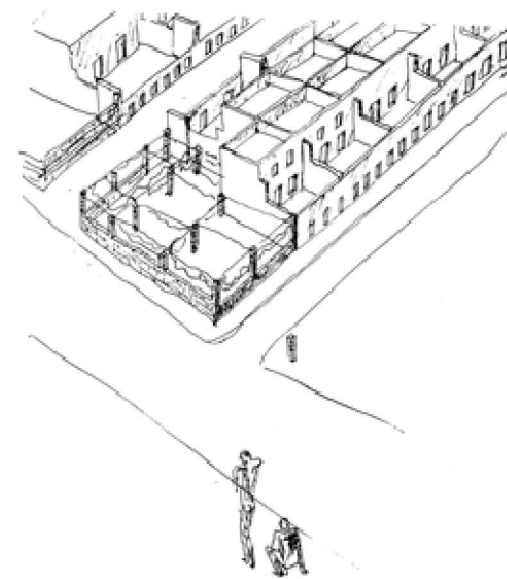
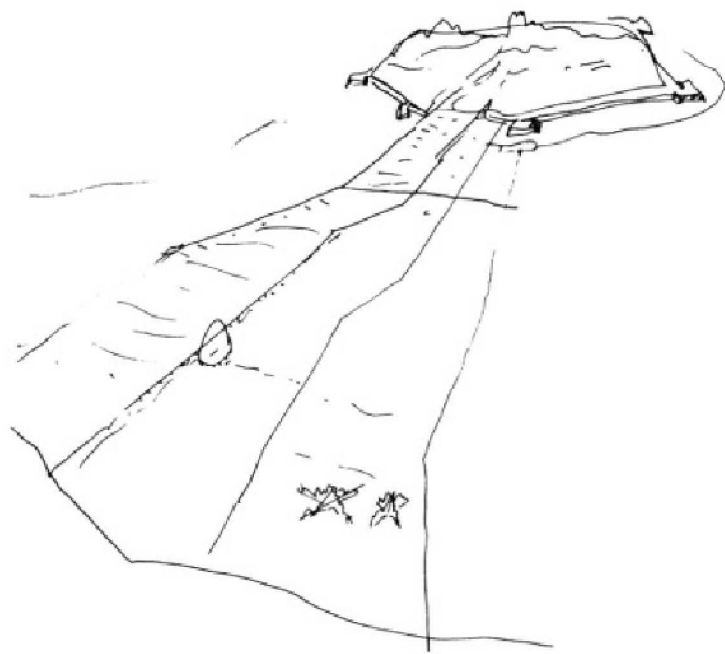


fig.33
vista para o bairro da malagueira
évora

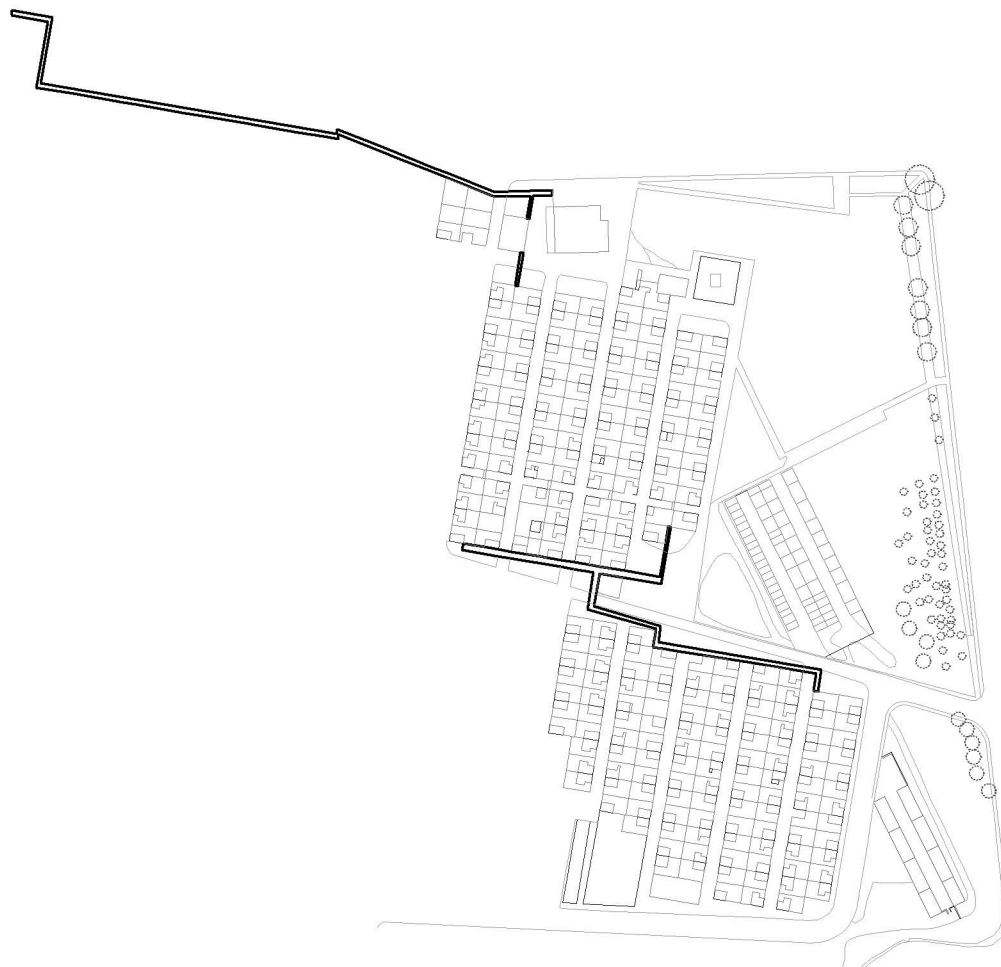


02 ESTADO GERAL

REFERÊNCIAS

O aqueduto do Bairro da Malagueira, o canal de superfície que emite as linhas de abastecimento (água, electricidade e telefone), surge como uma referência histórica tanto ao aqueduto *das Águas de Prata*, que vem de Norte e atravessa os muros da cidade, como às arcadas da Praça do Giraldo, enquanto eixo pedonal e estruturador de toda a área comercial. O aqueduto da Malagueira funciona assim como um redesenho urbano que cria um paralelismo entre a cidade antiga e o bairro, através de elementos e sinais da memória colectiva. Define, tal como as arcadas do Giraldo, as relações entre edifícios, funcionando como uma galeria ao longo da principal área comercial. Intersecta jardins, praças e as principais áreas lúdicas do bairro, revelando a importância dada ao projecto de integração entre os ambientes residenciais e a topografia local; e busca uma maior consolidação morfológica, cultural e social.

referências
locais



parte da implantação
bairro da malagueira

fig.34
aqueduto ou p^ortico
bairro da malagueira

fig.35
sistema de arcadas, praça do giraldo
évora



02 ESTADO GERAL

PROPOSTA

Neste sentido, a presente proposta pretende, através desses elementos e sinais da memória colectiva, reequilibrar a evolução negativa da cidade de Évora, qualificando-a com equipamentos e serviços culturais de interesse público. Propõe-se uma única estrutura catalizadora, capaz de reunir diferentes programas e actividades sociais, na tentativa de potenciar a vida e vivência de espaços no exterior do Centro-Histórico consolidado; e que por outro lado incentive as inter-relações urbanas e sociais com o bairro da Malagueira. Propõe-se pois, uma estrutura de espaços que definiriam simultaneamente uma nova imagem e a continuidade com as áreas urbanas envolventes. Como tal, o plano estrutura-se a partir da sequência organizada de espaços identificáveis na cidade: a rua estreita e sinuosa, a praça, o pátio, e dois eixos pedonais cobertos consolidados: as arcadas da Praça do giraldo e o pórtico do Bairro da Malagueira. Como se impõe a ligação pedonal entre estas duas estruturas urbanas, a proposta de um eixo pedonal coberto, tornou-se clara e evidente. Um meio de recoser os bordos, a partir de sinais identificáveis na cidade de Évora e na memória dos seus habitantes. A ideia geral da proposta é portanto uma estrutura pedonal coberta, pelo que, podemos entender o seu início na arcada da Praça do Giraldo e o seu remate final no pórtico do Malagueira. É um eixo pedonal ao qual está associado todo o programa funcional. É um “mat-building” ao surgir como um tecido que se vai expandindo pelo território até encontrar os seus limites. É híbrido porque além de conter programas distintos, é uma estrutura que pode ir crescendo consoante as necessidades de uso ao longo do tempo.

“O eixo é o regulador da arquitectura. A disposição é a classificação dos eixos, e por isso é a classificação dos objectivos, a classificação das intenções.” (11)

Le Corbusier

Promenade Architecturale, a terminologia criada por Le Corbusier e a que tantas vezes se refere, consiste no princípio básico da atribuição de eixos com destinos na arquitectura. Destinos esses previstos e idealizados pelo arquitecto. As extremidades desses eixos poderão ser desde uma simples parede, percepções sensoriais como a luz ou a sombra, a natureza ou mesmo o infinito. Uma visão a que, mais tarde, Alison Smithson descrevera como um dos “pequenos prazeres da vida”, *poder ver a arquitectura desde a arquitectura e a minha casa desde a minha casa.* (12)

Esta estreita aliança entre percorrer e admirar, ver e olhar o percurso, pretende constituir-se, pois, o motivo e a base da presente proposta.

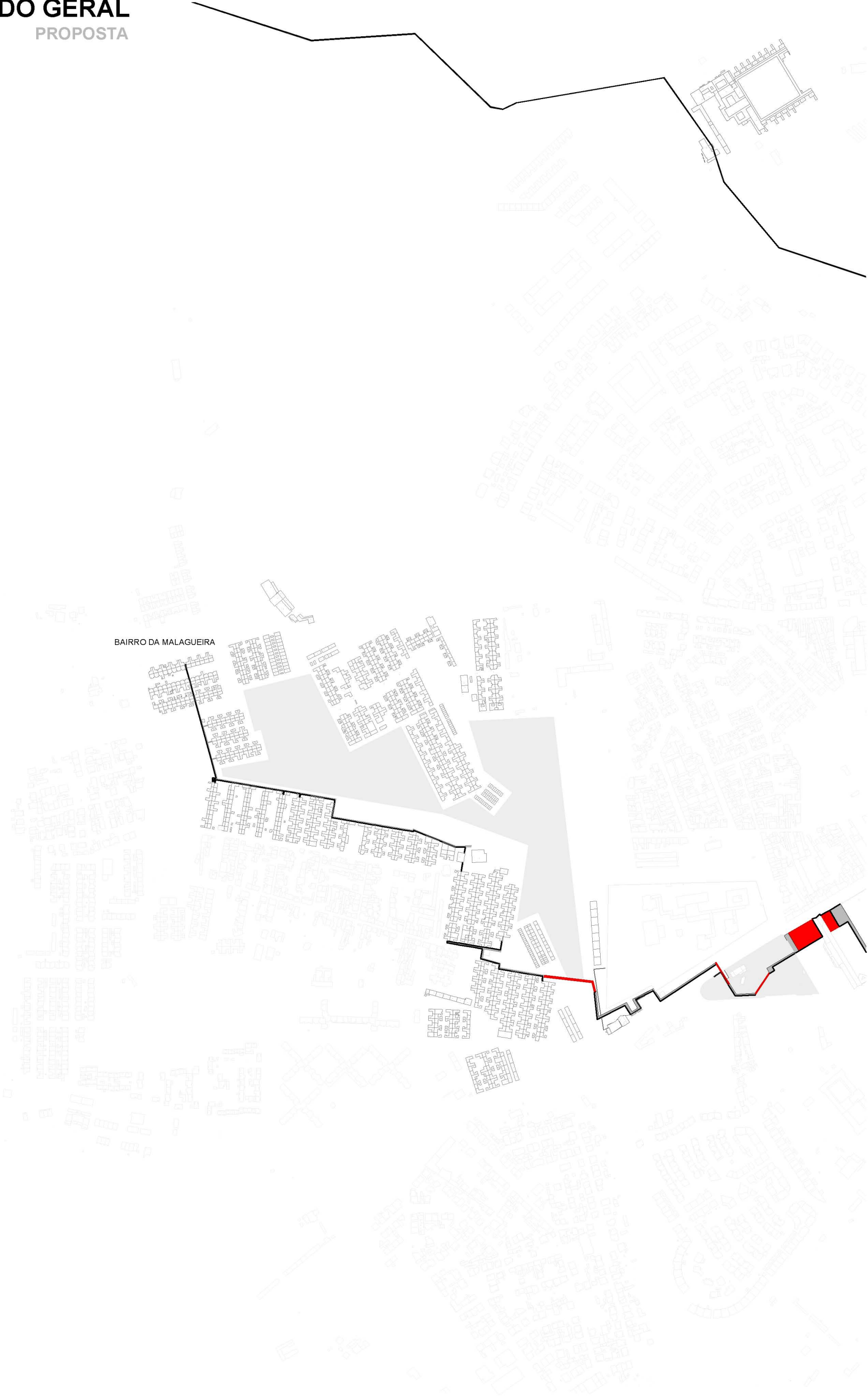
eixo
pedonal

fig.36
fotografia aérea do eixo de ligação
bairro da malagueira - centro-histórico
évora



02 ESTADO GERAL

PROPOSTA

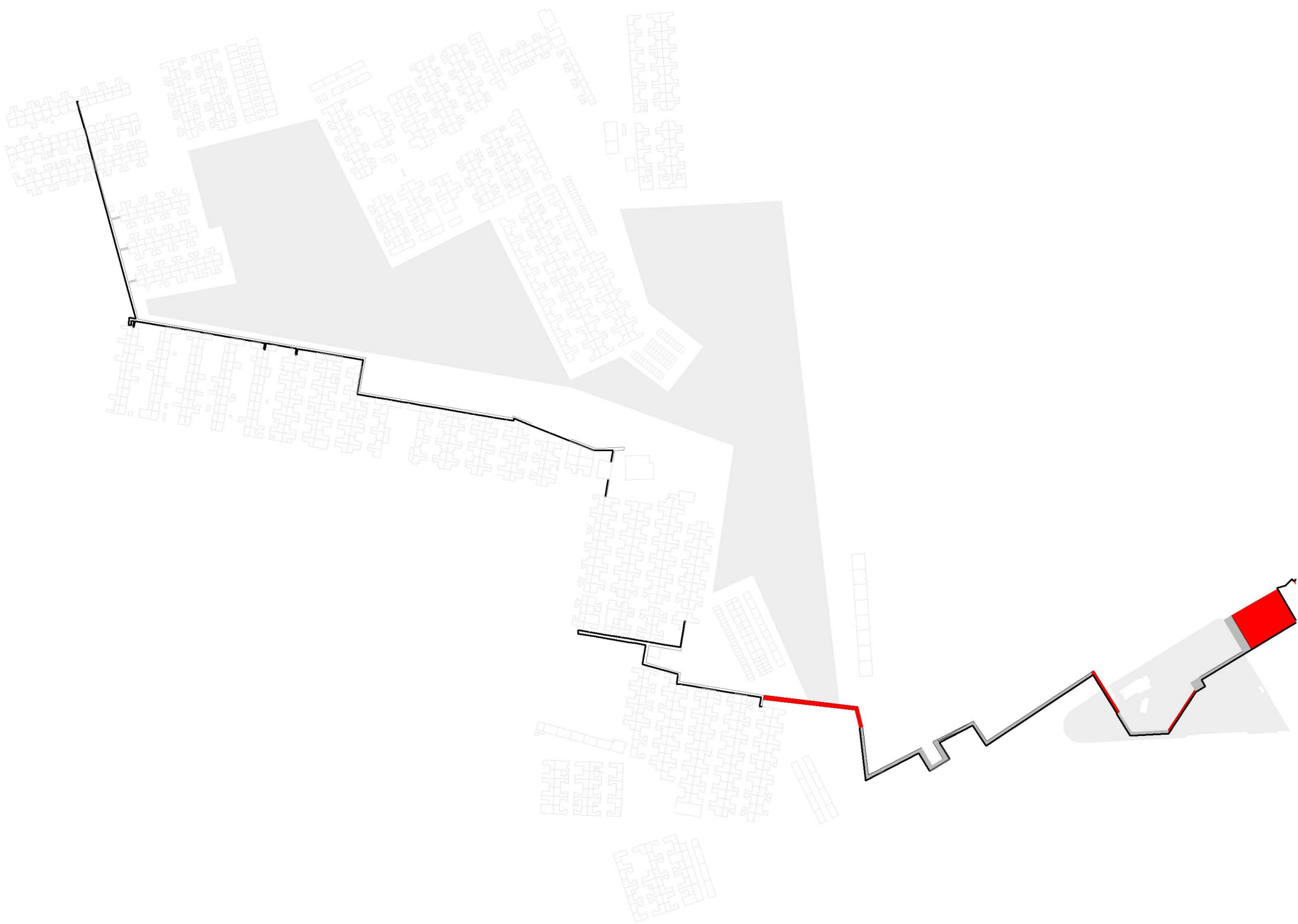


eixo
pedonal



03 ESTADO LOCAL

PROPOSTA



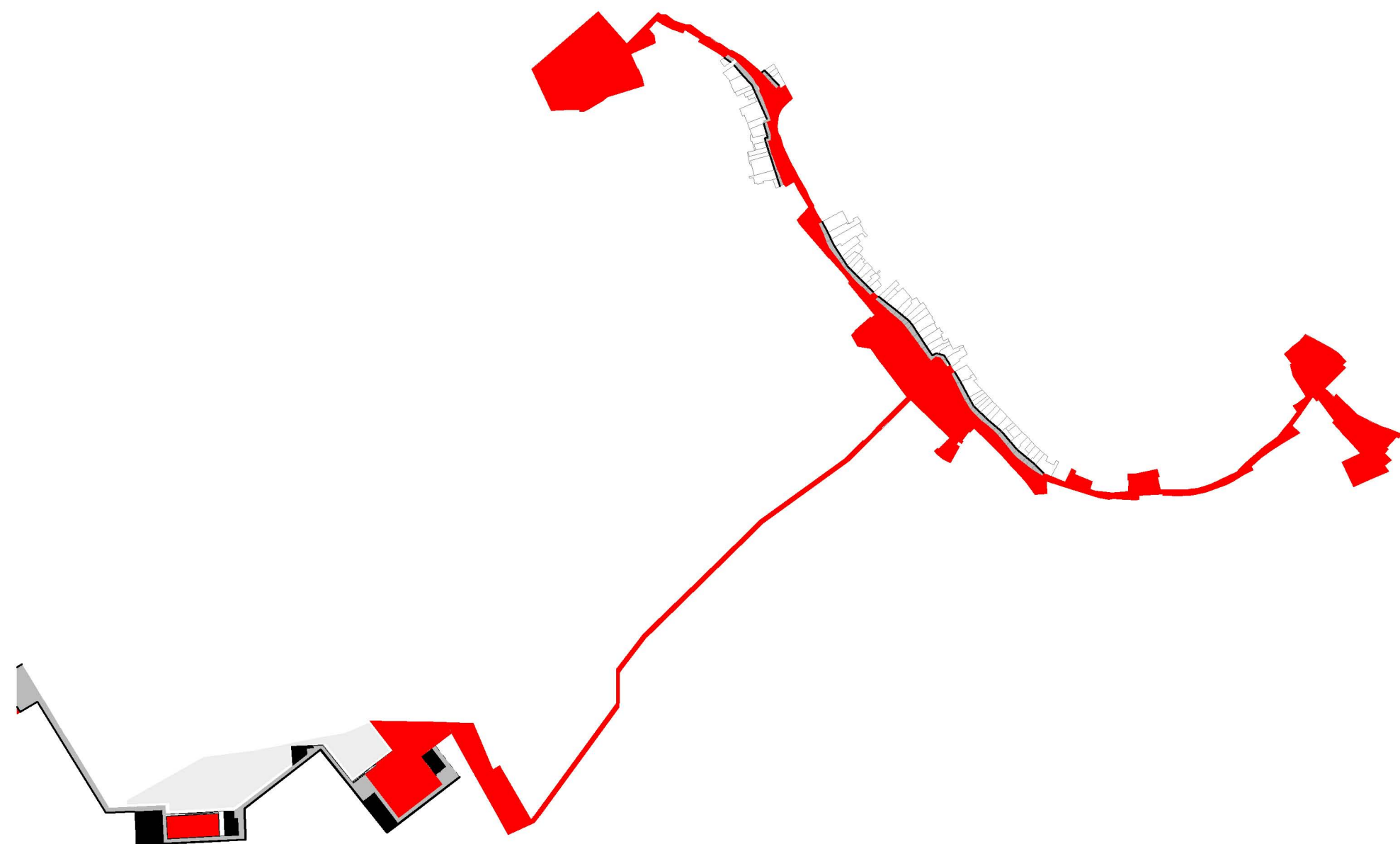
pórtico da malagueira

chafariz das bravas

ermida de são sebastião

BAIRRO DA MALAGUEIRA





PROPOSTA

porta do raimundo

rua do raimundo

praça do giraldo

CENTRO HISTÓRICO



03 ESTADO LOCAL

PROPOSTA

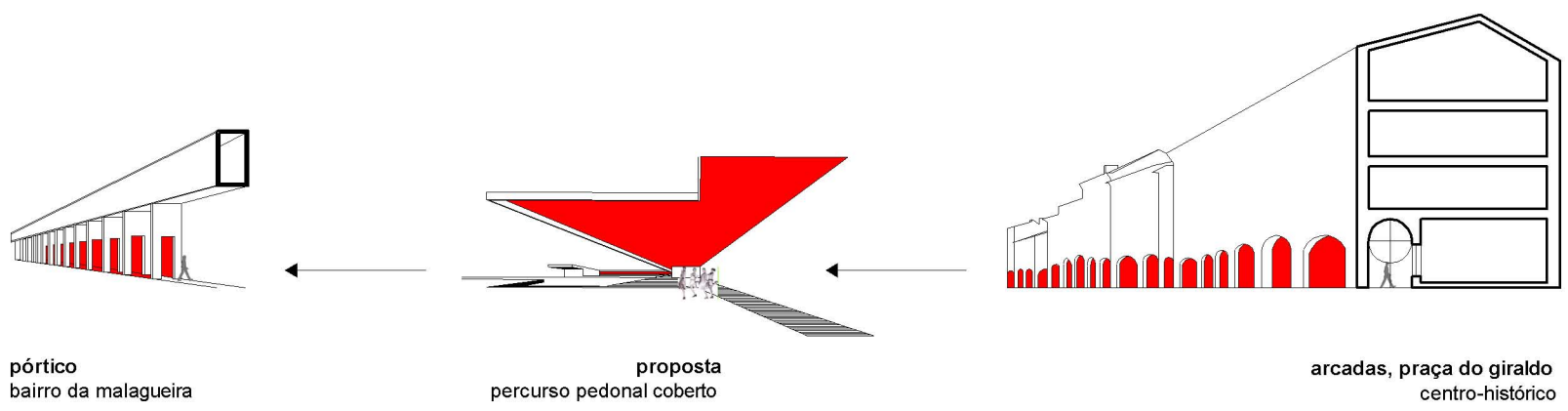
Enquanto eixo pedonal, pretende-se desde logo a separação do pedestre do automóvel, ainda que paralelamente a ele. Com a intenção, clara, de inserir e envolver o Homem num ambiente à sua escala e que obedeça à sua velocidade. Como tal, a proposta consiste na sistematização de uma estrutura que, ainda que apresente características "mat", é com base num pormenorizado estudo das infra-estruturas locais que ganha consistência. O paralelismo com a morfologia da cidade é, no entanto, assumido sem mimetismos ou imitação de efeitos. Mas antes, reintegrando os seus aspectos essenciais, considerando que a cidade e os seus espaços urbanos são definidos pela arquitectura das construções, numa inter-relação dialéctica. O projecto de integração, serve-se pois de duas infra-estruturas presentes na memória colectiva da cidade, as arcadas medievais e o aqueduto do bairro da Malagueira, como elementos de ligação e cozimento com a proposta.

Infra-estruturas essas que, tal como a proposta, desempenham a função de eixos relativamente independentes e estruturadores do programa que albergam.

No Centro-Histórico as arcadas funcionam como eixo pedonal estruturador de toda a área comercial. No caso da Malagueira, o pórtico é, não só um eixo organizador de todos os espaços lúdicos e habitacionais, como também serve de conduta distribuidora de todos os elementos técnicos, como água, electricidade e telefone, inerentes ao bairro. Neste sentido, para além de um eixo cultural, a presente proposta pretende um percurso que conduza não só o peão como também as condutas de ventilação, electricidade e água, a todos os espaços.

Aproveitando-se dessa memória colectiva, a que Aldo Rossi atribuía como tendo a mesma ou melhor intensidade na cidade: a *presença omnisciente de um monumento*. (13)

eixo
pedonal coberto



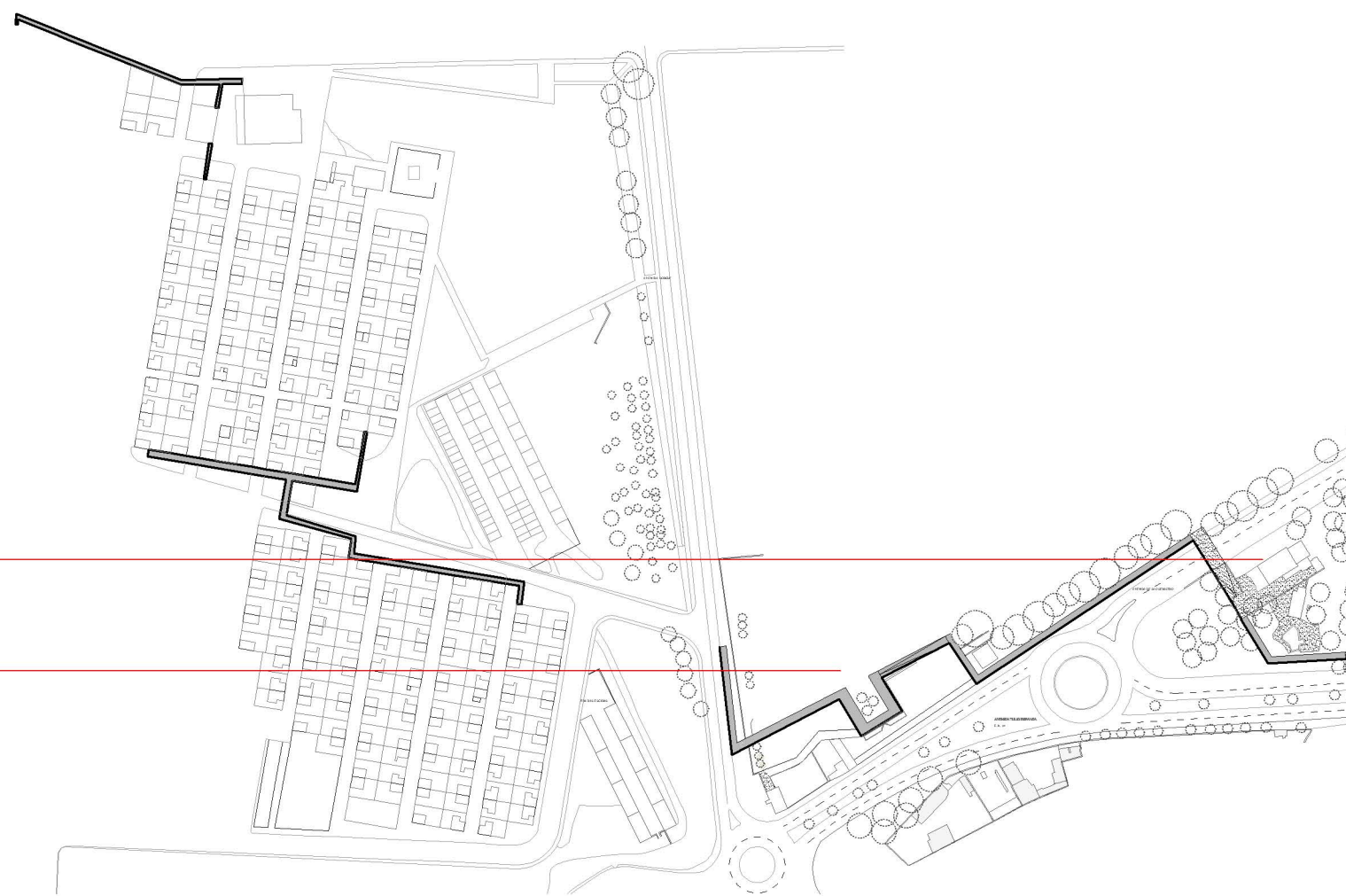
03 ESTADO LOCAL

PROPOSTA

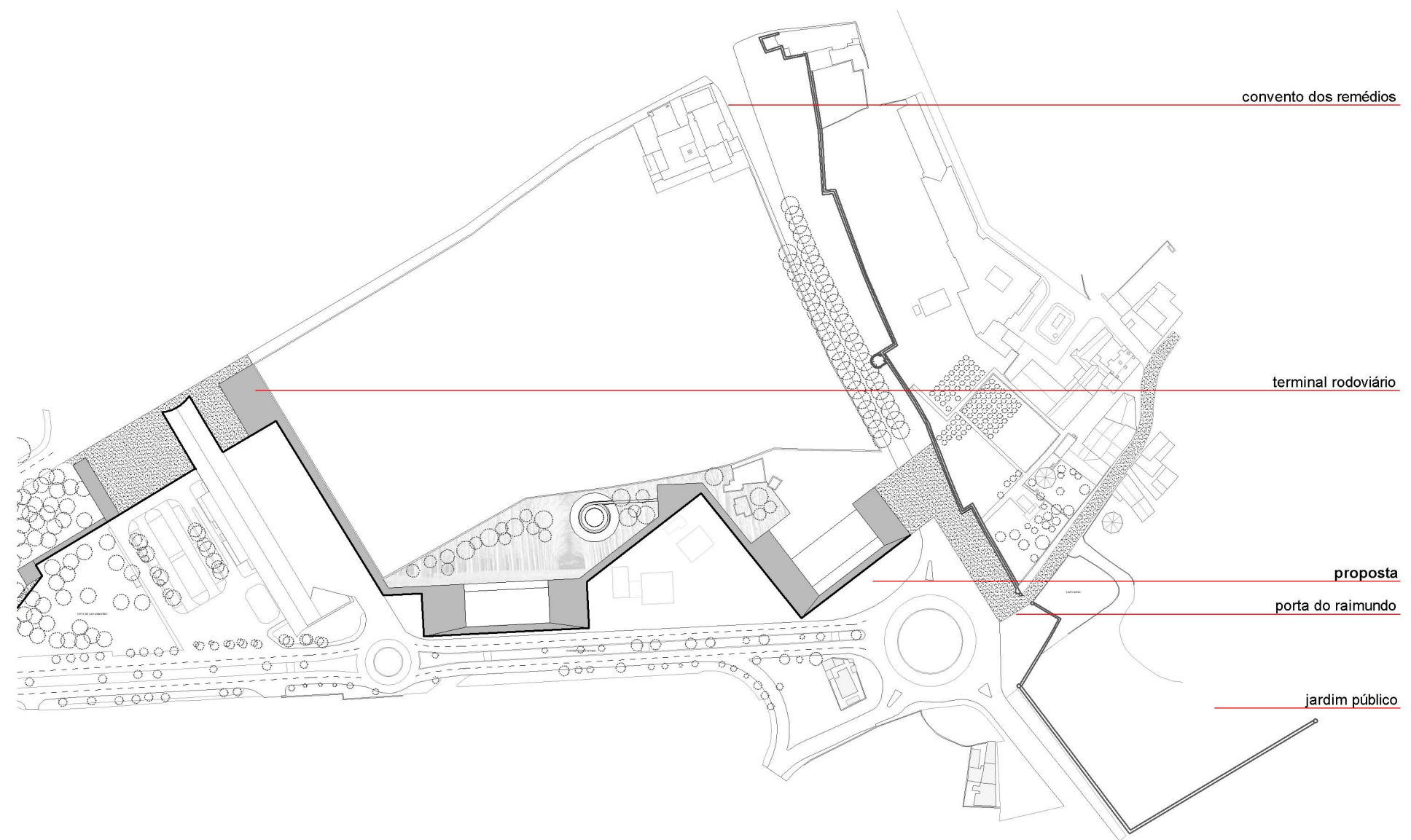
aqueduto / p^ortico
bairro da malagueira

ermida s. sebastião

chafariz das bravas



eixo
pedonal coberto



03 ESTADO LOCAL

PROPOSTA

Em suma, temos o local: é em Évora. Reconhecem-se os extremos ou as metas: cria-se o eixo. É um eixo pedonal: separamos o Homem do automóvel. É para as pessoas: necessitam de sombra e abrigo às grandes amplitudes térmicas. Antes de mais materializa-se a proposta no óbvio: num extenso coberto ao longo do eixo. Liberta-se o solo e por isso a densidade programática situa-se no subsolo.

Na primeira cota - o piso térreo - o edifício é materializado numa estrutura horizontal, uma cobertura, com 4 metros de altura. É uma rua coberta, e, como as restantes ruas de Évora, é sinuosa, criando momentos de surpresa, de maior luz e sombra ao longo do percurso. É uma cobertura longitudinal que apenas alarga para conter os espaços de recepção à biblioteca, espaços expositivos e auditórios; e uma cafetaria que se relaciona directamente com um jardim confinado entre esta estrutura e o muro do Convento dos Remédios - actual cemitério.

O restante programa situa-se numa cota inferior, no subsolo, que varia consoante a necessidade de pé-direito. A esta cota situam-se sucessivamente, a biblioteca, os espaços de exposição e os auditórios, que por sua vez estão ligados por um percurso interno.

A cada um destes três núcleos programáticos é atribuído um pátio. O pátio estrutura, no seu entorno, as diversas células e serve de espaço aprazível ao ar livre. É uma extensão do interior e ajuda no processo de iluminação e ventilação natural.

corte construtivo

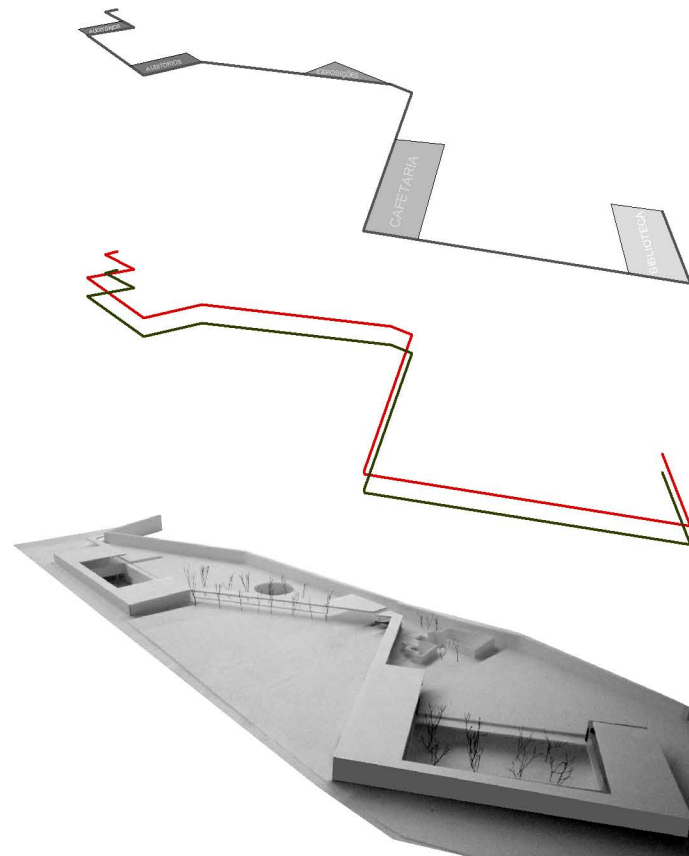
piso térreo _ passeio coberto

núcleos programáticos

biblioteca
cafeteria
espaços de exposição
auditórios

infra-estruturas

avacs, água, electricidade



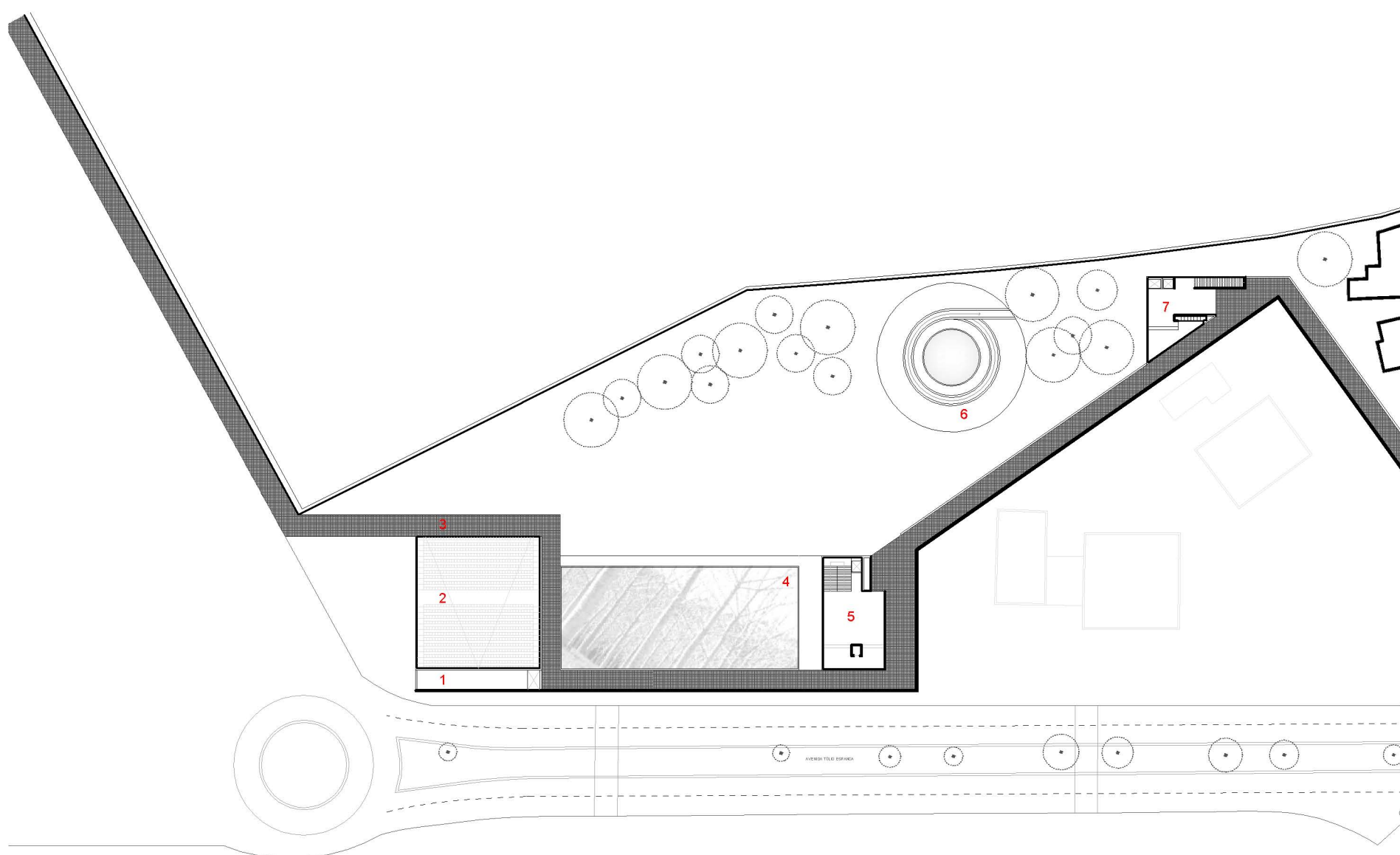
fotografia maquete



03 ESTADO LOCAL

PROPOSTA

planta
piso térreo



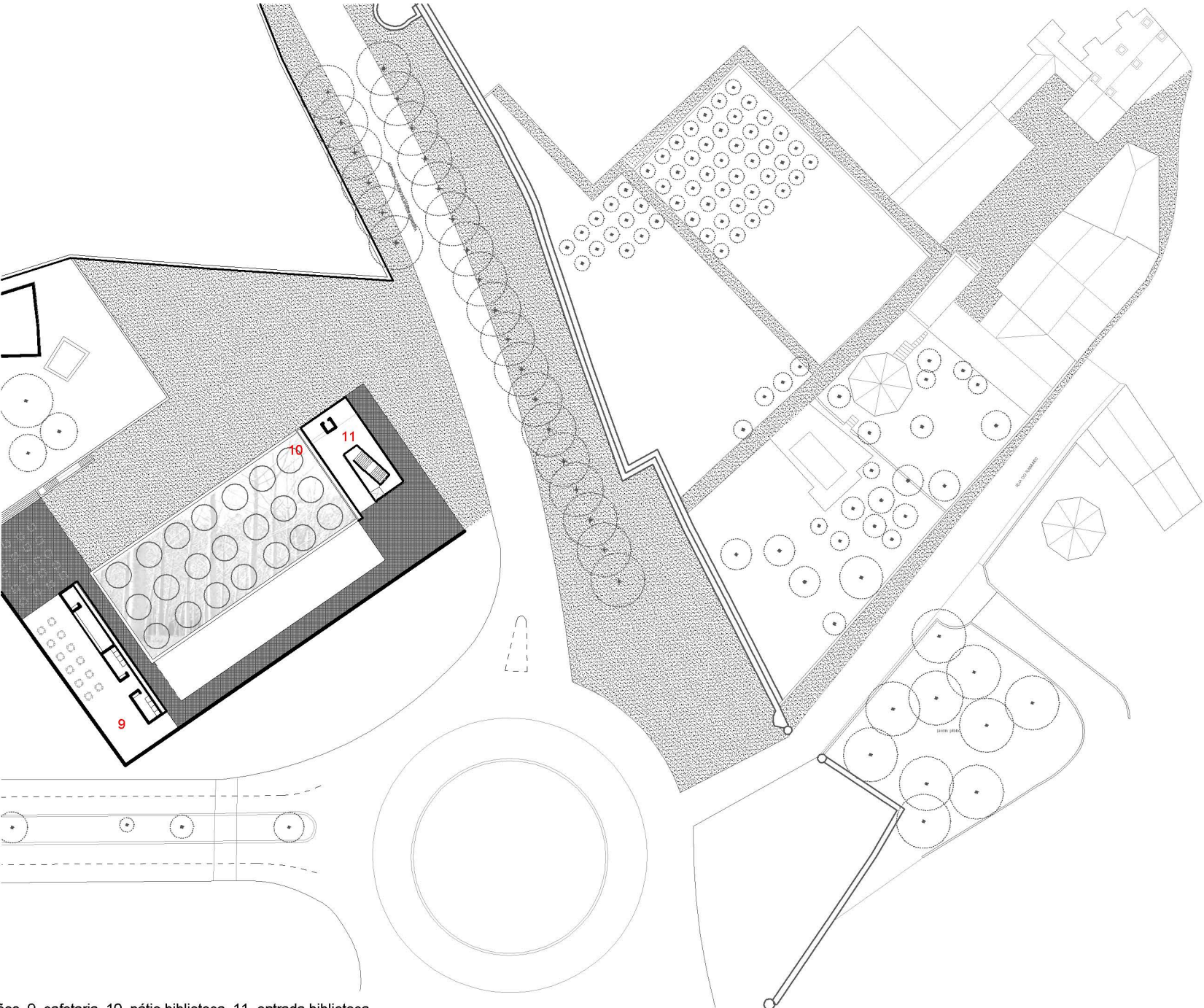
legenda

1- cargas/ descargas, 2-auditório grande, 3- vista para o auditório, 4- pátio nucleo auditórios, 5- entrada nucleo auditórios, 6- jardim, 7-entrada nucleo exposições, 8- espaço exp

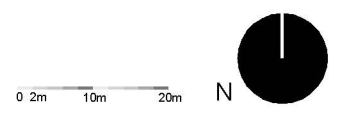
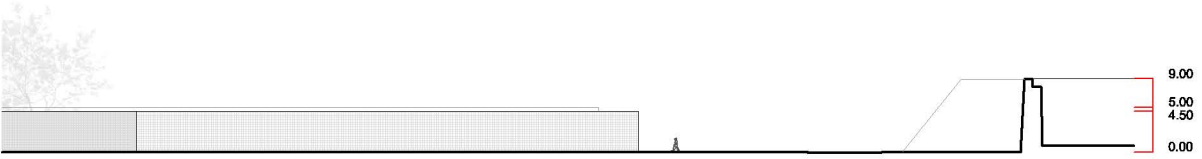
alçado
avenida túlio espanca



piso térreo
planta
alçado

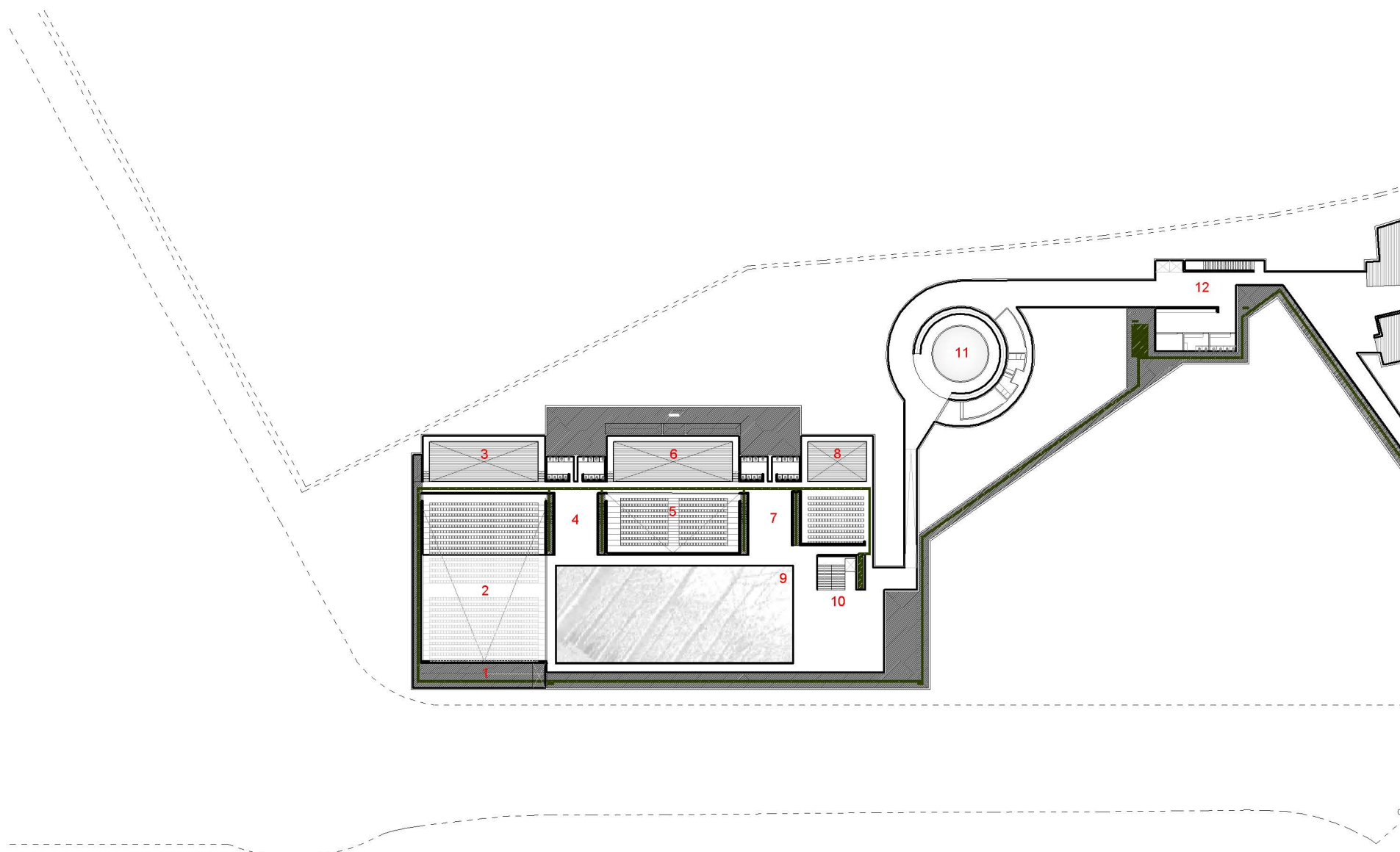


ões, 9- cafeteria, 10- pátio biblioteca, 11- entrada biblioteca



03 ESTADO LOCAL

PROPOSTA



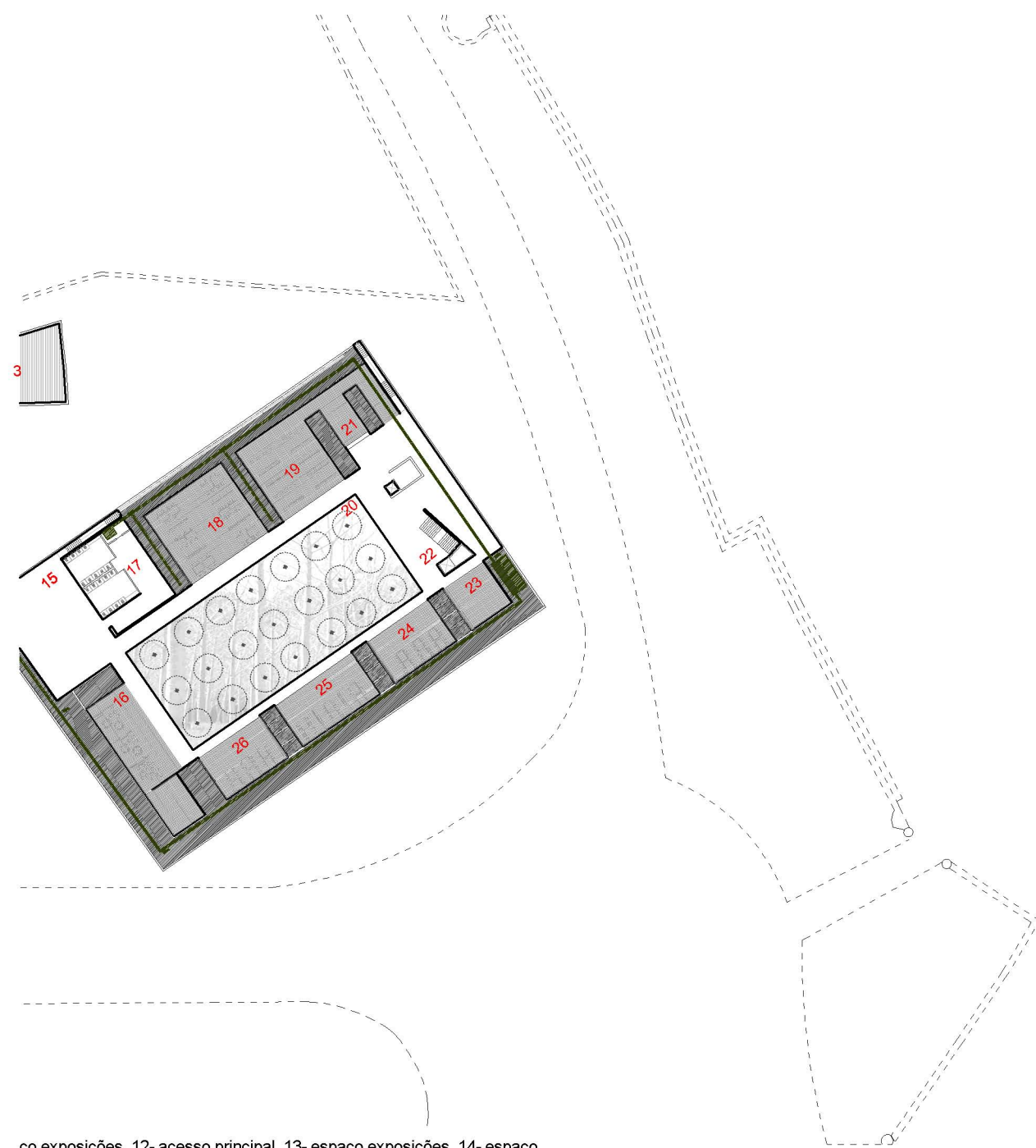
legenda

1- cargas/ descargas, 2-auditório 1000 pessoas, 3- palco, 4- atrio, 5- auditório 500 pessoas, 6- palco, 7-atrío, 8- palco auditório 200 pessoas, 9- pátio, 10- acesso principal, 11- exposições, 15- atrio de ligação com biblioteca, 16- espaço leitura infantil, 17- instalações sanitárias, 18- espaço leitura, 19- arquivo, 20- pátio, 21- recepção, 22- acesso princij



piso -1
planta
corte

planta
piso terreo



0 2m 10m 20m



12- espaço exposições, 13- espaço exposições, 14- espaço
3- mediateca, 24, 25 e 26- espaço estudo + salas de grupo e individuais



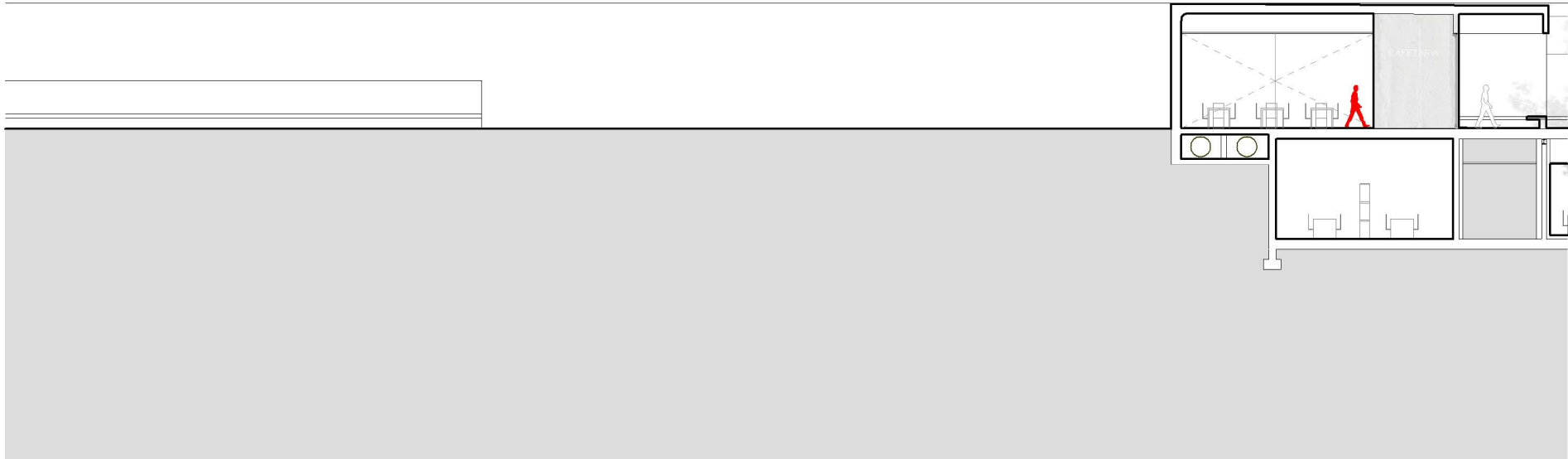
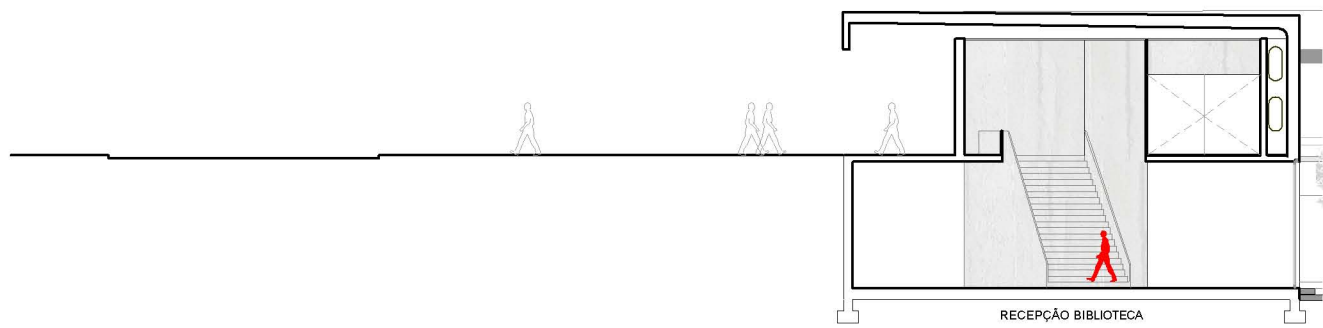
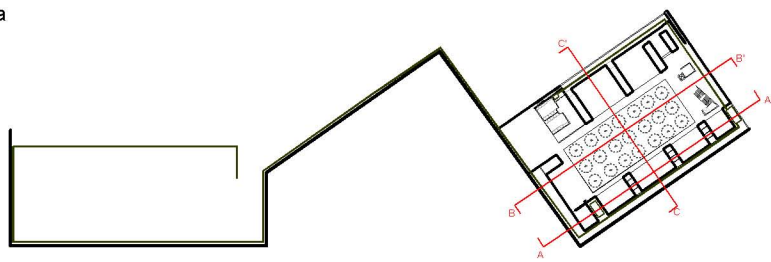
4.50
1.00
0.00
-5.40
-8.00

corte pelo interior do jardim
espaços para exposições

03 ESTADO LOCAL

PROPOSTA

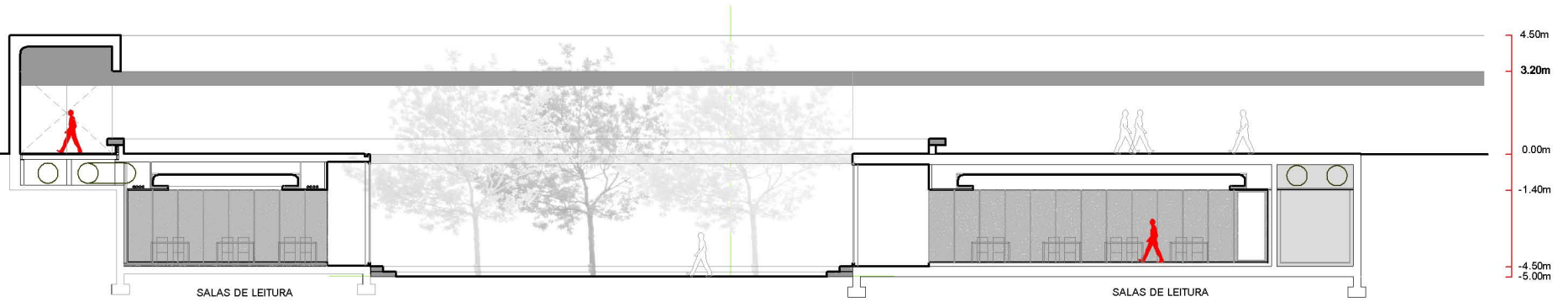
planta piso -1
biblioteca



cortes biblioteca



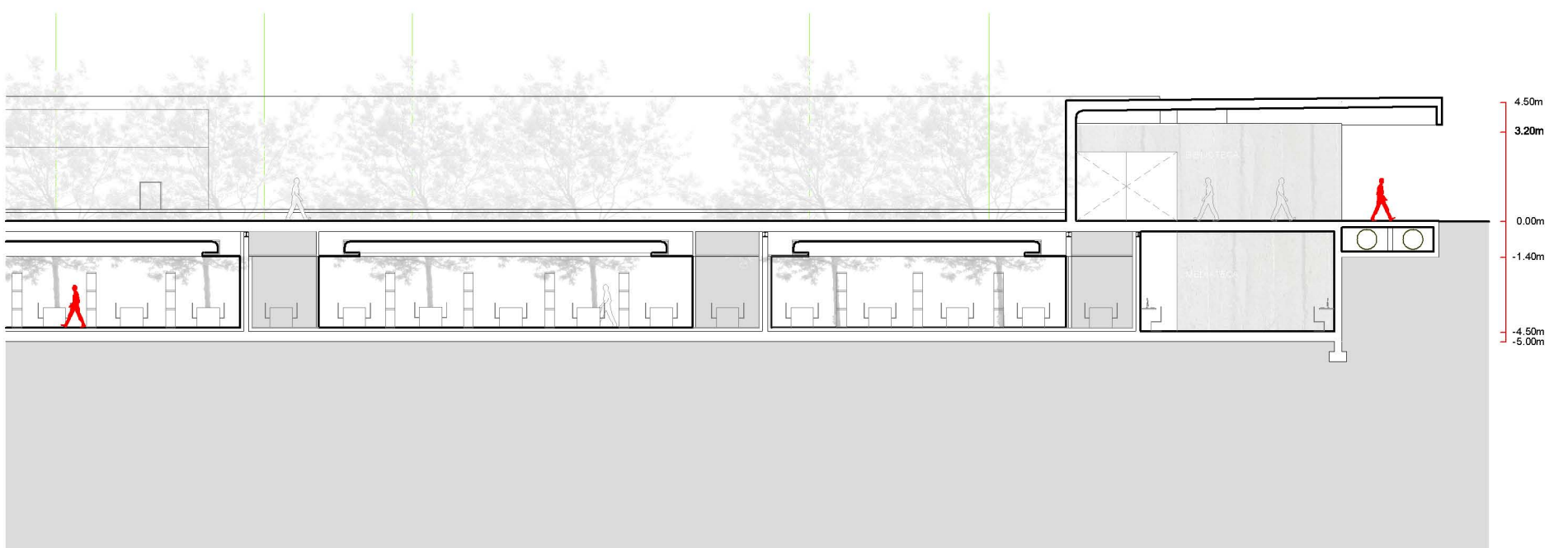
corte
CC'



corte
BB'



corte
AA'



03 ESTADO LOCAL

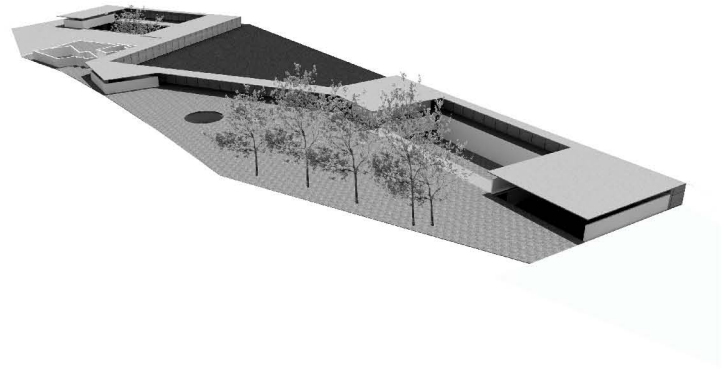
PROPOSTA

fotomontagem da proposta
vista da praça para a muralha

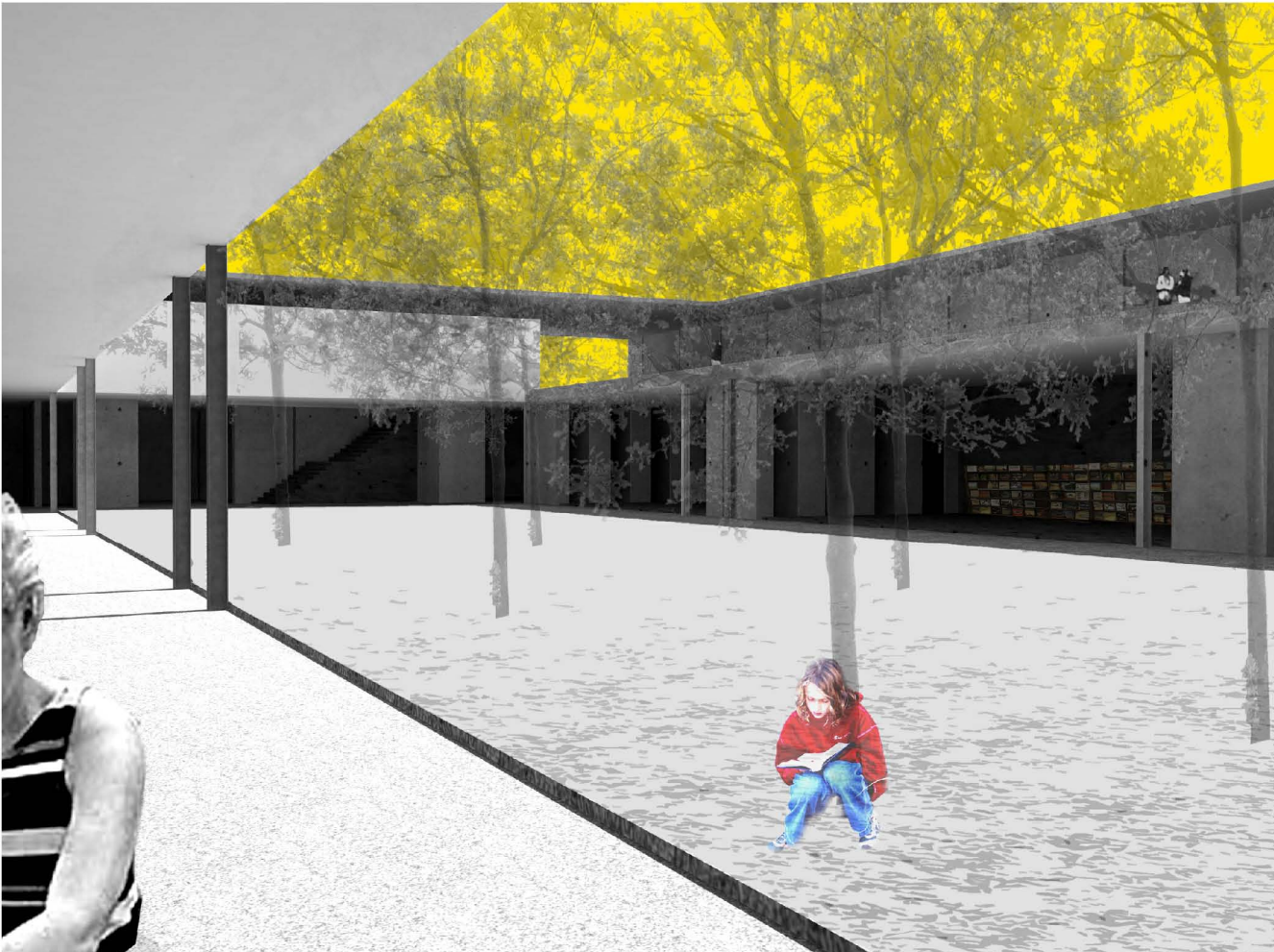


fotomontagens
biblioteca

01



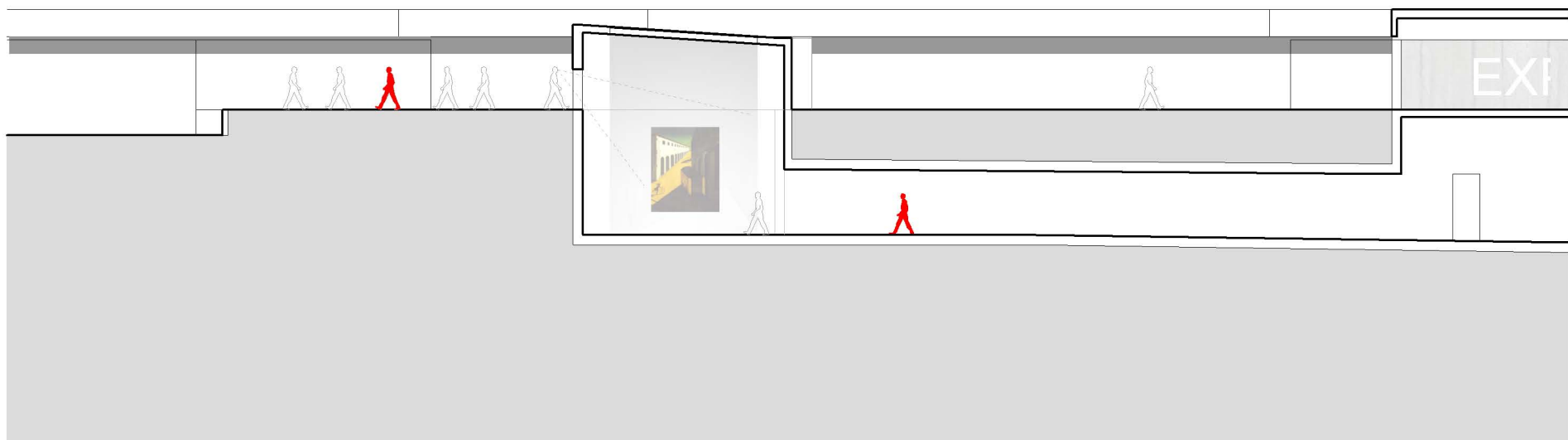
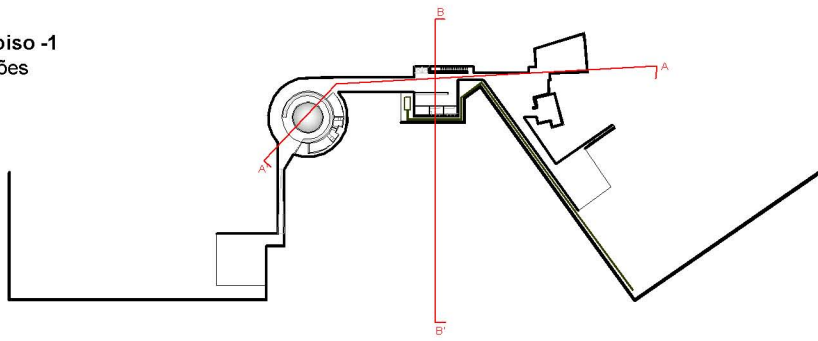
fotomontagem da proposta
pátio da biblioteca



03 ESTADO LOCAL

PROPOSTA

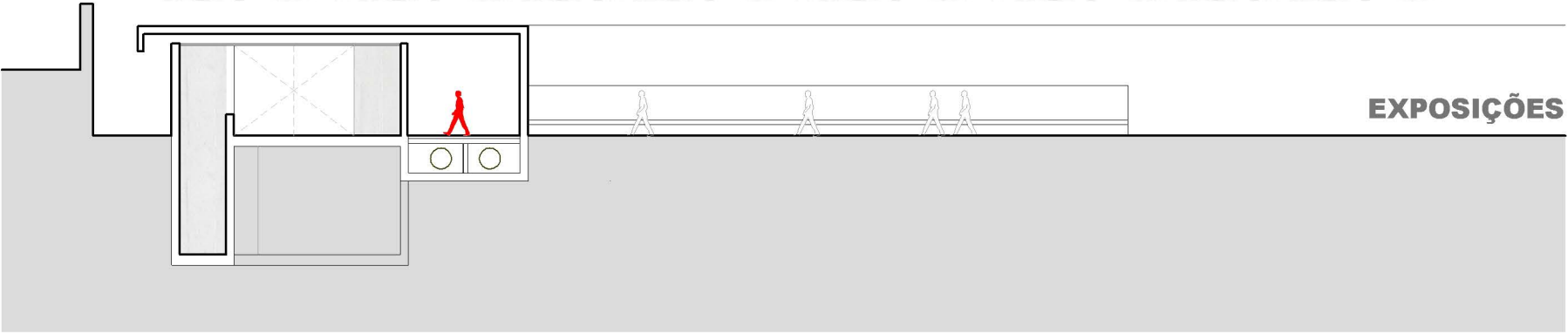
planta piso -1
exposições



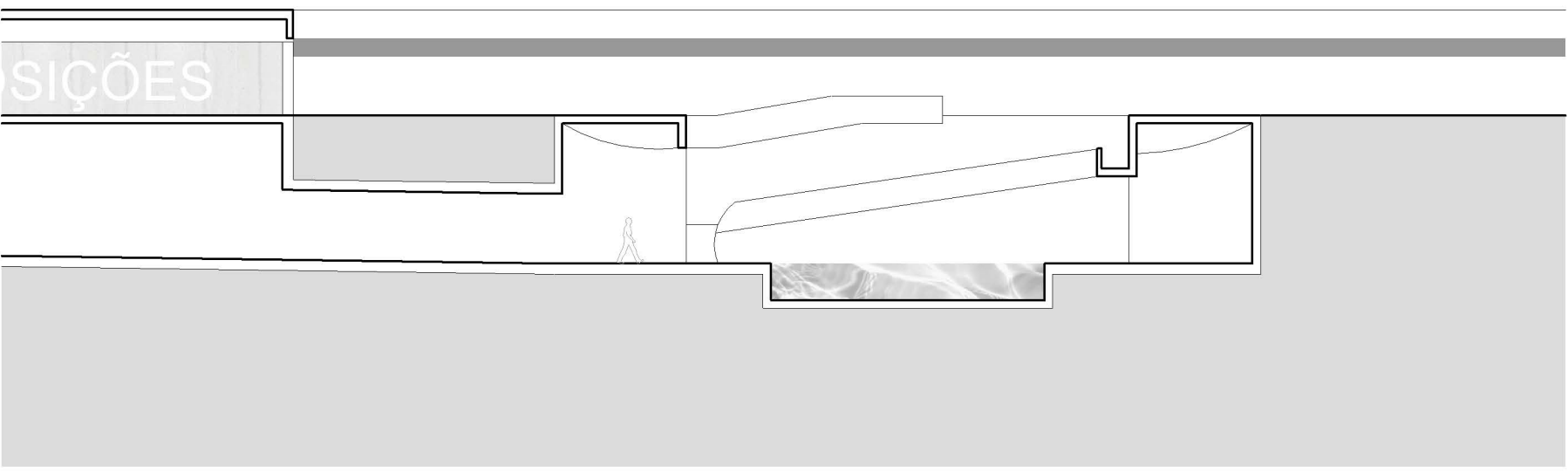
cortes
espaços de exposições



corte
BB'



corte
AA'



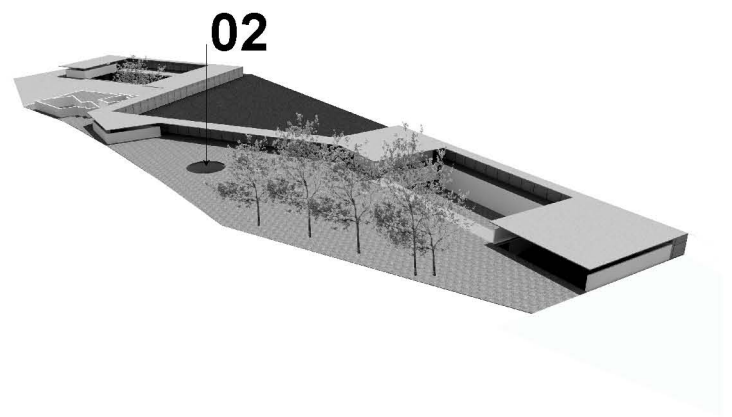
03 ESTADO LOCAL

PROPOSTA

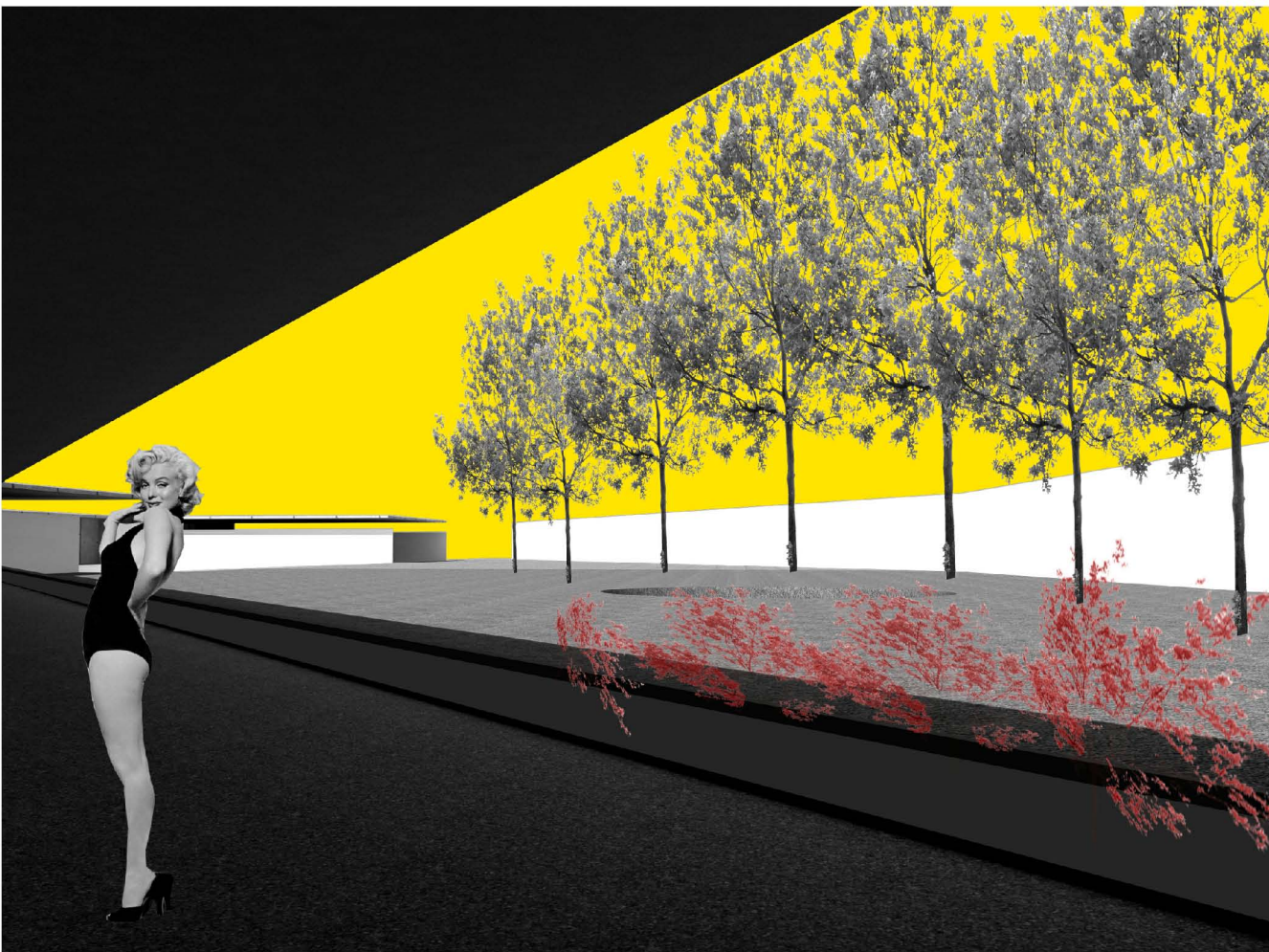
fotomontagem da proposta
pátio para exposições



fotomontagens
espaços de exposições



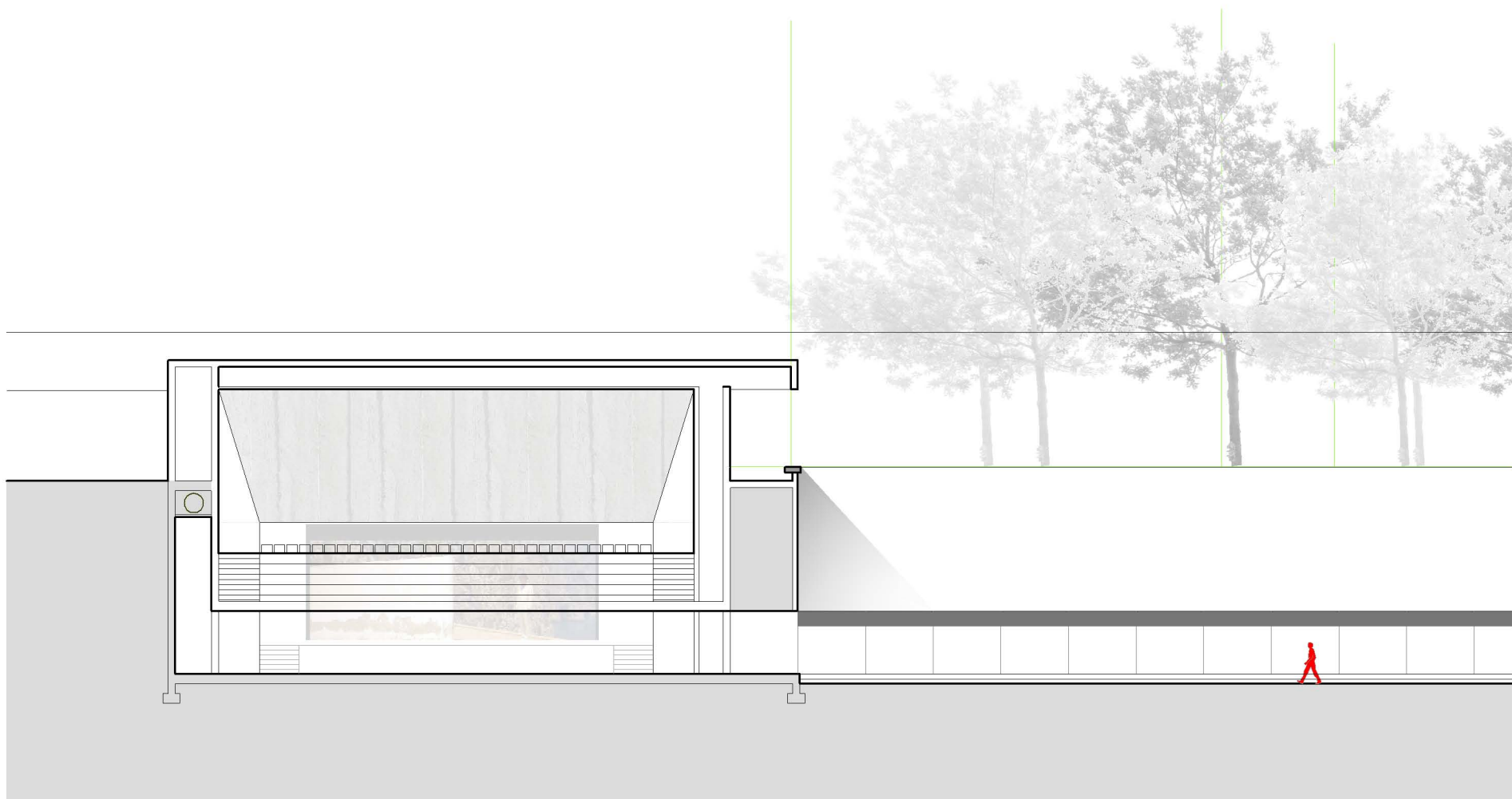
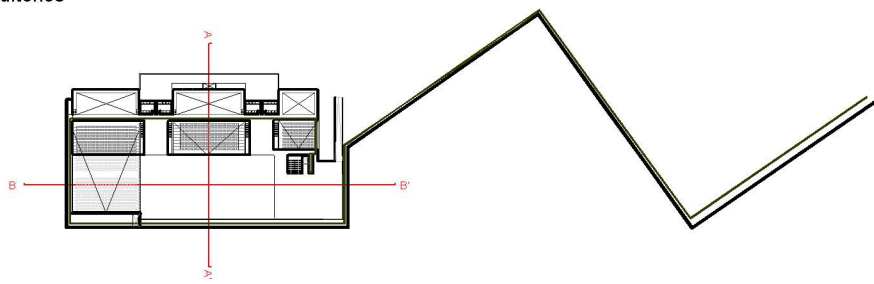
fotomontagem da proposta
jardim



03 ESTADO LOCAL

PROPOSTA

planta piso -1
auditórios



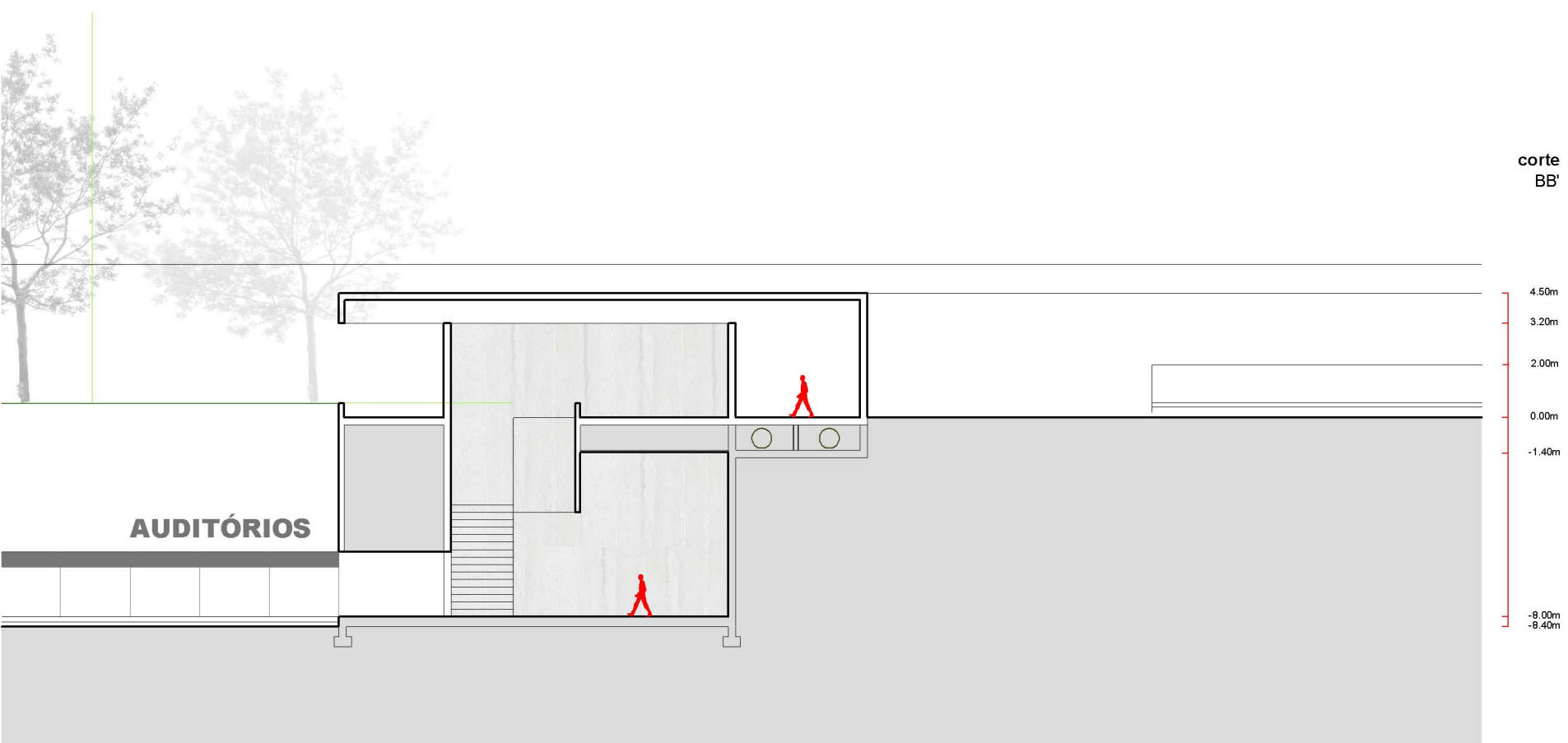
cortes
auditórios



corte
AA'



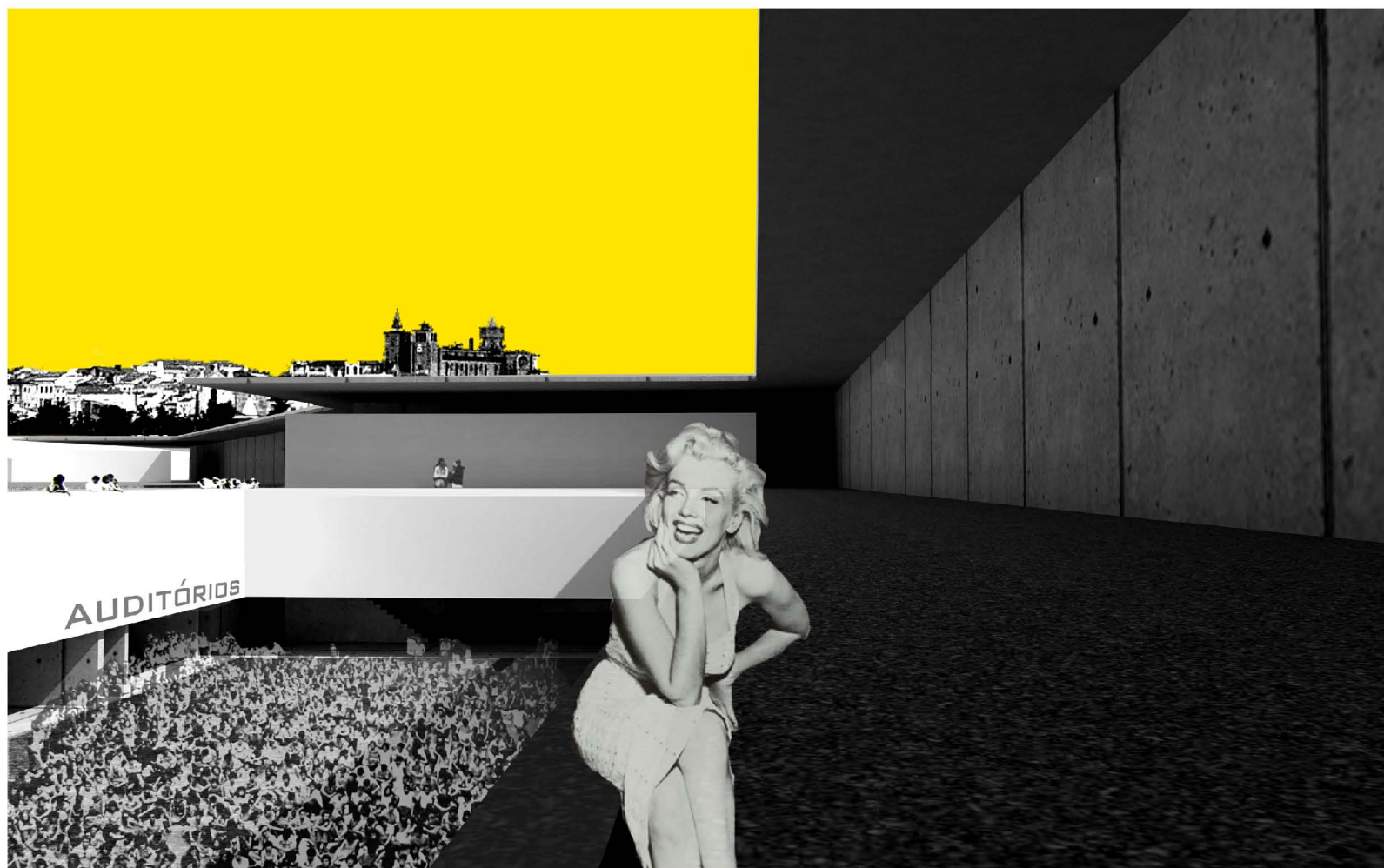
corte
BB'



03 ESTADO LOCAL

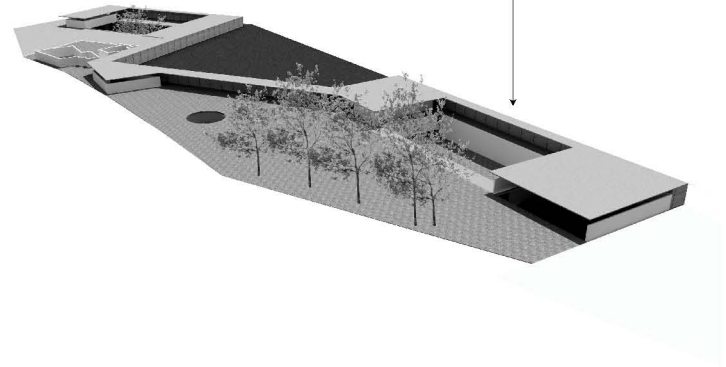
PROPOSTA

fotomontagem da proposta
percurso coberto com vista para o pátio dos auditórios



fotomontagens
auditórios

03



fotomontagem da proposta
pátio dos auditórios



03 ESTADO LOCAL

PROPOSTA

Relativamente à materialidade, pretende-se que esta estrutura seja agradável ao peão, como tal, para além de o proteger essencialmente das grandes amplitudes térmicas, abriga-o. O abrigo além de ter a componente estritamente física é também uma noção subconsciente e que em arquitectura, está intimamente ligada a percepções de luz e de sombra, espessura e textura dos materiais. A cobertura materializa-se em betão à vista, é rugoso e espesso e susceptível ao toque. O pavimento é uma estrutura em rede metálica onde é possível vislumbrar os sistemas técnicos que transporta. Tem ainda o banco, em pedra, onde o peão descansa. E o jardim que o conforta.

No Subsolo os espaço percorriáveis são também eles em betão, sendo que os locais de estar, de leitura e os auditórios são essencialmente revestidos a madeira, recolhidos e confortáveis.

À materialidade são intrínsecas, além das intenções, um tempo. Significa isto que, cada estrutura adicionada à cidade deve transparecer o seu tempo e a sua expressão plástica. As arcadas medievais foram construídas em alvenaria de pedra, o pórtico da Malagueira foi construído em alvenaria de blocos de cimento e a presente proposta em betão armado. A escolha deste material surge não apenas como expressão dramática mas também pelo conforto e plasticidade que lhe é atribuído e por ser um material estrutural e estético auto-suficiente, tal como a estrutura proposta só por si o é.

materialidade

cutre construtivo biblioteca

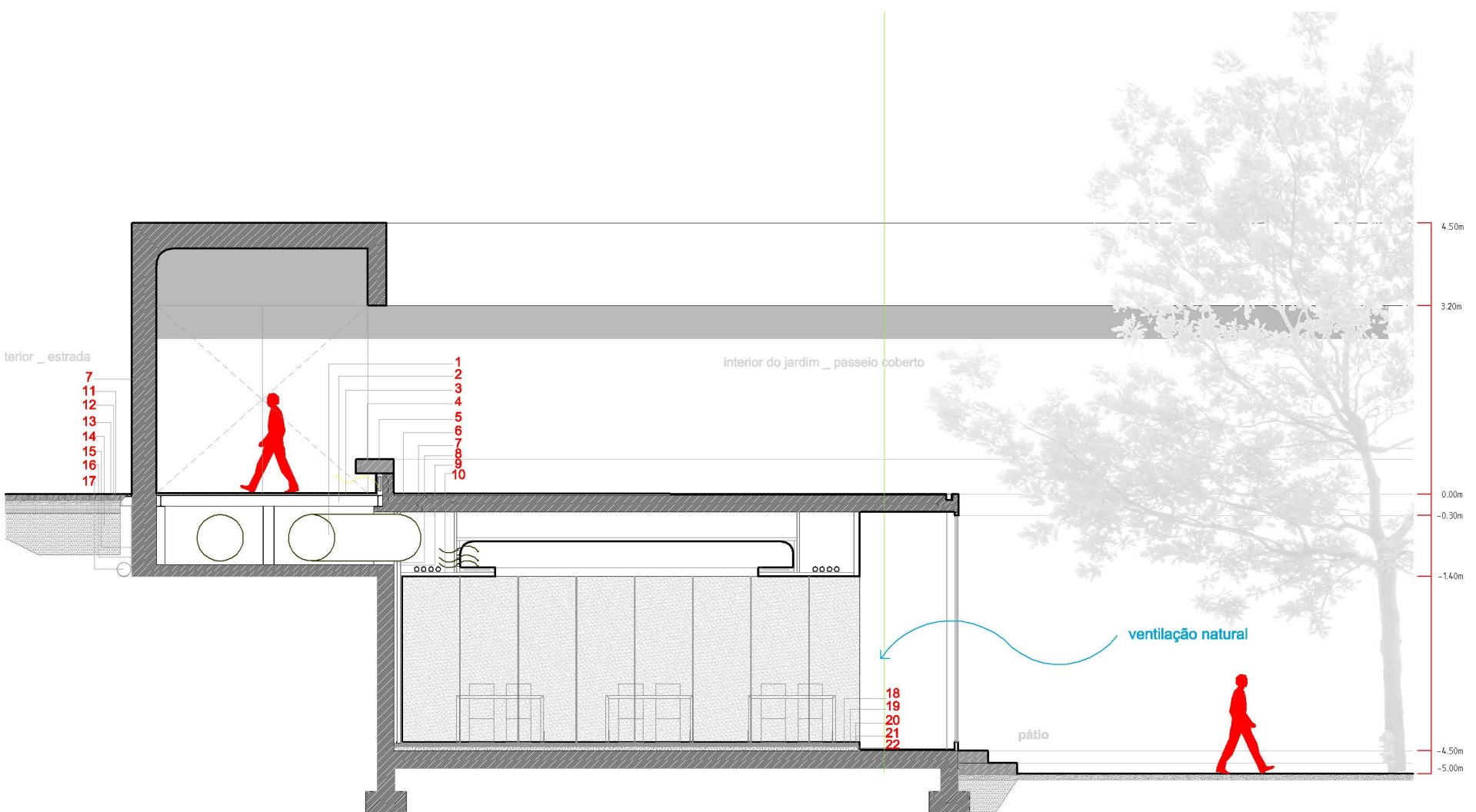
legenda

- avacs 1
- perfil metálico 2
- grelha metálica 3
- bloco de pedra 4
- lampada de iluminação 5
- lajes de pedra 6
- betão 7
- isolamento 8
- perfil laminado 9
- gesso cartonado tipo pladur 10
- cubo de granito 11
- areia 12
- tout-venant 13
- caixa de brita 14
- impermeabilização 15
- manta drenante 16
- dreno 17
- soalho de madeira 18
- lã de rocha 19
- chapa quinada de zinco 20
- meio fio 21
- enchimento 22

materialidade: blocos de cimento
pórtico da malagueira



materialidade: alvenaria de pedra e reboco
arcadas da praça do giraldo

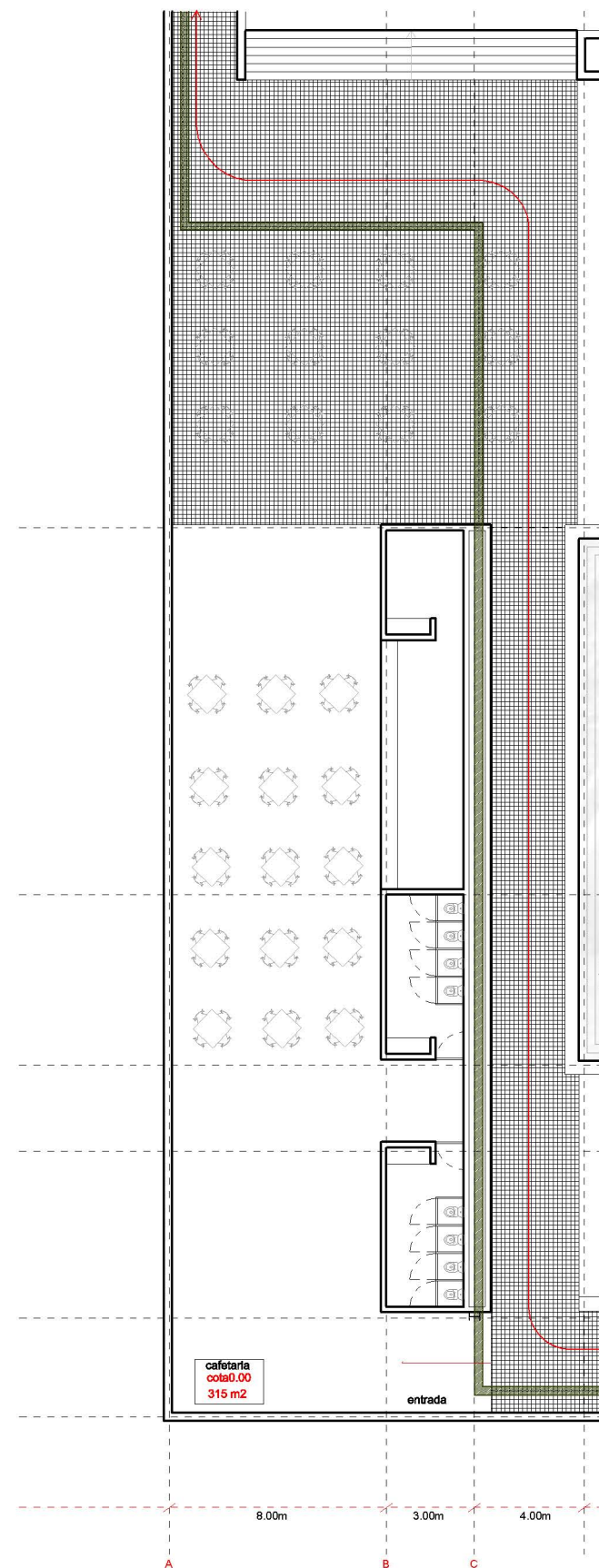


03 ESTADO LOCAL

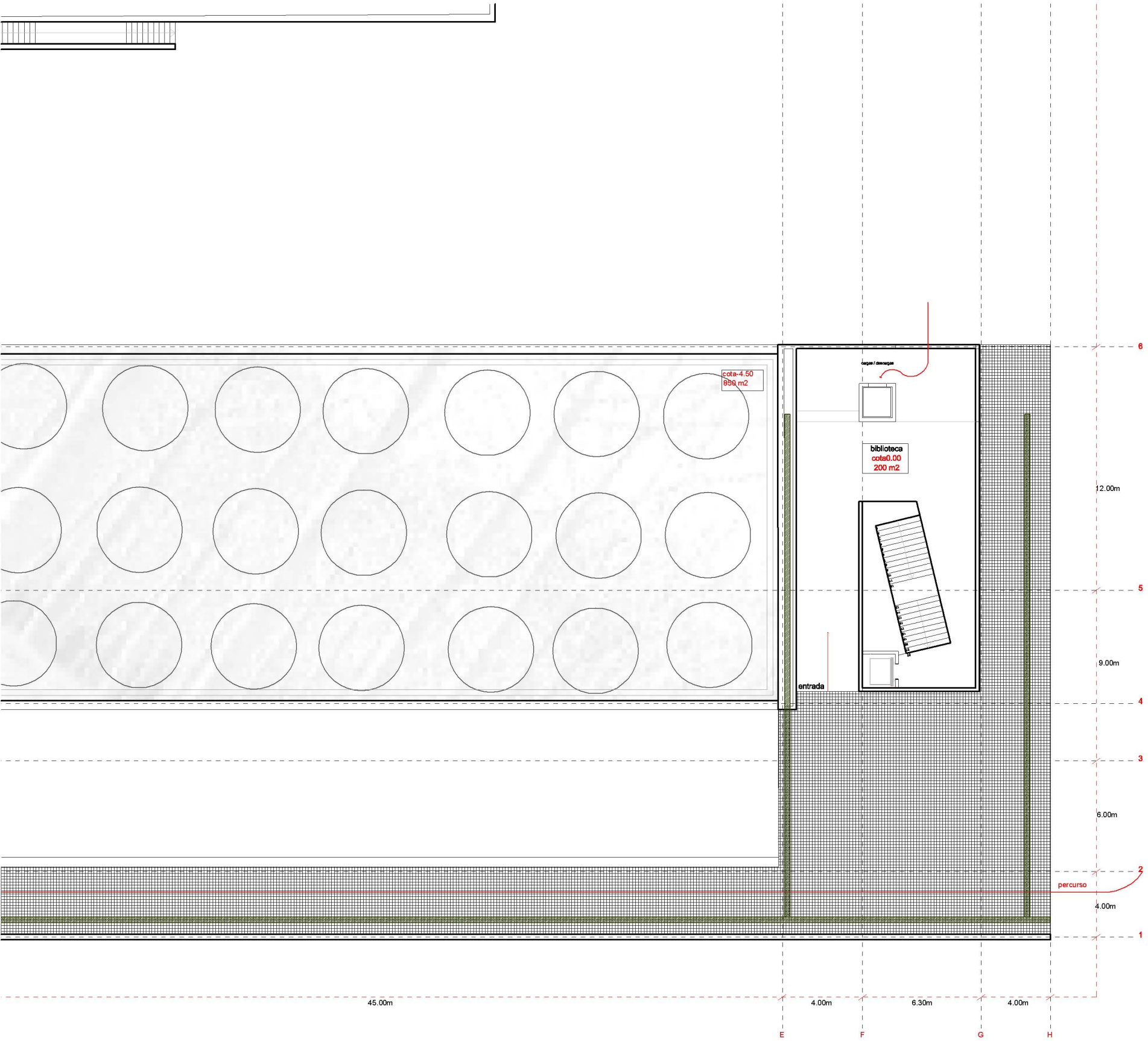
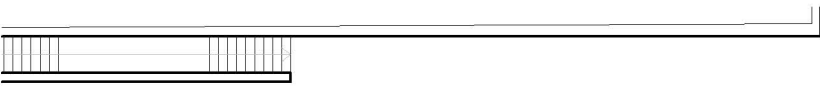
PROPOSTA



fotomontagem
cobertura

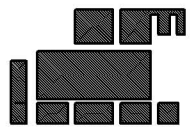


materialidade
piso térreo _ biblioteca e cafeteria

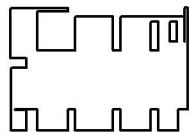


03 ESTADO LOCAL

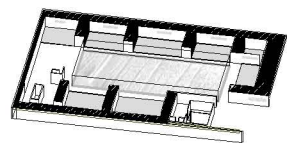
PROPOSTA



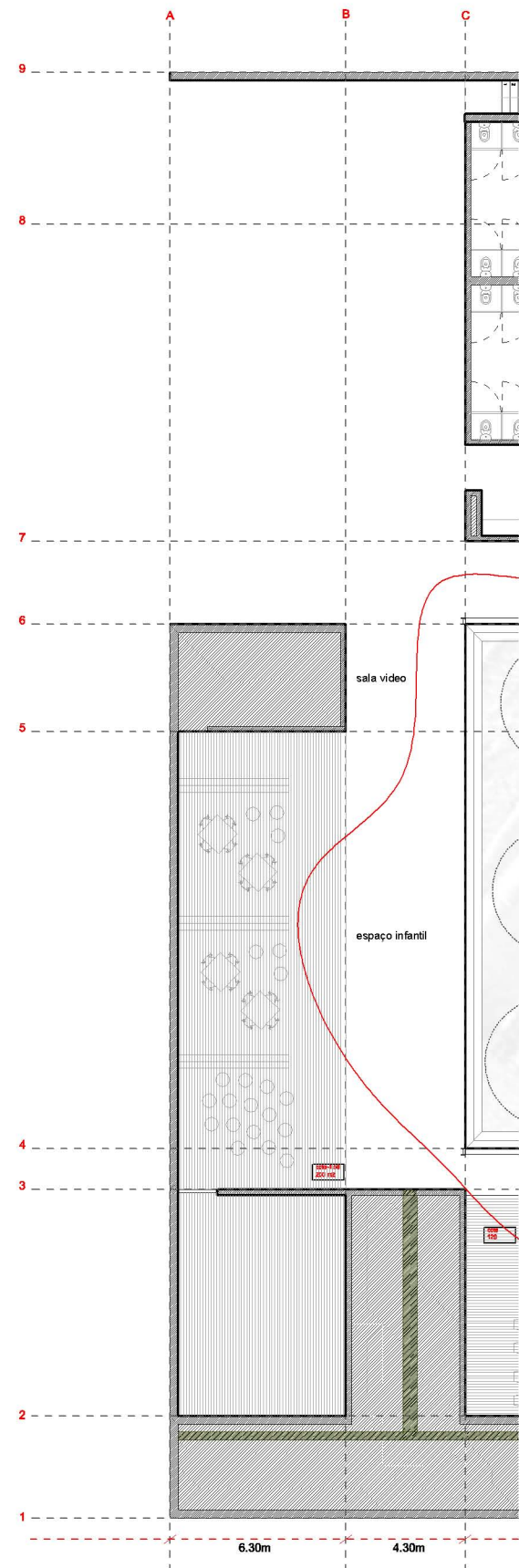
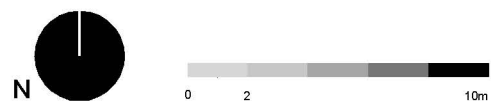
planta de cheios
espaços principais



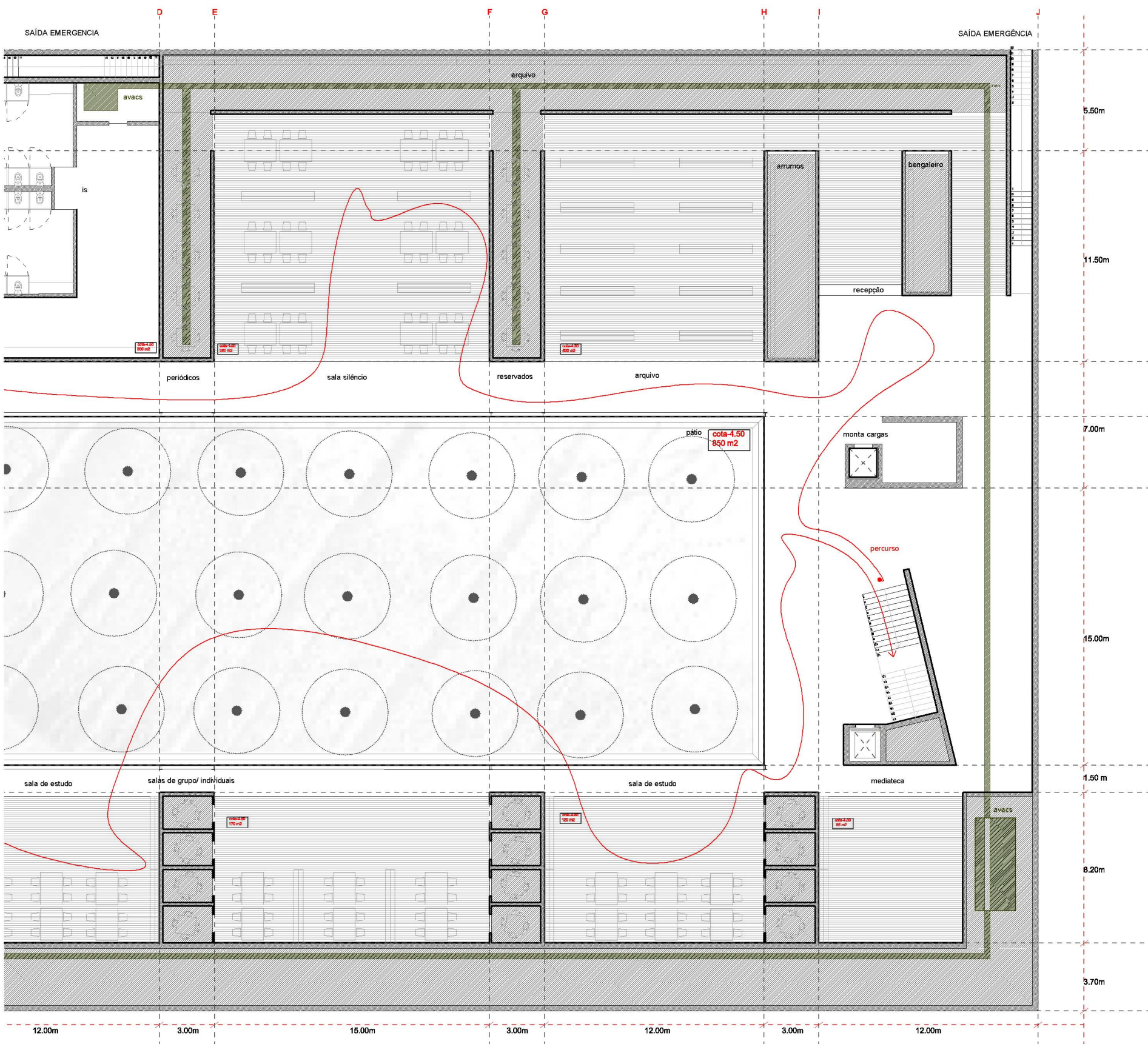
planta de vazios



axonometria

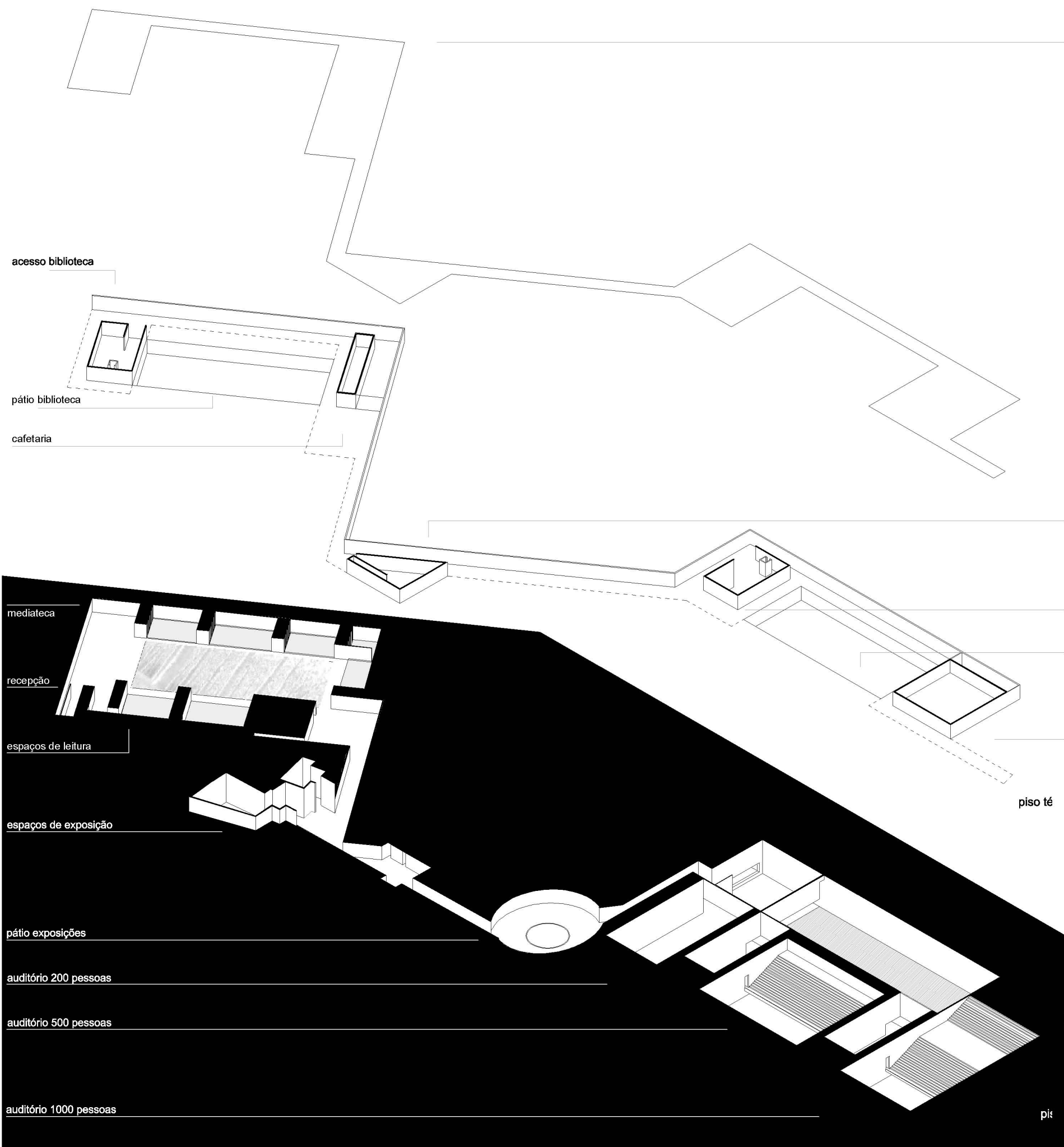


materialidade
pisso -1 _ planta biblioteca



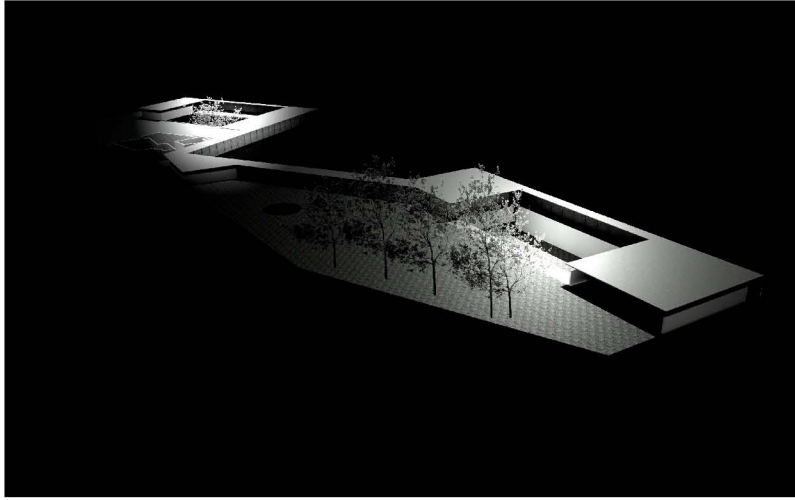
03 ESTADO LOCAL

PROPOSTA



axonometria

cobertura



acesso exposições

acesso auditórios

pátio auditórios

auditório para 1000 pessoas

03 ESTADO LOCAL

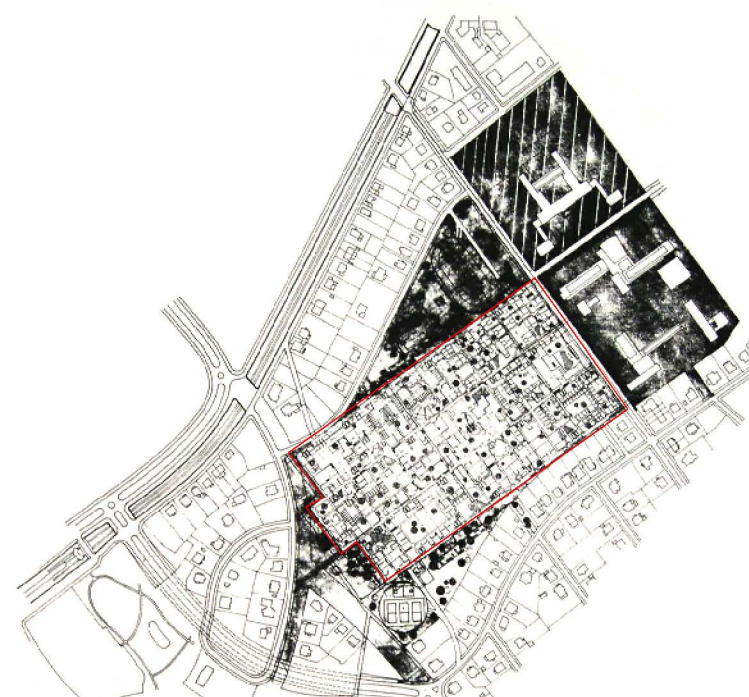
REFERÊNCIAS

Prendendo-nos na ideia de que os programas não são intrínsecos entre si, pode-se subentender que o percurso térreo sobreviveria apenas como eixo pedonal sem a existência do programa que lhe é associado à cota inferior. Sendo que a complementaridade de ambos enriquece não apenas o percurso em si mas igualmente o tecido urbano e o projecto local.

Esta hibridação de conceitos está evidenciada em alguns edifícios “mat” dos anos 60 e também da contemporaneidade. São estruturas urbanas que se baseiam em diferentes níveis de associação, identidade com o meio, mobilidade e transformação.

Segundo Alison Smithson, o “mat-buiding” é *uma estrutura cuja ordem se baseia em três parâmetros: interconexão, padrões de associação estritamente ligados e possibilidade de crescer, diminuir e mudar.* (14) Tratam-se de edifícios de extensão horizontal, como um tecido, cujo paradigma são os projectos da equipa Candilis - Josic - Woods, a reconstrução do centro de Frankfurt, de 1963, e a Universidade livre de Berlim, cuja primeira fase de construção data de 1973.

fig.37
implantação
universidade livre de berlim, 1973
candilis-josic-woods



mat-buildings
universidade livre de berlim, 1973

fig.38
parte da planta e cortes
universidade livre de berlim

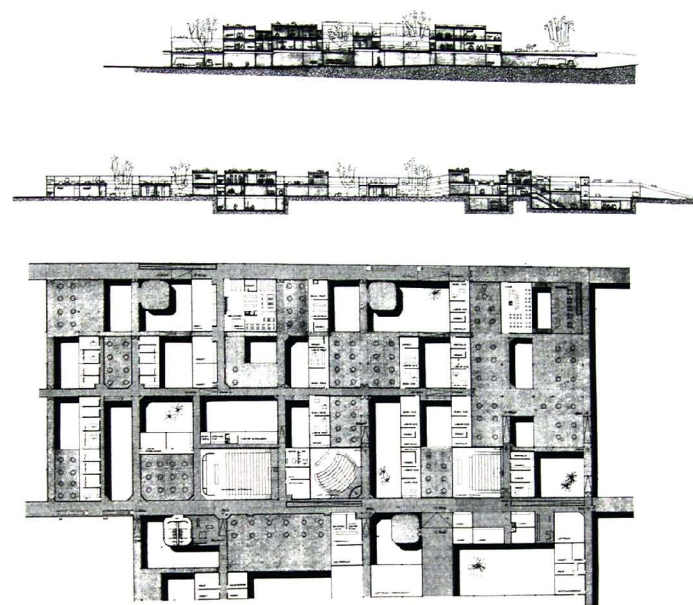
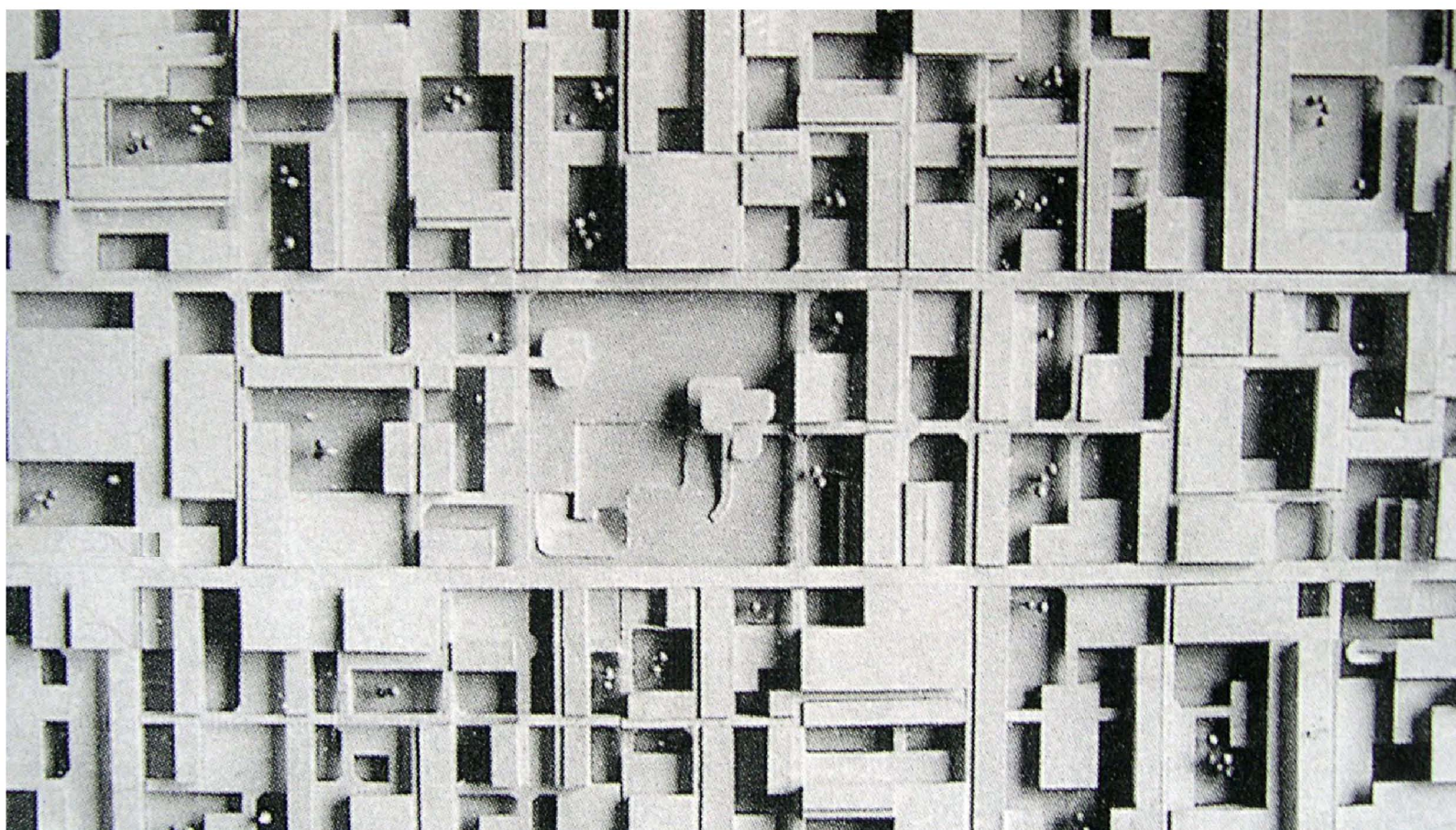


fig.39
fotografia da maquete
universidade livre de berlim

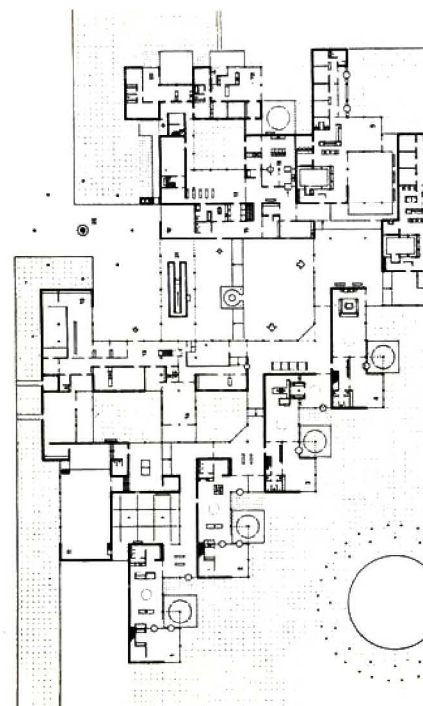


03 ESTADO LOCAL

REFERÊNCIAS

Entre as obras que Alison Smithson considera "Mainstream mat-building" encontram-se ainda o orfanato de Amesterdão de Aldo Van Eyck, datado de 1957-60, o plano de tráfego de Louis Kahn para Filadélfia, de 1953-55, e em especial a proposta para o hospital de Veneza de Le Corbusier, projectado em 1964.

fig.41
planta
orfanato de amesterdão, holanda, 1957-60
aldo van eyck



mat-buildings

plano de tráfego de filadélfia, 1953-55
orfanato de amesterdão, 1957-60

fig.40
plano de tráfego
filadélfia, 1953-55
Louis kahn

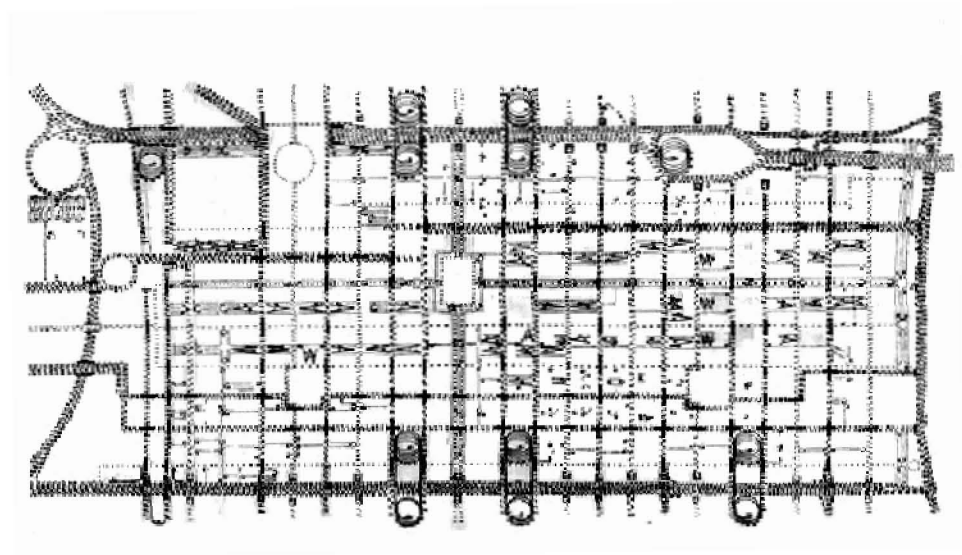
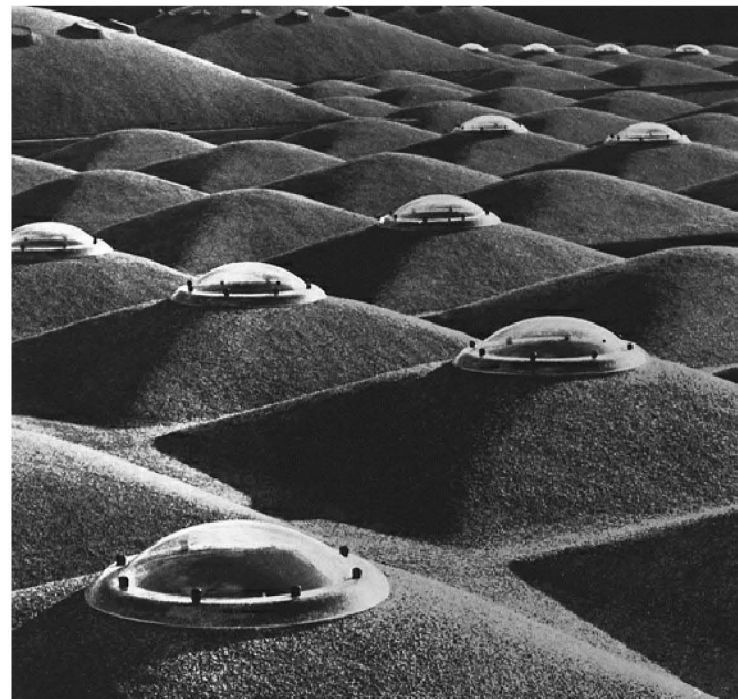
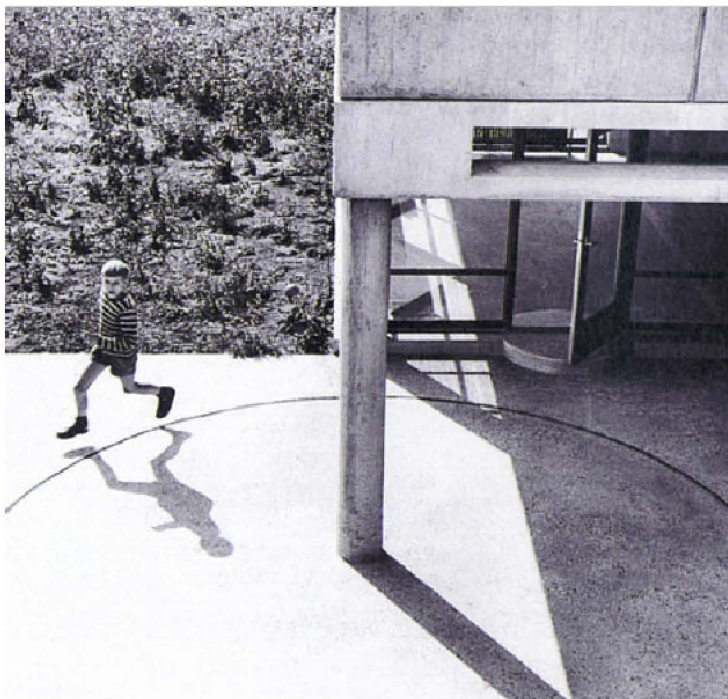


fig.42
fotografia de época
orfanato de amesterdão

fig.43
fotografia da cobertura
orfanato de amesterdão



03 ESTADO LOCAL

REFERÊNCIAS

Neste último, poderemos atribuir similaridades ao presente projecto. Ambos surgem em conformidade com os padrões morfológicos locais e são estruturados horizontalmente a partir da malha urbana.

No hospital de Veneza, Le Corbusier pretendia essencialmente reunir o espírito e identidade da cidade num único edifício. Como tal, parte do corredor enquanto rua, o princípio de organização do edifício. Atento com a escala de integração que o hospital deveria ter, a estratégia teve como base a extensão do programa na horizontal, claramente mais baixo que as imediações de modo a evitar uma rotura na leitura da cidade antiga.

Neste projecto, o padrão disperso distingue-se desde logo na implantação do edifício. Apropria-se horizontalmente do espaço vazio numa tentativa de continuar as redes viárias e o canal para o seu interior, integrando e difundindo-se na malha urbana. No interior encontra-se o mesmo padrão, associam-se espaços fechados com espaços comuns e vazios por meio de rampas e passadiços, sendo que os restantes espaços são jardins abertos ao público.

"No que respeita às plantas do hospital, estas fundir-se-ão com as suas imediações mediante um processo de osmose." (15)

Le Corbusier
(in: carta dirigida ao presidente do hospital de Veneza,
Março de 1964)

mat-buildings
hospital de veneza, 1964

fig.45
implantação
hospital de veneza

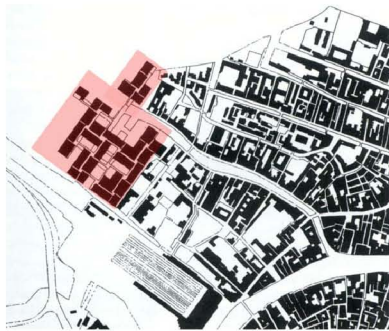


fig.46
plantas e corte
hospital de veneza

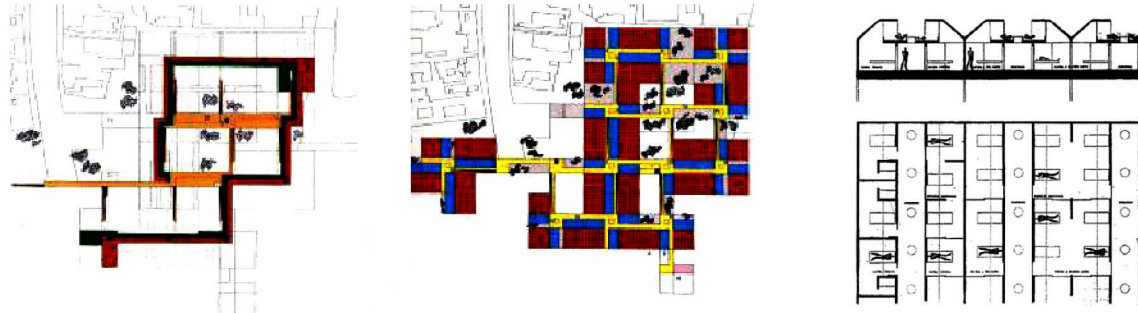
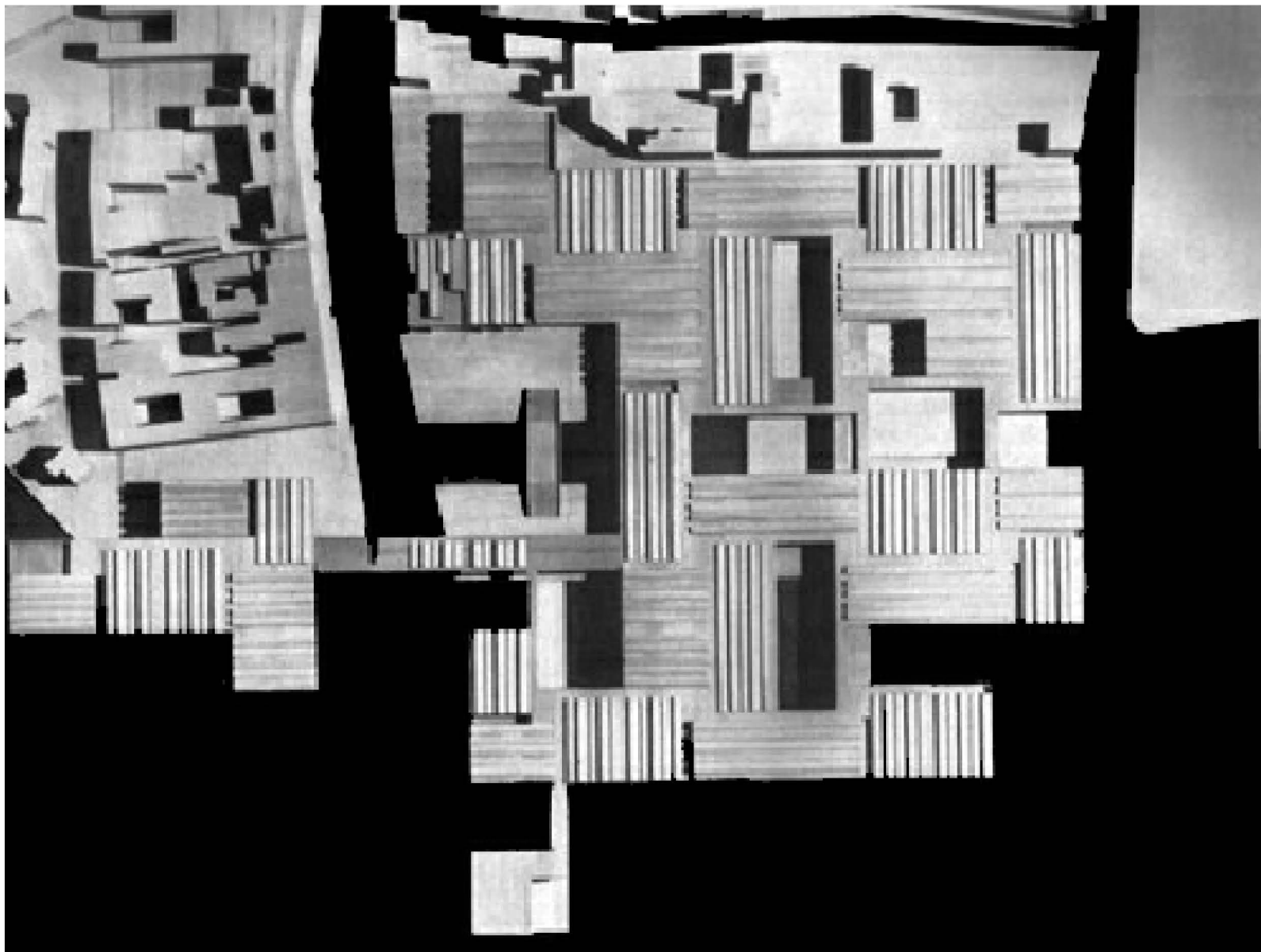


fig.44
fotografia da maquete
hospital de veneza, itália, 1964
le corbusier



03 ESTADO LOCAL

PROPOSTA

Embora a presente proposta não pretenda de todo a aceitação ou o emprego de uma forma arquitectónica já estudada e sistematizada, neste caso a construção *mat*, pretende sim uma breve analogia a estes projectos enquanto conceito gerador de cidade. A capacidade de uma única estrutura potenciar uma variedade de sensações, vivências e programas e ao mesmo tempo ser altamente funcional enquanto intenção urbana. Cozer as várias estruturas dentro da estrutura Global.

“Toma-se hoje muito clara a consciência da mútua relação espaço organizado - -comportamento humano, a todos os níveis de qualidade e de quantidade, o que permite encarar o problema da cidade como forma (e não soma de formas) e suas determinantes no comportamento global do Homem, indivíduo ou membro de uma comunidade, e, paralelamente, a acção do Homem no quadro da cidade, de onde resultam acções e reacções mútuas de causa e efeito que nos levam a afirmar que, se sem o Homem não há cidade, também sem cidade não há Homem.” (16)

Fernando Távora, 1969

(in: prefácio de *a cidade como arquitectura*, Nuno Portas)

Ora, partindo do princípio de que estas estruturas são pensadas exactamente para o Homem, tendo em conta as suas necessidades de conforto e sociais, então este processo torna-se viável. Por outro lado, apesar de parecer um método um tanto *naïve*, é a partir das infra-estruturas locais que a proposta ganha raízes, relações com a envolvente e sustentabilidade.

planta esquemática
presente proposta de ligação pedonal
centro-histórico de Évora com o bairro da malagueira





centro-histórico de Évora
arcadas da praça do giraldo

eixo comercial

eixo cultural

planta esquemática da proposta
percurso pedonal coberto

03 ESTADO LOCAL

PROPOSTA



um passeio pela cidade...

Num passeio pela cidade a passo uniforme é revelada uma sucessão de enfiamentos e pontos de vista que dinamizam o espaço na percepção do pedestre.

Esta dinâmica traduz-se na emoção que o espectador experimenta na cidade quando é conduzido entre ruas, largos e praças. Tal sensação de inerente descoberta é um elogio urbano que todos apreciamos numa caminhada por Évora ao final de uma tarde de verão. Ao entrarmos no eixo desde as portas de Moura até à praça do Giraldo revela-se o cheiro da pedra quente que nos entorpece os pés num ritmo compassado, a ausência do automóvel e o ritmo lento das pessoas que por ali passam, a cor quente do sol reflecte-se nas paredes caiadas e cai absorvida no chão cinza. Somos conduzidos com deleite pela rua e tentamos absorver ao máximo os prazeres sensoriais daquela luz, quando, de repente, somos surpreendidos pela praticidade que antecede umas arcadas de uma escala delicadamente humana. A luz difunde-se e o percurso continua mais fresco e leve pela sombra, o cheiro muda, surgem os aromas de perfume das lojas ali adoçadas, e da pastelaria que mais à frente aparece antecedendo a descoberta da Praça do Giraldo, onde a luz surge novamente interrompida pela sombra das graves colunas da arcada, um novo ritmo surge, inerte e superior ao compasso humano. Uma leve brisa vem da grande praça. Emoldurada pelos arcos ela é aberta e de escala ainda assim surpreendente. Debaixo daquele prazeroso tecto observamos as esplanadas a formarem concentrações de pessoas que por ali planeiam jantar. Novos aromas surgem, assim como o burburinho das conversas que se dissolvem na brisa calorenta, nas cores esbatidas e na leve textura rugosa da calçada.

Passada a grande praça luminosa, surgem de novo as ruas sinuosas e estreitas, ladeadas de imponentes edifícios que albergam outros programas ali improvisados. Segue-se pela rua do Raimundo, calcetada e que, pela grande inclinação, enquadra um céu recortado pela massa irregular que constrói a rua. Mais tarde a rua abre-se, surgem longos muros horizontais que envolvem os pátios com as copas de algumas árvores a espiarem a rua. Uma última curva surge, como que a suspender a descoberta da grande muralha que cerca a cidade antiga.

Passando o limite do centro histórico, surge novamente a mão do sol, pesada, sobre uma cidade periférica e sem escala que absorva o calor e que conduza. Seguimos o percurso debaixo das copas dos robustos plátanos que ladeiam a grande via de circunvalação rodoviária até encontrar um novo elemento.

Um elemento de materialidade crua como a muralha, e condutor como a arcada à pouco passada. Um percurso destinado ao pedestre, um abrigo do sol.

Nesse percurso, tal como numa rua, as pessoas intersectam-se, interagem e convivem com os espaços e entre si.

(Existe uma relação recíproca entre os espaços construídos e o vazio da "rua" - um sustenta o outro com as suas qualidades. A rua enquanto elemento social necessita dos espaços enquanto elementos dinamizadores e vice-versa.)

Surge assim, naturalmente, a vantagem do acontecimento.

Num percurso sequencial por esta rua, somos recebidos pela praça confinada entre a escala da muralha, o muro da cerca do convento dos Remédios e da referida galeria - um limite claro entre as vias de circulação rodoviárias e este espaço inteiramente destinado à vivência e circulação pedonal. É ainda perceptível a diferença de escalas entre a galeria, contínua, e os espaços de acesso aos programas - blocos brancos que se relacionam com a escala das habitações rurais, pré-existentes na memória do local. Existe ainda o pátio da biblioteca, que a uma cota inferior, proporciona a relação visual com o pedestre e uma relação sensitiva com o leitor, interrompida pela folhagem das grandes árvores que o pontuam e protegem. O percurso continua e encontramos novos espaços de vivência - a cafeteria, que se relaciona com a praça e onde se ouve o burburinho das conversas de quem por ali decide parar e descansar ou ainda o pregar do vendedor de jornais que mais à frente estabeleceu inesperadamente ali a sua banca. Segue-se o acesso às áreas de exposições, marcado por uma torção na rua que releva a transição para um jardim expositivo e de recreio. O jardim é ainda pontuado pela existência de

atmosferas

PROPOSTA

porta do raimundo

rua do raimundo

praça do giraldo

CENTRO HISTÓRICO

um pátio - o pátio enquanto espaço expositivo - de base circular e com um acesso descendente em espiral em torno de um espelho de água que reflecte, controversamente, a elevação da alma enquanto espírito criativo. O percurso desenvolve-se até surgir o acesso aos auditórios. Estes desenvolvem-se, também, em torno de um pátio - um auditório ao ar livre ou simplesmente um espaço de lazer e de descanso, onde ao passar se ouve a melodia de um filme de verão.

O percurso acaba, mas tal como nas arcadas, fomos conduzidos e distraídos pela dinâmica dos acontecimentos.

Mais à frente surge um novo coberto, desta vez um coberto vegetal. Uma grande massa arbórea que envolve a ermida de S. Sebastião. Revela-se uma escadaria em pedra e mais à frente um novo elemento. O chafariz das Bravas. E, é como o correr fluído da água, que encontramos, finalmente, o bairro da Malagueira. Há uma nova escala envolvente e a memória familiar de um bairro rodeado de campo e de sol. Este é coeso, branco e delicado. Surge a pequena porta e a janela, interrompidos pelos muros brancos que envolvem os pátios e os seus limoeiros. E, inesperadamente revela-se um pórtico cinzento, imponente e protector e que, apesar de ter uma escala mais urbana, é o elemento que liga todo o edificado e que nos abriga e conduz na descoberta de novos espaços - as casas, os jardins, o campo, os cafés e as lojas - fulcrais à vivência e permanência no bairro. Fim.

WALKING

04 ESTADO GLOCAL

REFERÊNCIAS

Conceito Glocal = Global + Local

Para ser universal tem de ser local.

A ideia de continuidade, de fluidez de um único edifício perante a cidade é uma característica extremamente funcional e que é chamada frequentemente à actualidade como sistema ou método de inserção dos programas dentro de uma única estrutura. Sendo que, como referido atrás no Estado Global, o problema actual das cidades e especificamente de Évora, consiste na descontinuidade entre as várias estruturas urbanas dentro da cidade global, é necessário criar sistemas de cozimento que tanto passam pelo estudo e analogia das infra-estruturas locais como pelo entendimento dos novos métodos tecnológicos e do novo habitar.

"Hoje, estes modelos estão a aparecer por toda parte. Nós os chamamos de campos, tapetes, matrizes. O tapete de respostas para as chamadas de retomo para a eficiência no uso da terra, a indeterminação em tamanho e forma, a flexibilidade no uso do edifício, e da mistura do programa. Diante destes desafios, e em cada outro projecto publicado em todas as revistas, a construção "Mat" pretende abordar um vasto leque de problemas preocupantes da arquitectura contemporânea." (17)

Hashim Sarkis

Exemplos de estruturas contínuas

Mercado de Braga, por Eduardo Souto Moura

1980-84

"O sítio era aquele e só aquele. Uma quinta murada encravada na cidade. No centro do terreno, uma colina. No topo uma casa. Era o encontro de dois caminhos, eixos ortogonais do terreno que o ligavam à cidade. Se o encontro era ali, na casa, o mercado ficou lá. Se o caminho era a direita, o mercado pousou lá. Pousou de nível entre dois muros de suporte. Por fora o sítio mexeu um pouco. Por dentro é, ao passar, escolher entre os pilares." (18)

Eduardo Souto De Moura

Funf Hofe, por Herzog & de Meuron

1999

O Funf Hofe, localizado no coração da cidade de Munique ocupa uma área central de um quarteirão com duas frentes de rua.

O projecto, que tinha como programa um complexo comercial, de lojas, restaurantes, escritórios e mesmo zonas habitacionais. Teve como base a ocupação de todo o terreno como meio de obter as duas frentes de rua, desenvolvendo o conceito de ruas transversais, cobertas e exclusivas a peões, influenciadas nas Galerias cobertas do século XIX.

Funf Hofe que em português significa cinco pátios, constitui outro dos conceitos do projecto, uma vez que o edifício possui exactamente cinco pátios, cada um com o seu próprio carácter que juntamente com as passagens cria uma rede de percursos e transições de espaços, entre o que é construído, o programa, e os vazios dos pátios.

fig.47
mercado de braga, 1980-84
eduardo souto de moura

fig.48
plantas
mercado de braga, 1980-84
eduardo souto de moura

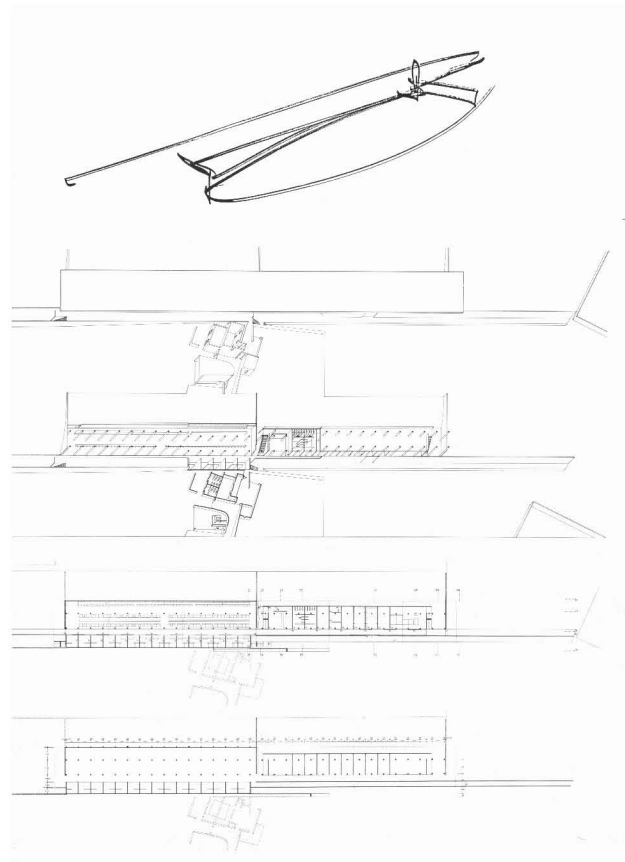
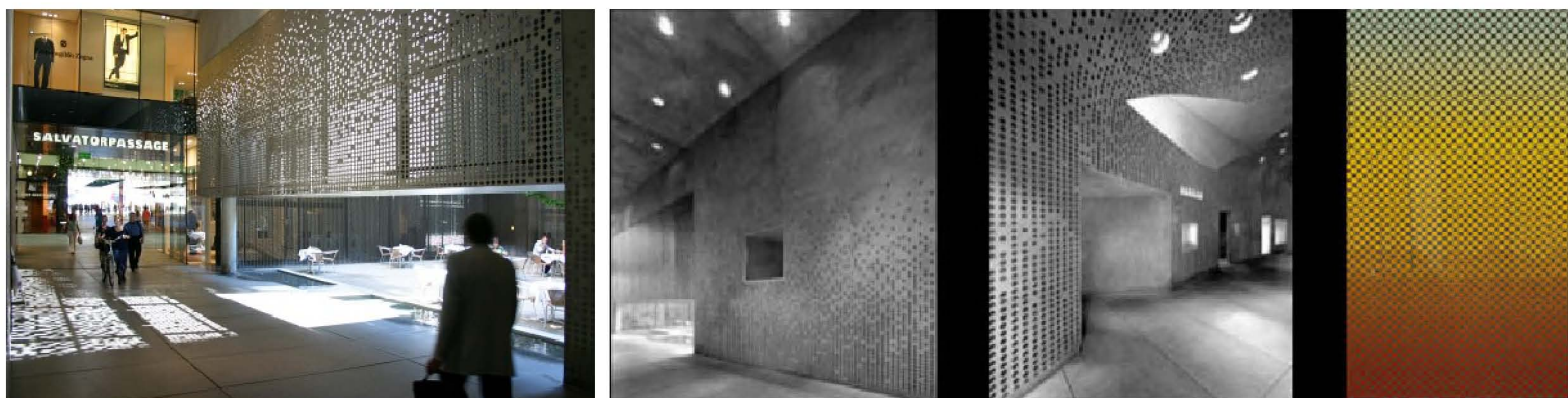


fig. 49, 50
funf hofe (cinco pátios), Munique, Alemanha, 1999
Herzog & de Meuron



04 ESTADO GLOCAL PROJECTO

" É necessário tender para o estabelecimento de padrões para poder enfrentar o problema da perfeição. (...) o Parthenon é um produto de selecção aplicada a um padrão. (...) A arquitectura age sobre os padrões.(...) os padrões são estabelecidos a partir de um problema bem colocado.(...) A experimentação fixa, definitivamente, o padrão." (19)

Le Corbusier (in: *Vers une Architecture*)

Partindo do princípio um tanto abstracto de que a inserção pontual desta estrutura na cidade, funciona como uma ampliação longitudinal da rua, neste caso da Rua do Raimundo, para a periferia, até encontrar o Bairro da Malagueira. Racionalizando esta ideia, poderemos transformá-la num padrão que apesar de obedecer às premissas locais, topográficas e morfológicas da envolvente próxima, pode ainda assim ser adaptado a cada realidade. Neste caso ao longo de todas as principais portas da cidade, como novas ligações entre a cidade intra-muros e a cidade extra-muros. A mesma intenção do aqueduto da Malagueira assim se repete. O que de resto foi explicado nos capítulos anteriores, que o futuro da regeneração das áreas urbanas inexploradas passa pelo planeamento abrangente de estruturas únicas capazes de satisfazer as necessidades primárias dos habitantes locais. Neste caso, abrigo, sombra, identidade e cozimento entre duas áreas distintas dentro da estrutura urbana global, a cidade de Évora. Se subentendemos que estas premissas satisfazem os cidadãos e promovem o seu atravessamento pedonal, então o padrão justifica-se, desde que

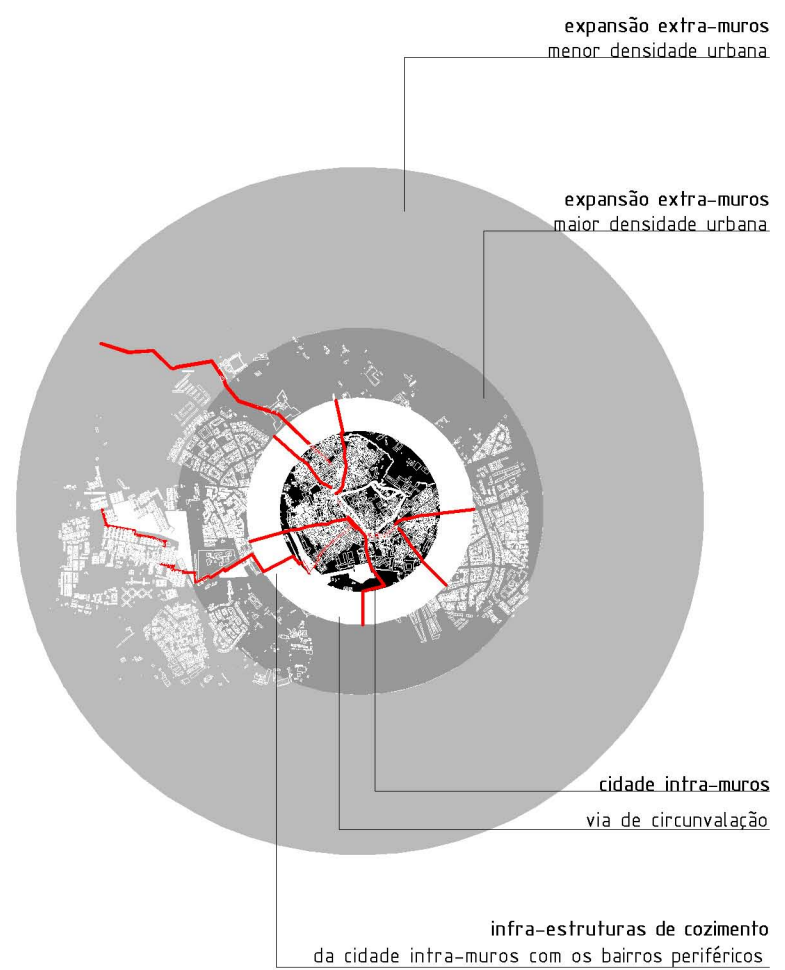
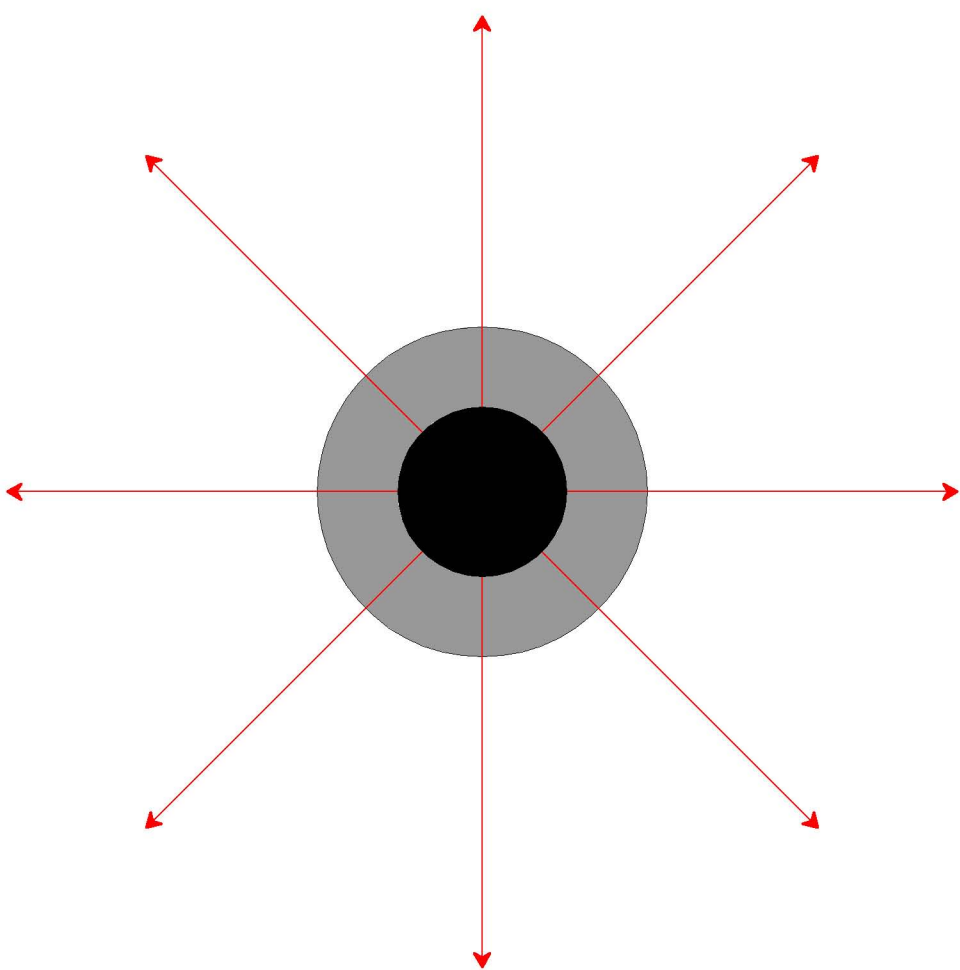
não generalizado mas de acordo com as premissas e necessidades programáticas inerentes a cada bairro.

Pretende-se pois, ligar a cidade monumental intra-muros, com os diferentes núcleos habitacionais periféricos no mesmo sentido radial das principais ruas de Évora. Através de um sistema de eixos pedonais, catalizadores e estruturantes da malha urbana e dos diferentes núcleos programáticos em si, tudo numa única estrutura e a caminho de um único conceito a que chamamos cidade.

"Não se pretende a procura do vernacular. Desde os anos 60, o objectivo tem vindo a ser cada vez mais evidente: continuum e variedade dentro da mesma estrutura - uma estrutura capaz de conter a complexidade das relações sociais de todas as peças da cidade." (20)

plantas esquemáticas de Évora

proposta ligação da cidade intra-muros com os bairros periféricos através de infra-estruturas pedonais com um programa funcional associado





CONCLUSÃO

Parece significativo que, numa época de rápidas transformações, mais do que uma alucinante e incessante destruição, seja necessária uma materialidade que absorva essas alterações. São lançadas as bases desafiadoras por uma arquitectura que se reorganize mais do que se destrua com os impactos naturais, num tempo de variações e mudanças. A contemporaneidade exige espaços ágeis em transformação, o que, materialmente, permite a mutação da arquitectura no tempo e no espaço. Por mais durável que seja a construção, são as relações que definem a experiência dos lugares, assim como os fios de passagem - os circuitos e caminhos que desenham o pulso das cidades.

É entre o caminhar desenhado por um percurso proposto e o caminho, que a percepção da paisagem se configura. O movimento faz parte da apreensão dos lugares, e é imediatamente associado à circulação, ao trânsito das cidades e à forma de percorrê-las. O mecanismo dos equipamentos desempenha um papel importante nessas deslocações. Permite o fluxo nos lugares e constitui uma infra-estrutura evidente.

A presente proposta pretende, em quatro escalas diferentes, observar as qualidades desse movimento, e compreender a circulação como experiência de descoberta pela cidade, ou do caminhar entre os espaços dentro da própria estrutura local. Mais do que um destino, importa o trajecto. Como tal, evidencia-se uma estrutura, que no seu trajecto, não abstraia ou desconecte os espaços, mas sim os revele com outras possibilidades. Tem de ser um todo. Como tal não pode configurar circuitos fechados,

mas sim mobilidades. O imprevisto mais do que o esperado, é o desejável.

A proposta prefigura portanto outra dimensão no percurso. Ela é permeável e evoca novos enquadramentos da cidade. Tem um passo mais lento, mais humano.

É uma infra-estrutura com condição de cidade. Incorpora diferentes programas, diferentes vivências. É um edifício cultural, é uma biblioteca, um café ou um concerto ao ar livre. Prevê portanto, um conjunto de permutas sociais. É um local de passagem, de concentração ou simplesmente lúdico.

Esta hibridação de conceitos, aparentemente contrários, está presente na própria cidade. E também na arquitectura. O arquitecto observa e recebe. É, por sua vez, com um olhar estático e dinâmico que propõe, tanto fluxos quanto espaços.

A condição corpórea e táctil da proposta tem algo de recuperação de situações originais que, sem dúvida, estiveram presentes nas obras daqueles que pela primeira vez se enfrentaram com a construção, a arquitectura: um abrigo, uma sombra, um caminho, uma torre de vigia, um lugar na natureza, etc., um compromisso pelo vazio que é radicalmente contemporâneo, e, por sua vez, subtilmente anacrónico: razão explícita no verso de Evtuchenko, em que, contrariamente ao que Raimbaud defende: o sermos sempre *absolutamente modernos*; recomendava antes, mantermo-nos *algo anacrónicos* para podermos ser reconhecidos por todas as gerações, as anteriores e as vindouras... Percurso, vazio, pátios, sim, mas com um toque nostálgico, um certo anacronismo..., como Bruno Latour defende: *nunca fomos modernos*.

fig.51
pórtico de san luca, bolonha, itália,1732

fig.52
a journey from a to b , 1969
superstudio

fig.53
museu de arte de são paulo, brasil, 1958
lina bo bardi



NOTAS

(1)

"O lento passar do tempo e a escassez de meios trouxeram até nós um espaço construído sedimentado, muito ligado às próprias características físicas do território e do sítio. Um espaço onde ainda existe a diferenciação entre campo e aglomerado urbano, e onde o construído muitas vezes se funde com a própria paisagem. Marcado pela presença dos "montes", no horizonte - ou talvez já só na nossa memória -, construções robustas, espaços definidos e concretos, sobre um território vasto, etéreo, sem fim. A expressão da massa, a solidez da construção, a definição dos volumes, o silêncio dos vazios, o recorte das sombras nos muros. Um espaço de memória. Do tempo dos árabes, ou do tempo da reforma agrária. Memórias afastadas pela erosão.

Aqui o tempo ganha protagonismo. Sobrepõem-se diferentes velocidades. O tempo extenso dos homens sentados frente ao café da aldeia, a observar, e o tempo de quem percorre apressadamente a estrada, de carro e telemóvel, atravessando a paisagem, entre povoações. Do tempo indispensável para pensar, construir e habitar ao tempo da vida contemporânea, aparentemente desadaptado a este território."

In: Habitar Portugal 2003/2005, secção do Sul: texto de abertura da autoria do arquitecto João Matos (comissário regional Sul), pag. 165-167.

(2)

"(...) vivia ao ritmo da carroça e dos ciclos agrícolas, onde a viação acelerada, como então se dizia do comboio, nunca foi motor de progresso."

Sobre a cidade de Évora.

In: Riscos de um Século, Memórias da evolução urbana de Évora. Câmara Municipal de Évora, pag. 7

(3)

"A cidade de Évora é, pelo seu valor intrínseco, de interesse nacional, devendo, por isso, manter-se a sua fisionomia sem alterações que a prejudiquem. Há, no entanto, tendências acentuadas para a sua expansão extra - muros, tendo como linha de partida a chamada estrada de circunvalação. Devem pois estabelecer-se três zonas de construção, segundo o interesse arquitectónico: Primeira - A cidade antiga. Segunda - A estrada da circunvalação e Avenida do Doutor Barahona. Terceira - A

restante parte extra-muros".

Capítulo II da divisão da cidade em zonas - Artigo terceiro

In: Riscos de um Século, Memórias da evolução urbana de Évora. Câmara Municipal de Évora, pag. 58

(4)

"O problema actual consiste em como pensar e projectar contemporaneamente a cidade, num mundo em constante evolução. A resposta a esta questão assume cada vez mais a dimensão do acto cirúrgico numa redefinição e cozimento das suas diversas partes, das várias cidades dentro da estrutura urbana global. Esta atitude rumo a uma nova definição ou uma "nova urbanidade" terá de contribuir para a reconstrução da imagem mental dentro da complexidade presente e ao mesmo tempo recentrar o espaço público como de experiência entre indivíduos."

Pedro Lebre, in: Cidades flexiexistencialistas, capítulo: Cidades: da imagem mental ao espaço público.

(5)

"L'architecture arabe nous donne un enseignement précieux. Elle s'apprécie à la marche, avec le pied; c'est en marchant, en se déplaçant que l'on voit se développer les ordonnances de l'architecture. C'est un principe contraire à l'architecture baroque qui est conçue sur le papier, autour d'un point fixe théorique. Je préfère l'enseignement de l'architecture arabe".

Le Corbusier. Jeanneret, in: Oeuvre Complète 1929-1934, pag. 24.

(6)

"A melhor maneira de planejar no centro da cidade é vendo como as pessoas o usam hoje, de maneira a procurar os pontos fortes para depois os explorar e reforçar. Não há lógica que se sobreponha à cidade, se as pessoas a usam assim, e é para elas, então não devem ser apenas os edifícios que cabem nos nossos planos".

Reflexão sobre o movimento social nos bairros periféricos de Londres.

Jane Jacobs, in: Jane's walk

(7)

"Priene or perhaps Sicilian example, Selinus or Solunto (alternative, the American grid town and what happens to it in use). Greek villages and droppatem, causeway type antecedents. Medenine or other North African influences on CIAM. That poetry could be made out of the regular was seen by Le Corbusier and other French members of CIAM. One of our earliest images was the negative pattern of living Honan, where path, tree, communal/ social space was clear to horizontal, not cluttered with offensive semi-d's: regular irregularity; found in North Africa also, at Matmata."

"In the Works of Sinan...his Sulymaniye, Istambul...other Works in the field of Islamic architecture of which we know all too little considering the direction of our interests."

Alison Smithson, in: Article: How to recognise and read mat-building, 1974

(8)

"O automóvel obrigou a cidade contemporânea a desenhar-se de outra maneira."

Manuel Graça Dias, in Conferência: depois da cidade viária. Universidade de Évora, 18.05.2011

(9)

"In the center of the town the streets should become buildings."

Em 1961, Louis Kahn recebeu uma proposta para a elaboração de um estudo e resolução do tráfego na cidade de Filadélfia, Estados Unidos. Louis Kahn, propõe então um sistema de viadutos, passagens pedonais e automóveis independentes como meio de resolver os problemas de congestionamento da cidade e visando a humanização da mesma. Na conferência internacional de Design de 1962, em Aspen, no Estado de Colorado, ele descreve a sua proposta:

"In the center of town the streets should become buildings. This should be interplayed with a sense of movement which does not tax local streets for non-local traffic. There should be a system of viaducts which encase an area which can reclaim the local streets for their own use, and it should be made so this viaduct has a ground floor of shops and usable area."

Louis Kahn

(10)

"Um "Mat-Building" pode dizer-se que resume o colectivo, onde as funções vêm enriquecer o tecido, e o indivíduo ganha novos espaços de liberdade e de acção através de uma nova ordem de espaços, com base na interligação, novos padrões, novas associações, e aberto para as possibilidades de crescimento, diminuição e mudança."

Alison Smithson in: Article: How to recognise and read mat-building, 1974

(11)

"Un axe est peut-être la première manifestation humaine; c'est le moyen de chaque acte humain. .
L'axe est le régulateur de l'architecture. . . L'arrangement est l'évaluation des haches, et ainsi il est l'évaluation des objectifs, la classification des intentions. L'architecte assigne donc des destinations à ses haches. Ces extrémités sont le mur (l'espace, la sensation sensorielle) ou lumière et espace (encore sensation)."

Le Corbusier, in: *Vers une Architecture*

(12)

"pequenos prazeres da vida, poder ver a arquitectura desde a arquitectura e a minha casa desde a minha casa".

Alison Smithson

(13)

"(...)a presença onisciente de um monumento."

Sobre o Genius Loci, ou a importância da envolvente local: cultural, social e histórica, como parte integrante da metodologia projectual. Como modo de preservar os sítios e a memória colectiva do local.

Aldo Rossi, in: *A arquitectura da cidade*

(14)

o "mat-building" é uma estrutura cuja ordem se baseia em três parâmetros: interconexão, padrões de associação estritamente ligados e possibilidade de crescer, diminuir e mudar.

Alison Smithson in: *Article: How to recognise and read mat-building, 1974*

(15)

"No que respeita às plantas do hospital, estas fundir-se-ão com as suas imediações mediante um processo de osmose."

Le Corbusier (carta dirigida ao presidente do hospital de Veneza, Março de 1964)
Hashim Sarkis, in: *CASE: Le Corbusier's Venice Hospital*

(16)

"Toma-se hoje muito clara a consciência da mútua relação espaço organizado - comportamento humano, a todos os níveis de qualidade e de quantidade, o que permite encarar o problema da cidade como forma (e não soma de formas) e suas determinantes no comportamento global do Homem, indivíduo ou membro de uma comunidade, e, paralelamente, a acção do Homem no quadro da cidade, de onde resultam acções e reacções mútuas de causa e efeito que nos levam a afirmar que, se sem o Homem não há cidade, também sem cidade não há Homem."

Fernando Távora, in: prefácio de *a cidade como arquitectura*, 1969, da autoria de Nuno Portas

(17)

"Hoje, estes modelos estão a aparecer por toda parte. Nós os chamamos de campos, tapetes, matrizes. O tapete de respostas para as chamadas de retomo para a eficiência no uso da terra, a indeterminação em tamanho e forma, a flexibilidade no uso do edifício, e da mistura do programa. Diante destes desafios, e em cada outro projecto publicado em todas as revistas, a construção "Mat" pretende abordar um vasto leque de problemas preocupantes da arquitectura contemporânea."

sobre a noção de mat-building na contemporaneidade

Hashim Sarkis, in: *CASE: Le Corbusier's Venice Hospital*

(18)

"O sítio era aquele e só aquele. Uma quinta murada encravada na cidade. No centro do terreno, uma colina. No topo uma casa. Era o encontro de dois caminhos, eixos ortogonais do terreno que o ligavam à cidade. Se o encontro era ali, na casa, o mercado ficou lá. Se o caminho era a direita, o mercado pousou lá. Pousou de nível entre dois muros de suporte. Por fora o sítio mexeu um pouco. Por dentro é, ao passar, escolher entre os pilares."

Eduardo Souto De Moura in: *catálogos de Arquitectura Contemporânea*, GG, pag. 18.

(19)

" Il faut tendre à l'établissement de standarts pour affronter le problème de la perfection. Le Parthénon est un produit de sélection appliqué à un standart.

L'architecture agit sur des standarts.

Les Standarts sont chose de logique, d'analyse, de scrupuleuse étude; ils s'établissent sur un problème bien posé. L'experimentation fixe définitivement le standart."

Le Corbusier, in: *Vers une Architecture*, pag.103.

(20)

"Não se pretende a procura do vernacular. Desde os anos 60, o objectivo tem vindo a ser cada vez mais evidente: continuum e variedade dentro da mesma estrutura - uma estrutura capaz de conter a complexidade das relações sociais de todas as peças da cidade."

In: *The Planned City*, volume III: *Planning the Articulation Between the Historical City Center and the New Urban Extension* . pag. 923.

BIBLIOGRAFIA

- A Poética da Cidade, Évora. A Cidade e o Território. Câmara Municipal de Évora, 2000.
- BENEVOLO, Leonardo. História da Arquitectura Moderna. São Paulo: Perspectiva, 1976. ISBN: 9788527301497
- BOESIGER, W.. Le Corbusier et son atelier rue de Sèvres 35, Oeuvre complète, 1957 -1965. Zurich: Editions Girsberger, 1965.
- CHING, Francis D. K.. Architecture, Form, Space and Order. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2000 (1982).
- CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 2006. ISBN: 9789724414010
- FRAMPTON, Kenneth. História crítica de la arquitectura moderna. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009. ISBN: 9788425222740.
- GOITIA, Fernando Chueca. Breve história do urbanismo. Portugal: Editorial Presença, 1982. ISBN: 9688873403.
- Habitar Portugal 2003/2005. Seleção MAPEI/ Ordem dos Arquitectos. Lisboa, 2006. ISBN: 9789728897208.
- KENNEDY, Declan; KENNEDY, Margrit. La Ciudad Interior. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1978. ISBN: 8425207401.
- KOOLHAAS, Rem. Três Textos Sobre a Cidade. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010. ISBN: 9788425223716.
- KOOLHAAS, Rem. Nova York Delirante. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008. ISBN: 9788425222481
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade: dissertação de Doutoramento em Planeamento Urbanístico da Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura. Lisboa, 1988.
- LE CORBUSIER. Vers une Architecture. Paris: Flammarion, 1995. ISBN: 208081611X
- LYNCH, Kevin. A Boa Forma da Cidade. Lisboa: Edições 70, 1999. ISBN: 9724410250.
- MCCARTER, Robert. Louis Kahn. Londres: Phaidon Press, 2005. ISBN: 0714840459.
- PETROCCIOLI, Attilio; STELLA, Michele; STRAPPA, Giuseppe. The Planned City: ISUF International Conference, Volume III. Bari: Unoiongrafica Corcelli Editrice. Proceedings of the international conference, trani, 3-6 July, 2003. ISBN: 8873290434.
- PORTAS, Nuno. A cidade como arquitectura: apontamentos de método e de crítica. Lisboa: Livros Horizonte, 1969.
- Riscos de um Século, Memórias da evolução urbana de Évora. Câmara Municipal de Évora, 2001. ISBN: 9728509170.
- ROSSI, Aldo. A Arquitectura da Cidade. Lisboa: Cosmos, 2001. ISBN: 9727621260.
- SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. Nova Iorque: The Monacelli Press, 2001. ISBN: 1580930506.
- VIEIRA, Álvaro Siza. Imaginar a evidência. Lisboa: Edições 70, 2000. ISBN: 9724410331.

Revistas e Artigos

COLL, Jaime. Mat Building. CIRCO Architecture Magazine: El Curso de Las Cosas. Madrid, 1998.

GOMÉZ, Raul Castellanos; CALABUIG, Débora Domingo; CUECO, Jorge Torres. Del Mat-Building à la Ciudad en el

Espacio. Boletim Académico, Escola Técnica Superior de Arquitectura: Universidade da Corunha, 2011.

ISBN: 21736723.

Jornal dos Arquitectos. Infra-estruturas, nº225. Virús: *Desvíos*. Fernando de Mello Franco e Marta Bogéa.

Portugal: Ordem dos Arquitectos, 2006. ISBN: 08701504.

Jornal dos Arquitectos. Público, nº228. Virús: Henri Lefebvre , *O Direito à Cidade* . Henri Lefebvre. Marta Galvão

Lucas. Portugal: Ordem dos Arquitectos, 2007. ISBN: 08701504.

L'Architecture D'Aujourd'hui. Structures, nº 141. France, 1968.

L'Architecture D'Aujourd'hui. Architecture de Soleil, nº167. France, 1973.

PER,Aurora Fernández; MOZAS, Javier; ARPA, Javier. This is Hybrid . prólogo de Steven Holl. t +, 2011. ISBN: 9788461464524

SMITHSON, Alison. How to recognise and read Mat-Building. 1974

Web

O Bem Mais Precioso: Entrevista ao arquitecto Vittorio Magnago Lampugani. RISCO: revista de pesquisa em arquitectura e urbanismo: Universidade de São Paulo, 2003.

<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/risco/n1/11.pdf>

STRAUVEN, Francis. Aldo Van Eyck: Shaping the New Reality From the IN-between to the Aesthetics of Number.

<http://www.cca.qc.ca/system/items/1947/original/Mellon12-FS.pdf?1241161450>

Filmes

METROPOLIS. Fritz Lang. Duração: 153 minutos ,1927.

POWERS OF TEN. Eames office llc. Duração: 9,01 minutos , 1977

<http://www.youtube.com/watch?v=0fKBhvDjuy0>

FONTES DAS ILUSTRAÇÕES

fig.1 fotografia de Évora, Arquivo Fotográfico de Évora.

fig.2 fotografia aérea de Évora, Arquivo Fotográfico de Évora

fig.3 marquise do parque Iberapuera, São Paulo, Brasil, arq. Oscar Niemeyer

fig.4 arcada de Kramgasse, Berna, Suíça <http://www.google.pt/imgres?q=kramgasse&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=D8w4TcOHXWGoZM:&imgrefurl=http://www.onobem.ch/geschichte/&docid=O0lySSAjnQD1IM&w=870&h=200&ei=uPJ_TpKYlc208QODxI2RAQ&zoom=1&iact=hc&vpx=90&vpy=361&dur=3781&hovh=107&hovw=469&tx=359&ty=78&page=11&tbnh=49&tbnw=213&start=116&ndsp=11&ved=1t:429,r:0,s:116&biw=1280&bih=572.jpg>

fig.5 rua pedonal, Perugia, Itália

<<http://cmuarch2013.files.wordpress.com/2009/07/walking.jpg>>

fig.6 um pórtico em Bolonha, Itália

<<http://cmuarch2013.files.wordpress.com/2009/07/bolognese-porticoes1.jpg>>

fig.7 via dell'acquedotto, Perugia, Itália

<<http://cmuarch2013.files.wordpress.com/2009/07/via-dellacquedotto.jpg>>

fig.8 membros do Team X, Roterdão

<http://www.google.pt/imgres?q=team+10+roterd%C3%A3o&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=gHIRBUZ5MHKmdM:&imgrefurl=http://www.domusweb.it/en/architecture/rotterdam-remembers-the-il-team-10/&docid=RqTl0B_eBq-7BM&w=307&h=465&ei=q_R_TtR2Jci8QQInJ2MAQ&zoom=1&iact=hc&vpx=320&vpy=94&dur=94&hovh=276&hovw=182&tx=102&ty=119&page=1&tbnh=109&tbnw=72&start=0&ndsp=22&ved=1t:429,r:1,s:0&biw=1280&bih=572.jpg>

fig.9 artigo: How to recognise and read mat-building, 1974, Alison Smithson

<http://www.google.pt/imgres?q=how+to+recognise+and+read+mat-building&um=1&hl=pt-PT&sa=N&tbn=isch&tbnid=8-CKT3URvc6wM:&imgrefurl=http://at1patios.wordpress.com/tag/how-to-recognise-and-read-mat-building/&docid=6UnTRMjD-JILXM&w=3015&h=2345&ei=-_R_TveuM4jC8QOVyITYBA&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=218&page=1&tbnh=110&tbnw=140&start=0&ndsp=21&ved=1t:429,r:0,s:0&tx=91&ty=54.jpg>

fig.10 cidade de Kairouan, Tunisia

bing maps

fig.11 Piet Blom, district unit of Noah's Ark, 1961-62, Archive Piet Blom

<http://www.google.pt/imgres?q=piet+blom+ark&um=1&hl=pt-PT&biw=1280&bih=572&tbn=isch&tbnid=uJAX_o_gPNo7VM:&imgrefurl=http://www2.cca.qc.ca/pages/Niveau3.asp%3Fpage%3Dmellon_straiven%26lang%3Deng&docid=JxRw4v7iPI2UmM&w=125&h=120&ei=O_Z_ToiyIZGo8QON3OyVAQ&zoom=1&iact=rc&dur=93&page=1&tbnh=96&tbnw=100&start=0&ndsp=19&ved=1t:429,r:7,s:0&tx=66&ty=67.jpg>

fig.12 Souks, Marrakech

<http://www.google.pt/imgres?q=souks+marrakech&um=1&hl=pt-PT&sa=N&tbn=isch&tbnid=uV98qNVfzqLFCM:&imgrefurl=http://www.back2mine.net/index.php/gallery/category/197/&docid=ps4hvG2JI6vIUM&w=322&h=500&ei=bfZ_Ti3_CdKo8QPUIKx7&zoom=1&iact=hc&vpx=457&vpy=171&dur=78&hovh=280&hovw=180&tx=116&ty=230&page=2&tbnh=172&tbnw=112&start=21&ndsp=10&ved=1t:429,r:6,s:21&biw=1280&bih=572.jpg>

fig.13 planta de Fatehpur Sikri, Índia

<http://www.google.pt/imgres?q=fatehpur+sikri+plan&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=INgpzAY51uNsZM:&imgrefurl=http://www.boloji.com/index.cfm%3Fmd%3DContent%26sd%3DArticles%26ArticleID%3D984&docid=go43eMb6-MKKzM&w=400&h=341&ei=qvZ_TielB4608QPd07WAAQ&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=593&page=1&tbnh=115&tbnw=135&start=0&ndsp=21&ved=1t:429,r:0,s:0&tx=78&ty=39.jpg>

fig.14 Fatehpur Sikri

<http://www.google.pt/imgres?q=fatehpur+sikri&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=NCXL9QGZRVG6GM:&imgrefurl=http://www.ejiusa.com/india_city_details/fatehpur%2520sikri,%2520agra.html&docid=DDT4JG1vBraeyM&w=929&h=620&ei=2PZ_TonVBtCx8QOHnlStCg&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=140&page=3&tbnh=168&tbnw=221&start=31&ndsp=10&ved=1t:429,r:3,s:31&tx=138&ty=73.jpg>

fig.15 Matmata, Tunisia

<http://www.google.pt/imgres?q=matmata&um=1&hl=pt-PT&biw=1280&bih=572&tbn=isch&tbnid=F0p07wlmCuthKM:&imgrefurl=http://alegraycolor.blogspot.com/2010/06/matmata.html&docid=qRzqVWu6wmX01iM&w=665&h=517&ei=Xfd_TqbLBYsy8gPm1fiOAO&zoom=1&iact=rc&dur=156&page=1&tbnh=110&tbnw=154&start=0&ndsp=20&ved=1t:429,r:2,s:0&tx=75&ty=37.jpg>

fig.16 Matmata, Tunisia

<http://www.google.pt/imgres?q=matmata&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=qHS1Ksyyb8i_JM:&imgrefurl=http://www.tunisiaholiday.net/Our%2520Tours/Tour%2520Hannibal.htm&docid=3ONh1XT9fc21BM&w=448&h=303&ei=gPd_TrDkNliu8QPL3YSOAQ&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=93&page=3&tbnh=162&tbnw=242&start=29&ndsp=8&ved=1t:429,r:7,s:29&tx=106&ty=103.jpg>

fig.17 planta Deir el Bahari, Egipto

<http://www.google.pt/imgres?q=deir+el+bahari&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=sog8U88-f1E_tM:&imgrefurl=http://es.wikipedia.org/wiki/Deir_el-Bahari&docid=003oBqaffQJIM&w=330&h=446&ei=r_d_TpOUNJKo8QO6r6WKAQ&zoom=1&iact=hc&vpx=412&vpy=188&dur=187&hovh=261&hovw=193&tx=122&ty=93&page=1&tbnh=164&tbnw=121&start=0&ndsp=10&ved=1t:429,r:1,s:0&biw=1280&bih=572.jpg>

fig.18 Deir el Bahari

<http://www.google.pt/imgres?q=deir+el+bahari&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=IO-9Fr3bxotTqM:&imgrefurl=http://www.caminoto10.com/Egypt/Hatshepsut_Deir_Bahari.htm&docid=nlPNrLPcJ3ZM&w=600&h=450&ei=r_d_TpOUNJKo8QO6r6WKAQ&zoom=1&iact=hc&vpx=643&vpy=258&dur=578&hovh=194&hovw=259&tx=216&ty=182&page=3&tbnh=163&tbnw=212&start=19&ndsp=10&ved=1t:429,r:2,s:19&biw=1280&bih=572.jpg>

fig.19 plug in city, Archigram

<http://www.google.pt/imgres?q=plug+in+city&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=LV_OOD2ESE6WDM:&imgrefurl=http://stevenwolffinearts.com/dynamic/artwork_display.asp%3FArtworkID%3D580&docid=YYWaJ5MvQHgp9M&w=500&h=324&ei=-vd_Tp2jC4mz8QOI_dR4&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=282&page=1&tbnh=111&tbnw=148&start=0&ndsp=21&ved=1t:429,r:12,s:0&tx=98&ty=61.jpg>

fig.20 esquiço de Leonardo Da Vinci, plano para Veneza, Itália

<http://www.google.pt/imgres?q=leonardo+da+vinci+venice+plan&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=9tquDQjkOF1pbM:&imgrefurl=http://theurbanearth.wordpress.com/category/sala-de-leitura/page/2/&docid=CwhRe5Z38Nk93M&w=779&h=649&ei=Kfh_TtCYN4fX8gODoMGsAQ&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=110&page=6&tbnh=166&tbnw=199&start=64&ndsp=10&ved=1t:429,r:1,s:64&tx=183&ty=-39.jpg>

fig.21 planta das galerias Vittorio Emanuele, Milão, Itália

FONTES DAS ILUSTRAÇÕES

<http://www.google.pt/imgres?q=galerias+vittorio+emanuelle+plan&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=RCOL3qnD84WUuM:&imgrefurl=http://koalek.blogspot.com/2010_07_01_archive.html&docid=XF84-JlcT5OzaM&w=600&h=312&ei=Zfh_Tq-zBovB8QOVjaWqAQ&zoom=1&iact=hc&vpx=136&vpy=151&dur=141&hovh=162&hovw=312&tx=187&ty=107&page=1&tbnh=76&tbnw=147&start=0&ndsp=21&ved=1t:429,r:0,s:0&biw=1280&bih=572.jpg>

fig.22 galerias Vittorio Emanuele, Milão, Itália

<http://www.google.pt/imgres?q=galerias+vittorio+emanuelle&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=ceUellXA9IMdYM:&imgrefurl=http://olhares.aneiou.pt/galeria_vittorio_emanuele_foto2072063.html&docid=58aS7ju0VFsbxM&w=503&h=750&ei=ivh_TqXWDcKq8AOOwOiuAQ&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=94&page=7&tbnh=164&tbnw=110&start=69&ndsp=10&ved=1t:429,r:8,s:69&tx=30&ty=94.jpg>

fig.23 pórtico de San Luca, Bolonha, Itália

<http://www.google.pt/imgres?q=portico+di+san+luca&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=ITxEVGPDLmp-M:&imgrefurl=http://it.wikipedia.org/wiki/File:Fotografia_dell%27Emilia_-_n._161_-_Bologna_-_Veduta_del_monte_di_S._Luca_e_i_portici.jpg&docid=a2-xGowfxb6S1M&w=870&h=683&ei=wwh_Tu_SGMyo8APEwe2eAQ&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=93&page=13&tbnh=166&tbnw=211&start=145&ndsp=10&ved=1t:429,r:5,s:145&tx=233&ty=95.jpg>

fig.24 cartaz: How You May Live and Travel in the City of 1950, Harvey Wiley Corbett, 1925

<http://www.google.pt/imgres?q=harvey+wiley+corbett+new+york&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=ninREmSxE9M5VM:&imgrefurl=http://www.maximizingprogress.org/2010_05_01_archive.html&docid=Z1y_MZzbH_VaQM&w=293&h=400&ei=Nvl_TvyzBIOo8QPKgp2EAQ&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=31&page=3&tbnh=180&tbnw=132&start=38&ndsp=11&ved=1t:429,r:7,s:38&tx=89&ty=52.jpg>

fig.25 imagem do filme Metropolis, 1927, Fritz Lang

<http://www.google.pt/imgres?q=metropolis+film&um=1&hl=pt-PT&sa=X&tbs=isz:l&tbn=isch&tbnid=ZnK22Bao-C4_LM:&imgrefurl=http://jessefilmreviews.blogspot.com/2011/05/metropolis-film-review-and-essay.html&docid=q5XgV1g10UvDvM&w=1024&h=768&ei=6GiBTv3AMc7rsgbemJW5Dg&zoom=1&iact=hc&vpx=588&vpy=190&dur=2562&hovh=194&hovw=259&tx=104&ty=96&page=1&tbnh=151&tbnw=199&start=0&ndsp=10&ved=1t:429,r:2,s:0&biw=1280&bih=572>

fig.26 Robin Hood Gardens, Londres, 1969-72, Alison e Peter Smithson

<<http://www.google.pt/imgres?q=robin+hood+gardens&um=1&hl=pt-PT&sa=N&tbn=isch&tbnid=Ypl82cDFPQDihM:&imgrefurl=http://www.igndes.com/post/quickie-art-brut-x-peter-e-alison-smithson-808&docid=1gaCeiCfMoFHYM&w=1600&h=1263&ei=Km2BTo3ZOC7wsgbTxuD2DQ&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=500&page=1&tbnh=117&tbnw=159&start=0&ndsp=18&ved=1t:429,r:11,s:0&tx=70&ty=86>>

fig.27 Spacial City, Yona Friedman

<http://www.google.pt/imgres?q=spacial+city+yona+friedman&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=gWTVnp06gvB3MM:&imgrefurl=http://edificecomplex.tumblr.com/post/1625766140/yona-friedman-spatial-city-collage&docid=qm7_RTF0YCoFdM&w=500&h=196&ei=jfl_TvyPI8av8gOph4B9&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=187&page=2&tbnh=84&tbnw=215&start=19&ndsp=10&ved=1t:429,r:2,s:19&tx=146&ty=50.jpg>

fig.28 montagem, Superstudio

<http://www.google.pt/imgres?q=superstudio&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=NT6eXtqPDqR-SM:&imgrefurl=http://blog.surfacetoeair.com.br/misc/superstudio/&docid=VWdJnugnWw2jEM&w=400&h=619&ei=2vl_TubdOISs8gP254G2AQ&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=140&page=1&tbnh=119&tbnw=77&start=0&ndsp=21&ved=1t:429,r:15,s:0&tx=48&ty=40.jpg>

fig.29 Live without objects, Superstudio

<http://www.google.pt/imgres?q=superstudio&um=1&hl=pt-PT&tbm=isch&tbnid=UiqvylfD--k0M:&imgrefurl=http://hellavate.com/2010/04/superstudio-2/&docid=uSqAxfvJ17cUkM&w=576&h=393&ei=2vI_TubdOISs8gP254G2AQ&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=578&page=1&tbnh=114&tbnw=152&start=0&ndsp=21&ved=1t:429,r:7,s:0&tx=85&ty=71.jpg>

fig.30 implantação da Universidade de Toulouse, França, Candilis-Josic-Woods

<http://www.google.pt/imgres?q=toulouse+university+plan+candilis+josic+woods&um=1&hl=pt-PT&tbm=isch&tbnid=cWyl3rjZ5jmmUM:&imgrefurl=http://agingmodernism.wordpress.com/lemirail/&docid=j8_QyEP3N7AqQM&w=1000&h=939&ei=XPp_TpCxHYOu8gOP47WgAQ&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=360&page=1&tbnh=119&tbnw=127&start=0&ndsp=23&ved=1t:429,r:2,s:0&tx=92&ty=54.jpg>

fig.31 esquiço de Álvaro Siza Vieira, bairro da Malagueira, Évora

fig.32 esquiço de Álvaro Siza Vieira, bairro da Malagueira, Évora

<http://www.google.pt/imgres?q=evora-const-sketch+30&um=1&hl=pt-PT&tbm=isch&tbnid=VnHSzNzLVCcNUM:&imgrefurl=http://www.housingprototypes.org/project%3FFile_No%3DPOR003&docid=OV3xg1Ql1YRIUM&w=253&h=288&ei=e_5_Tpy2F4Su8gO977SiAQ&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=235&page=1&tbnh=113&tbnw=101&start=0&ndsp=21&ved=1t:429,r:0,s:0&tx=56&ty=60.jpg>

fig.33 conjunto de garagens, bairro da Malagueira, Évora

<http://www.google.pt/imgres?q=siza+vieira+bairro+da+malagueira+esqui%C3%A7os&um=1&hl=pt-PT&tbm=isch&tbnid=ZY4TX1vCe3ZXZM:&imgrefurl=http://diasdeumfotografo.blogspot.com/2010_08_01_archive.html&docid=KPaeUTuc6YR_vM&itg=1&w=500&h=332&ei=v_x_Tq2eBMaa8QPz_vyZAQ&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=156&page=1&tbnh=113&tbnw=151&start=0&ndsp=20&ved=1t:429,r:12,s:0&tx=68&ty=34.jpg>

fig.34 aqueduto do bairro da Malagueira, Évora

<http://www.google.pt/imgres?q=100SizaMalagueira%5B1%5D+2&um=1&hl=pt-PT&tbm=isch&tbnid=cdA8usryODa-rM:&imgrefurl=http://oqueeuandei.blogspot.com/2008/11/esquinas-de-lvaro-siza.html&docid=mTzKI-pSmf8hBM&w=400&h=199&ei=1_1_TuivKcnX8gOu3tV9&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=468&page=1&tbnh=129&tbnw=259&start=0&ndsp=10&ved=1t:429,r:0,s:0&tx=193&ty=68.jpg>

fig.35 arcadas da Praça do Giraldo, Évora

<http://www.google.pt/imgres?q=arcadas+pra%C3%A7a+do+giraldo&um=1&hl=pt-PT&tbm=isch&tbnid=gzVc7Cn5wC03DM:&imgrefurl=http://18e25.blogspot.com/2010/10/evora.html&docid=-8OI_ar3hNt_kM&w=1071&h=1600&ei=Zf1_TpC7BIHC8QPNxJWWAQ&zoom=1&iact=hc&vpx=661&vpy=176&dur=328&hovh=275&hovw=184&tx=124&ty=306&page=14&tbnh=157&tbnw=117&start=135&ndsp=11&ved=1t:429,r:8,s:135&biw=1280&bih=572.jpg>

fig.36 fotografia aérea, Évora,

Arquivo Fotográfico de Évora

fig.37 implantação Universidade Livre de Berlim, 1973, Candilis-Josic-Woods

fig.38 planta e cortes, Universidade Livre de Berlim

fig.39 maquete de percursos da Universidade Livre de Berlim

FONTES DAS ILUSTRAÇÕES

fig.40 maquete Universidade Livre de Berlim

<http://www.google.pt/imgres?q=free+university+of+berlin+candilis+josic+woods&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=2KuqE3dw2Yv dQM:&imgrefurl=http://at1patios.wordpress.com/&docid=9-yvkhRl3JiXM&w=847&h=463&ei=T_9_TpuVN8eo8AOmusiJAQ&zoom=1 &biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=156&page=1&tbnh=83&tbnw=151&start=0&ndsp=21&ved=1t:429,r:5,s:0&tx=71&ty=60.jpg>

fig.41 plano de tráfego para o centro de Filapélfia, 1953-55, Louis Kahn

<<http://cmuarch2013.files.wordpress.com/2009/07/kahn-traffic-study.jpg>>

fig.42 implantação do Orfanato de Amesterdão, 1957-60, Aldo Van Eyck

<http://www.google.pt/imgres?q=amsterdam+orphanage&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=wU5Gu7kHVodpdM:&imgrefurl=http://w ww.cleandesign05.co.uk/Architectural%2520Solutions%2520for%2520Urban%2520Housing.htm&docid=Z3uDMzAgCM_dpM&w=557& h=645&ei=GwCATumDJNGr8QPI28SRAQ&zoom=1&iact=hc&vpx=1024&vpy=112&dur=31&hovh=242&hovw=209&tx=159&ty=127&page= 1&tbnh=100&tbnw=86&start=0&ndsp=23&ved=1t:429,r:7,s:0&biw=1280&bih=572.jpg>

fig.43 cobertura do Orfanato de Amesterdão

<<http://www.google.pt/imgres?q=amsterdam+orphanage&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=FvVCY6Y4AsTxaM:&imgrefurl=http://s ocializarq.com/architecture-news/ad-classics-amsterdam-orphanage-aldo-van-eyck&docid=z17JMhcmdhikM&w=500&h=478&ei= GwCATumDJNGr8QPI28SRAQ&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=219&page=1&tbnh=127&tbnw=148&start=0&ndsp=23&ved=1 t:429,r:8,s:0&tx=80&ty=60.jpg>>

fig.44 fotografia de época do Orfanato de Amesterdão

<<http://www.google.pt/imgres?q=amsterdam+orphanage&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=8npHe5N4siiVUM:&imgrefurl=http://ala nkimarch1390.blogspot.com/2010/08/architect-aldo-van-eyck.html&docid=WMvbg1hIW3-BfM&w=562&h=450&ei=GwCATumDJNGr8Q PI28SRAQ&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=125&page=1&tbnh=113&tbnw=137&start=0&ndsp=23&ved=1t:429,r:3,s:0&tx=92 &ty=18.jpg>>

fig.45 maquete do Hospital de Veneza, 1964, Le Corbusier

<<http://www.google.pt/imgres?q=le+corbusier+venice+hospital&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=UPAZcC0uo8TGaM:&imgrefurl=ht tp://at1patios.wordpress.com/2009/09/01/el-hospital-de-venecia-de-le-corbusier-%252C%25BFel-primer-mat-building/&docid= V3aN1uqVcupD3M&w=425&h=346&ei=mQCATpzIAoak8QOF84ifAQ&zoom=1&iact=hc&vpx=836&vpy=234&dur=266&hovh=203&hovw= 249&tx=138&ty=111&page=2&tbnh=153&tbnw=195&start=22&ndsp=13&ved=1t:429,r:4,s:22&biw=1280&bih=572.jpg>>

fig.46 plantas esquemáticas do Hospital de Veneza

<<http://www.google.pt/imgres?q=le+corbusier+venice+hospital&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=t4-zM4Vm2qlacM:&imgrefurl=http://www.generativeart.com/on/cic/papers2005/30.MahnazShah.htm&docid=xhWMZzasvDFWM&w=456 &h=179&ei=mQCATpzIAoak8QOF84ifAQ&zoom=1&iact=hc&vpx=653&vpy=285&dur=5157&hovh=140&hovw=359&tx=195& ty=84&page=1&tbnh=58&tbnw=149&start=0&ndsp=22&ved=1t:429,r:11,s:0&biw=1280&bih=572.jpg>>

fig.47 plantas mercado de Braga, 1980-84, Eduardo Souto de Moura

Fig.48 e 49 Funf Hofe, Munique, Alemanha, 1999, Herzog e de Meuron

<<http://www.google.pt/imgres?q=funf+hofe+herzog&um=1&hl=pt-PT&sa=N&tbn=isch&tbnid=AGcDFXv0YIgb3M:&imgrefurl=http://you-are-here.com/europe/hof.html&docid=OVNIBnMJZ3NkLM&w=444&h=296&ei=ABmATISkLaH34QSI9v mzDg&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=235&page=1&tbnh=118&tbnw=157&start=0&ndsp=24&ved=1t:429,r:3,s :0&tx=83&ty=85.jpg>>

fig.50 Funf Hofe, Munique, Alemanha, 1999, herzog e de Meuron

<<http://www.google.pt/imgres?q=funf+hofe+herzog&um=1&hl=pt-PT&sa=N&tbn=isch&tbnid=2YJQGEPg7QQmfM:&imgrefurl=http://www.janadam.com/en/architectonic-projects/mnichov/&docid=95LNM1gf5BaHqM&w=548&h=224&ei=ABmATiSkLaH34QSI9vmzDg&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=203&pag=6&tbnh=83&tbnw=203&start=68&ndsp=12&ved=1t:429,r:6,s:68&tx=135&ty=47>>

fig.51 pórtico de San Luca, Bolonha, Itália

<<http://www.google.pt/imgres?q=portico+de+san+luca&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=ju8UrHiOjnpTtM:&imgrefurl=http://www.evanizer.com/castiglioni/castigobjectpages/sanluca.html&docid=1gIWHLyyt7W6EM&w=285&h=400&ei=Sn2ETo3NAoOw8QO6m81T&zoom=1&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=31&page=7&tbnh=165&tbnw=118&start=83&ndsp=10&ved=1t:429,r:1,s:83&tx=32&ty=26>>

fig.52 colagem conceptual, a journey from a to b, 1969, Superstudio

<http://4.bp.blogspot.com/-HsEx-7hC7SU/TX3zjVBHxEI/AAAAAAAAANw/_HEDlPqjY4/s1600/Superstudio%2BA%2BJourney%2Bfrom%2BA%2Bto%2BB%2B1969%2B.jpg>

fig.53 Museu de arte de São Paulo, Brasil, Lina Bo Bardi

<http://www.google.pt/imgres?q=2+cinema+masp&um=1&hl=pt-PT&tbn=isch&tbnid=v5RQWQeGM93aIM:&imgrefurl=http://www.gruporisco.org/t5.html&docid=FRQQaaW8llo3mM&w=400&h=600&ei=Q3-ETuy_Lsa78gOUxrVh&zoom=&biw=1280&bih=572&iact=rc&dur=63&pag=1&tbnh=164&tbnw=103&start=0&ndsp=11&ved=1t:429,r:0,s:0&tx=70&ty=80>

Nota:

Todas as fotografias não numeradas são de autoria própria.

EIXO CULTURAL
PERCURSO PEDONAL DE LIGAÇÃO

